

O TURISMO COMO AGENTE MODIFICADOR DA PAISAGEM
O CASO DO MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ – SÃO PAULO

NILTON SOARES VAL

Engenheiro Agrônomo

Orientador: Prof^a Dr^a SILVIA MARIA GUERRA MOLINA

Dissertação apresentada à Escola Superior de Agricultura
"Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, para obtenção
do título de Mestre em Ecologia de Agroecossistemas.

P I R A C I C A B A

Estado de São Paulo - Brasil

Novembro - 2004

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - ESALQ/USP**

Val, Nilton Soares

O turismo como agente modificador da paisagem : o caso do município de São Bento do Sapucaí – São Paulo / Nilton Soares Val. - - Piracicaba, 2004.
118 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 2004.
Bibliografia.

1. Desenvolvimento econômico 2. Ecologia da comunidade 3. Ecologia humana 4. Ecologia de paisagem 5. Ecoturismo 6. Impacto ambiental 7. Meio ambiente – Percepção 8. Paisagem 9. Turismo I. Título

CDD 574.5247

Permitida a cópia total ou parcial deste documento, desde que citada a fonte – O autor

Dedico esse trabalho e agradeço por diferentes formas de participação

À Paula de Oliveira Lima, minha companheira constante durante todo o caminho.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Silvia Maria Guerra Molina sempre paciente e incansável.

A meus pais pelo apoio incondicional.

Ao meu sócio Osvaldo Vallini, pela compreensão, paciência e apoio.

Aos “AMIGOS” de São Bento do Sapucaí, que são muitos e que ficarão para sempre em meu coração.

Aos professores e amigos que tiveram tempo e paciência na leitura e confecção de sugestões para melhorar esse trabalho.

SUMÁRIO

	Pagina
RESUMO.....	vi
SUMMARY.....	vii
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	5
2.1 Definições de paisagem	5
2.2 Definições de turismo e coturismo.....	9
2.2.1 Turismo.....	9
2.2.2 Ecoturismo.....	9
2.3 Discussão sobre turismo e paisagem.....	14
2.4 Sobre a percepção da paisagem.....	25
2.5 Sobre recreação e paisagem.....	31
2.5.1 Impacto por equipamentos físicos.....	32
2.5.2 Impacto na vegetação.....	33
2.5.3 Impacto nos animais.....	34
3 MATERIAL E METODOS.....	35
3.1 Caracterização Da Área De Estudo.....	35
3.2 Metodologia.....	40

3.2.1 Mapas Mentais.....	42
3.2.2 Entrevistas.....	46
3.2.3 A abordagem fenomenológica.....	46
3.2.4 Fotografias.....	47
3.2.5 Aerofotogrametrias.....	48
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	49
4.1 Resultados das entrevistas.....	59
4.2 Análise das fotografias.....	61
4.3 Resultados sobre o impacto na vegetação.....	66
4.4 Resultados sobre o impacto nos animais.....	70
4.5 Resultados das aerofotogrametrias.....	71
4.6 Resultado da fragmentação das propriedades.....	73
5 CONCLUSÕES.....	77
ANEXOS.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108
APÊNDICES.....	119

O TURISMO COMO AGENTE MODIFICADOR DA PAISAGEM

O CASO DO MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ – SÃO PAULO

Autor: NILTON SOARES VAL

Orientadora: Prof^a Dr^a. SILVIA MARIA GUERRA MOLINA

RESUMO

As atividades ligadas ao turismo têm tomado vulto cada vez maior junto à sociedade. Seja no âmbito econômico, seja na esfera cultural ou sociológica ou mesmo nas suas relações com o ambiente, tais atividades têm recebido atenção por parte de estudiosos e pesquisadores. Os aspectos físicos do desenvolvimento do turismo, exercendo forças diretamente sobre a estrutura de lugares com atrativos, muitas vezes têm sido negligenciados por parte de planejadores e legisladores, resultando em prejuízos ao meio e à sociedade. As alterações causadas podem ser percebidas por agentes usuários do local, sejam eles turistas ou moradores. A dimensão e extensão dessas ocorrências demandam ser mensuradas e avaliadas para que se possa melhor compreender e posteriormente planejar e ordenar tais atividades. Levando-se em conta a complexidade do tema, procurou-se nessa pesquisa, sob a ótica de uma abordagem preservacionista e sob as luzes da fenomenologia e da estatística, elaborar uma contribuição aos estudiosos e interessados no desenvolvimento de uma atividade turística que busca uma prática sustentável. A paisagem está se alterando como não poderia deixar de ser, posto que é dinâmica. Tais mudanças estão ocorrendo por processos naturais ou são oriundas da ação antrópica. Porém, no que concerne às alterações resultantes do desenvolvimento das atividades turísticas, tais desdobramentos podem levar a uma exploração que se torna predatória pois resulta numa perda das qualidades das paisagens e posterior perda do interesse pelo espaço por parte dos apreciadores do turismo. Como resultado de nossos esforços, descobrimos que o conceito de paisagem não está claro para a maioria das pessoas, que as paisagens no município de São Bento do Sapucaí encontram-se em constante mutação, e os usuários do lugar percebem tais alterações e manifestam-se favoráveis às ocorrências, mesclando interesses econômicos com desconhecimento do que vem a ser uma atividade sustentável e pouca visão de longo prazo.

THE TURISM LIKE A MODIFIER AGENT OVER THE LANDSCAPE

The case of São Bento do Sapucaí city - SP

AutHor: NILTON SOARES VAL

Orientadora: Prof^a Dr^a. SILVIA MARIA GUERRA MOLINA

SUMMARY

The activities related to tourism have been grown more and more within our society. Either in the economic scope, either in the cultural or sociological and in its relations with environment, such activities had been deserving the attention by scholars and researchers. The physical aspects of tourism that causes an impact directly on the structures of attractive places many times have been neglected by part of planners and legislators resulting in damages to environment and society. The changings that were caused could be noticed by using agents of environment whether they are tourists or local people. The dimension and extension of these occurences demand to be measured and evaluated for a better comprehension so that, such activities could later be planned and organized. Taking into account the complexity of this theme, we tried into this research to elaborate a contribution for the scholars and those interested in the development of an activity that searches for a sustainable position under the pesrpective of a preservacionist approach and through the aspects of phenomenology and statistics. The landscape is changing and couldn't it be different, as it is dynamic. Such changes are occuring in its natural form or by the action of the man, however as regards the changes resulting from the tourist activities development such consequences can take to an exploration that could became predatory therefore resulting in a loss of the landscapes qualities and later to enable a loss of the spatial interest of the tourists lovers. As a result of our efforts we discovered that the meaning of landscape is not clear to the most of people, in addition to, the landscape in the city of São Bento do Sapucaí are in constant mutation and the users of the place perceive such changings and are favorable to them mixing economic interests, lack of knowledge of what a sustainable activity is and a short term vision.

KEY WORDS: 1. Landscape ecology 2. Tourism 3. Ecotourism 4. Landscape 5. Environmental perception.

1 INTRODUÇÃO

Qualquer um poderia encontrar na própria paisagem o símbolo das energias da vida. É o que fazem todas as tradições primordiais. Elas santificam sua própria paisagem (CAMPBELL 1990, p. 100).

A paisagem que nos rodeia nos abraça, sem dono ou proprietário. As informações visuais que se apresentam à nossa vista podem ser observadas à vontade, independente de custo algum que caracterizaria posse. Ela simplesmente ocorre à nossa volta à revelia de nossos desejos e anseios, tendo sido alterada ou não por mãos próprias ou de outrem, sua ocorrência normalmente é composta de camadas que limitam a extensão de alterações programadas. Existem duas situações muito distintas de paisagens, as alteradas pelos seres humanos e as naturais. Quando observadas de cima, de um ângulo superior como de um sobrevôo, podemos observar que as paisagens que resultam da ação humana, nada mais aparentam ser do que um mosaico de alterações num conjunto ordenado por interesses econômicos. A fragmentação dos espaços, por conta de assentamentos humanos, rivaliza-se com as manifestações naturais geomorfológicas que ditariam o tom de quaisquer divisões. Algumas atividades desenvolveram-se para retratar as paisagens por meio de pinturas, como no caso de Albrecht Dürer com aquarelas mostrando paisagens de suas viagens aos Alpes austro-italianos entre 1495 e 1505, ou com o advento da fotografia no final do século XIX e todos, sempre muito preocupados com a qualidade estética da paisagem representada em seus trabalhos. Essa necessidade de perpetuação da natureza ou tentativa de recuperação

de qualidades perdidas tem explicação no fato de o ser humano moderno viver em grandes centros urbanos com altos índices de intervenção sobre as paisagens, o que as tem descaracterizado como naturais (Olmsted, 1971; Sitte, 1992). Mas, o resgate dessa ambientação mais próxima de uma estética natural, tem sido tarefa difícil e alguns mecanismos surgiram em auxílio do ser humano moderno para amenizar os efeitos da excessiva urbanização. Dentre eles destacaremos dois. O primeiro deles aparece descrito ao final do século XIX quando arquitetos e pensadores como OLMSTED (1971) e SITTE (1992) apresentaram suas idéias sobre o excessivo crescimento urbano e seus efeitos sobre o ser humano, dirigindo as atenções para a necessidade de espaços como praças e parques que teriam como função, amenizar os efeitos nocivos da vida urbana:

Queremos o maior contraste possível entre o parque e as condições oprimidas e restritivas da cidade, condições estas que nos obrigam a andar de modo circunspecto, atento e reservado, e a olhar os outros de perto, mas sem simpatia. [...] Nas bordas (do parque), queremos uma profundidade de bosque tal que seja suficiente não apenas para nos dar conforto nos dias quentes, mas também para excluir completamente a cidade do nosso horizonte (Olmsted, 1971).

De maneira análoga, Sitte refere-se à praça da catedral de Pisa:

Do entorno foi eliminado tudo que pudesse distrair nossos pensamentos ou recordar-nos a agitada vida cotidiana. Não há nada que perturbe a contemplação dos veneráveis monumentos: não ao espetáculo inoportuno de uma loja de modas, não a animação de um bar, não ao barulho dos veículos. Aqui reinam paz e silêncio (Sitte, 1992).

Deste modo, tanto o conceito de Olmsted quanto os fundamentos de Sitte assumem conotações bem mais profundas do que simples "embelezamento urbano".

Praças e parques deveriam funcionar como catalisadores da vida pública, como condensadores sociais capazes de repropor o modo de vida que consideram ausente.

Numa via paralela, como segundo mecanismo, surge o turismo como alternativa ao ser humano urbano na tentativa de resgate de condições menos estressantes de vida, mesmo que momentaneamente, e essa nova atividade torna-se também um agente modificador da paisagem. Nesse momento, a paisagem na qual se insere o turismo ou as áreas imediatamente no seu entorno, estão sujeitas às ações e resultantes das atividades ali desenvolvidas, sofrendo conseqüências que não podem ser desprezadas.

Dentro deste contexto, a percepção ambiental ganha relevância para a compreensão das atitudes dos grupos sociais sobre o ambiente. Com essa preocupação, numerosas pesquisas foram realizadas na América do Norte, Europa Ocidental e Brasil levando em consideração, primeiramente o espaço percebido e, posteriormente, o espaço vivido e representado. Entre elas podemos citar aquelas elaboradas por: LINCH (1960), LOWENTHAL (1961,1967), GOULD e WHITE (1974), FRÉMONT (1974, 1983), BAILLY (1979, 1989), OLIVEIRA (1977) e MACHADO (1986).

No presente trabalho, a via de comunicação e a forma de expressão da percepção da paisagem investigada se deu por meio de questionários e também por representações gráficas que possibilitam o aprofundamento da compreensão das dimensões significativas de uma paisagem e de como isto se manifesta nas formas de percebê-la e no comportamento e expectativas das pessoas que a conhecem (Gould, 1982). Como área de estudo, escolheu-se o bairro do Paiol, no município de São Bento do Sapucaí, conhecido como o berço da Pedra do Baú, monólito que se destaca na paisagem da Serra da Mantiqueira (figura 1). Diante do exposto, vamos estudar as influências que as atividades turísticas exercem sobre a paisagem e imprimem no imaginário das pessoas abrangidas por sua ação, sejam moradores ou turistas, pressupondo-se que tal processo deva estar refletido na percepção da paisagem e nas suas representações.

Para tanto se pretende investigar:

- a. A paisagem preferida por turistas e moradores.
- b. A concretude do conceito de paisagem entre os usuários do local.
- c. O impacto no ambiente causado pelas atividades associadas ao turismo.
- d. Qual a tendência de alterações da paisagem e se ela corresponde à desejada por turistas e moradores.
- e. Se diferentes grupos sociais mostram preferências diferentes em relação à paisagem e se eles têm avaliações e condutas diferentes sobre a paisagem e suas transformações.
- f. Se a memória da população residente recorda-se da paisagem no passado e de como e quando ocorreram mudanças e sua avaliação pessoal sobre essas mudanças.



Figura 1- Vista geral da cidade de São Bento do Sapucaí. Em segundo plano o vale do Paiol e a Pedra do Baú. (2004 Nilton Soares Val)

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Definições de Paisagem

Para a compreensão da natureza peculiar do tema desta pesquisa, não somente dos seus resultados, mas também dos princípios que nortearam o seu desencadeamento, faz-se necessário o esclarecimento do tipo de abordagem usada ao tratarmos de paisagem, tendo em vista a abundância de interpretações de sua utilização.

O termo paisagem, no senso comum, se aplica, indistintamente, à porção do espaço visível, portanto alcançável à vista do espectador, ou simplesmente, à representação desse espaço contida nos limites geométricos de uma pintura ou de um desenho.

Dos muitos conceitos de paisagem, interpretados por profissionais de diversas áreas, um dos mais atuais a define como sendo: “*a expressão do produto de interação espacial e temporal do indivíduo com o meio*” UICN (1984).

Para Rocha (1995) a paisagem envolve a interação entre fatores geomorfológicos expostos à ação do clima e fatores bióticos, assim como, os antrópicos, determinando o resultado final acumulado da bio-física e da história precedentes.

Bertrand (1972) considera que a paisagem não é uma simples adição dos elementos geográficos dispartados. É uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, agindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto indissociável, em perpétua evolução.

Para Rougerie (1971), paisagem é definida como um cenário composto de formas de relevo, de certa qualidade de luz, do clima, dos remanescentes de um

revestimento vegetal anterior, da vegetação atual, condicionada, em alto grau pelo solo e, ao mesmo tempo, exercendo sua ação sobre ele. A paisagem integra igualmente os homens, as eventuais depredações por ele efetuadas sobre o tapete vegetal, os velhos aldeamentos, suas estradas e veredas, a pedreira aberta e até as torres de televisão.

Em algumas definições onde a perspectiva histórica é colocada em relevância, a paisagem surge como uma forma constituída pela combinação de elementos naturais e sociais, resultante da *acumulação da atividade de muitas gerações (...) composta de atualidades de hoje e do passado* (Santos, 1982).

Já para Delpoux (1974), a paisagem é *uma entidade espacial correspondente à soma de um tipo geomorfológico e de uma cobertura no sentido mais amplo do termo*. Esse autor abrange em sua definição, desde a floresta à aglomeração de populações humanas e a zona industrial, a agricultura e superfícies aquáticas. O autor também assume que a relação suporte-cobertura interage na formação da paisagem. Em concordância com esse conceito, Monteiro (1995), coloca que a paisagem é uma entidade delimitada segundo um nível de resolução do pesquisador, a partir dos objetivos centrais da análise. De qualquer modo, é sempre resultado da integração dinâmica e, portanto, instável dos elementos de suporte e cobertura (físicos, biológicos e antrópicos). É sempre expressa em partes delimitáveis infinitamente, mas individualizadas através das relações entre elas que organizam um todo complexo (sistema), verdadeiro conjunto solidário em perpétua evolução.

Deffontaines (1985) partindo de uma abordagem sistêmica considera a paisagem suporte, devendo ser tomada no sentido global e não segundo os diversos pontos setoriais. Este autor definiu paisagem como *uma porção do espaço perceptivo a um observador, onde se inscreve uma combinação de fatos sensíveis e ações, das quais, num dado momento, só percebemos o resultado global*.

Tricard (1979), em sua discussão sobre o tema, propõe que a paisagem requer um significado científico que se refere às profundas relações não visíveis entre os elementos desse sistema e faz uso da metáfora do “iceberg” cuja parte emersa, portanto

visível, seria a “paisagem”, cabendo ao pesquisador o estudo da parte não visível, para compreender a revelada.

Portanto pode-se concluir que a noção de paisagem é sistêmica, considerando a dinâmica e a inter-relação de cada elemento. Esta visão é o resultado da pesquisa de vários autores os quais se preocuparam com a conceituação e classificação da paisagem.

O Dicionário Morfológico da Língua Portuguesa forneceu as seguintes informações: *Paisagem* e *País*, de origem latina, pertencem à família da palavra *Paganal* (do latim, Paganal é a festa em honra a Ceres, deusa do campo, da lavoura, do aldeão e do camponês). *Pagu* ou *Pagi* (no plural), referem-se à aldeia rural, ao campo e também ao território delimitado por marcos. *Paganus* é o habitante da aldeia, o camponês, o pagão. Pagão porque tendo a catequese apostólica sido feita nas cidades, conservavam os camponeses as suas primitivas crenças, vindo, pois a existir entre os camponeses, os *Paganis*, cultos às antigas divindades (Vocabulário Latino por Famílias Etimológicas, 1944).

No sul do Brasil encontra-se a palavra *pagos* que pode ser entendida como *lar, casa ou lugares vizinhos a elle, onde alguém mora ou d’onde é natural; o mesmo que lares, habitação* (Correia, 1898).

O sufixo – *agem*, segundo Cunha (1982), é empregado nos vocábulos da língua mãe com os sentidos de “estado, situação, ação ou resultado da ação”. Assim, o vocábulo paisagem designa, no âmago de sua significação, o resultado de uma ação (a de ver algo), originalmente o cenário rural ou natural.

Nas línguas que tiverem origem latina a palavra empregada para designar paisagem guarda semelhanças. Por exemplo:

Paisagem: (do Fr. Paysage). S. f.1. Espaço de terreno que se abrange num lance de vista. 2. Pintura, gravura ou desenho que representa uma paisagem natural ou urbana. (Ferreira, 1986)

Paisaje: m. País, 2ª acep.// 2. Porcion de terreno considerada en su aspecto artístico. (La Fuente, 1934)

Paisaje: n. m: Étendue du pays que présente une vue d'ensemble. Tableau représentant un site champêtre. (**Dictionnaire Larousse**, 1979)

Mesmo em línguas não latinas como o inglês, Landscape¹ e alemão, Landschaft²; faz referência a um distrito territorial propriedade de uma determinada pessoa ou determinada comunidade humana. As palavras *paisagem* e *país*, advindo da mesma raiz, apresentam uma relação entre si, mas podem ocorrer de forma diferente. Citando o francês, do qual a palavra no português é derivada, Touneux (1996) analisou a palavra paisagem nos dicionários da língua francesa entre os séculos XVII e XIX e constatou que existem diferentes conotações a respeito dela. Os vínculos estabelecidos entre paisagem e país nessa pesquisa propõem que:

- A Paisagem é uma parte do espaço (do país, região), uma imagem do território que existe quando essa imagem é vista e num certo momento, sendo entendida como unidade territorial e uma visão de conjunto desse espaço.

- A Paisagem é um aspecto do país, ou a sua extensão até onde se pode ver. Aqui existe um sentido de limite espacial.

Então, a paisagem existe *quando se vê* e depende *do que se vê*, e até *onde* se pode ver. Ou seja, tem uma existência temporal e espacial dependente dos limites do observador.

Apesar da influência francesa, o dicionário de língua portuguesa não associa claramente paisagem ao país, e o seu significado para o senso comum, parece não demonstrar também, tal associação. No entanto, os dois dicionários concordam com a visão de conjunto e de limite visual, estabelecidos na expressão “*espaço do terreno que se abrange num lance de vista*”.

Uma outra semelhança observada é a de que paisagem está associada à natureza. Aliás, enquanto o dicionário de língua portuguesa refere-se à paisagem natural em contraposição à paisagem urbana, o dicionário de língua francesa apresenta, como segunda definição, a paisagem como representação do campo. A respeito da distinção entre o natural e o urbano, Goethe já no século XVIII, em sua viagem à Itália iniciada

¹ A portion of land or territory which the eye can comprehend in a single view, including all the objects so seem, esp. in its pictorial aspect. A picture representing inland natural scenery, as fields, hills, forest, water, etc. (Webster's, 1958)

² Gebiet mit bestimmter, von der Natur geprägter Eigenschaft; freies Land, Gegend; Darstellung einer Landschaft, bergige, hügelige, waldige Landschaft; herbe, liebliche, öde Landschaft, ideale, mythologische, realistische Landschaft. (Wahring, G., 1980/81)

em 1786, faz referência à paisagem natural e à paisagem cultural quando descreve as características físicas dos lugares e o modo de vida dos seus habitantes, atendo-se com detalhes ao quadro natural com ar de admiração, considerando as formas de relevo e das construções, preocupando-se em relatar as ligações entre o natural e o humano.

2.2 Definições de turismo e ecoturismo

2.2.1 Turismo

A Organização Mundial de Turismo – OMT (1993) define TURISMO como *atividades realizadas pelas pessoas durante viagens e permanência em lugares diferentes do seu local de residência habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, para ócio, negócios e outras finalidades.*

Assim, o importante é o deslocamento para um local, não importando a distância, que não seja habitual – para desconsiderar estudantes ou trabalhadores de cidades próximas que façam o percurso cotidianamente, não permanecendo mais do que um ano – excluindo imigrantes, independente do motivo, abarcando desde negócios e saúde até religião, lazer, entre outros.

2.2.2 Ecoturismo

Segundo Pires (1998), o ecoturismo como proposta concreta de utilização turística de espaços naturais – entre eles muitas áreas protegidas ou unidades de conservação – surgiu nos anos 80 num momento em que as idéias e proposições para o desenvolvimento de formas alternativas de turismo já se encontravam bem disseminadas, e que se multiplicavam pelo mundo os estudos e as experiências nessa área. Nesse mesmo período em que as organizações ambientalistas devido à redução do apoio financeiro institucional, se viam forçadas a promover a geração de recursos próprios e a se autofinanciarem em seus projetos e empreitadas têm-se um dos

determinantes pragmáticos do surgimento do ecoturismo como alternativa para a geração de fundos necessários à proteção das referidas áreas naturais.

Nesse mesmo período (anos 80), consolidaram-se as idéias em torno de um modelo de desenvolvimento compatível com a conservação dos recursos naturais e culturais, que mais tarde se abrigariam sob o conceito de “desenvolvimento sustentável” concebido pelo Relatório Brundtland da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) em 1988. A partir do imperativo ético de que é possível promover um desenvolvimento pelo qual se possam utilizar os recursos atualmente disponíveis sem comprometer a sua utilização pelas gerações futuras, vislumbrou-se a via alternativa de um tipo de turismo que ao encontrar na natureza a sua fonte maior de motivação, fosse também capaz de gerar recursos para sua proteção e proporcionar benefícios para as comunidades tradicionais que dela dependiam.

Essa via alternativa antes de difundir-se sob a denominação atual de “ecoturismo” vinha sendo empregada desde os anos 70 assumindo diversas denominações que tentavam designar ora o turismo praticado em ambientes naturais, ora a utilização ecologicamente equilibrada do ambiente pelo turismo tradicional ou convencional, podendo ser citadas entre outras: “turismo de descoberta”, “turismo suave”, “turismo responsável”, “turismo de aventura”, “turismo verde”, “turismo participativo” e “turismo ecológico” (Rushmman, 1999).

O termo “Ecoturismo” cunhado por Ceballos-Lascuráin em 1983 logrou maior receptividade junto às organizações e entidades que se encontravam à frente do ambientalismo, porque já embutia no conceito uma forma gráfica de expressar conjuntamente a idéia de turismo associada com ecologia. Porém, a sua assimilação não se deu de imediato, sendo necessários vários anos para a divulgação e maturação desse novo conceito, o que ocorreu somente com a chegada dos anos 90. Assim, quando Ceballos-Lascuráin definiu Ecoturismo como as viagens para áreas naturais intocadas ou relativamente intocadas com o objetivo de estudo, contemplação e gozo do cenário, da fauna e flora silvestres, assim como de qualquer manifestação cultural (do passado ou do presente) encontrada nestas áreas, estava querendo diferenciá-lo do conceito de Turismo Sustentável, compreendendo o ecoturismo como uma ferramenta deste. Ou seja, como a

noção de turismo sustentável apregoa uma mudança nos padrões de produção, o ecoturismo, como uma especificação da sustentabilidade, tem nos atrativos naturais preservados o grande ferramental para sua ocorrência.

Para Rodrigues (1997a):

... ecoturismo se caracteriza por viagens para reservas naturais, relativamente pouco alteradas e não contaminadas, com o objetivo específico de estudar, admirar, e desfrutar da paisagem, da fauna e da flora, da mesma forma que pretende a interação dos viajantes com o entorno e, em particular, com as comunidades locais. (...) Há uma tendência para combinar as atividades físicas, como caminhadas, ciclismo, canoagem e outras, com o desenvolvimento da consciência ambiental, conduzindo à convivência com a população autóctone, para, mediante participação no seu cotidiano, aprofundar-se no convívio com sua cultura (Rodrigues, 1997a).

Ruschmann (1999) concorda e confirma: *O turismo brando, ecológico, naturalista, personalizado, e realizado em grupos pequenos de pessoas tende a caracterizar os fluxos turísticos do futuro.*

Assim, fazendo-se uma breve comparação entre as definições do fenômeno ecoturístico apresentadas, três elementos podem ser identificados: **a)** baseado na natureza, **b)** educação e (ou) interpretação e gerenciamento sustentável, **c)** que inclui as questões econômicas e (ou) socioculturais.

O Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR em 1995 definiu Ecoturismo como *o segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas.*

Na maioria das definições encontra-se a preocupação com a sustentabilidade da atividade. Nesse tocante, o turismo ecológico, segundo a Comissão Mundial sobre Meio

Ambiente e Desenvolvimento – CMMAD citado por Ruschmann (1999)³ se expressa dentro de um *processo de transformação, no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a evolução tecnológica e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas.*

O princípio geral de desenvolvimento sustentável adotado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no relatório **Nosso Futuro Comum**, em 1987 é:

Desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que perdura. Existe a preocupação de que aqueles que hoje desfrutam das benesses do desenvolvimento econômico estejam talvez prejudicando as gerações futuras, porque poluem a terra e desgastam demais seus recursos. As gerações atuais devem 'atender as necessidades sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades' (CMMAD, 1987).

Atualmente, o turismo é apontado como a salvação para o mundo em desenvolvimento. Discute-se a possibilidade de aproveitamento do patrimônio arquitetônico e paisagístico e, especialmente, humano de propriedades rurais para implantação dessa atividade, incorrendo no menor impacto possível ao ambiente, entendido este como *espaço - tempo, sócio – econômico - cultural*. A proposta é que esta nova atividade venha gerar uma *renda complementar* para os pequenos proprietários rurais, em princípio, e não transformar o turismo em seu único meio de sustento.

A implantação do turismo carece de um planejamento. O turismo deve ser implantado de forma planejada, para que dessa forma ele possa representar a possibilidade de desenvolvimento sustentável da área. Se desconsiderados os aspectos

³ COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (Brasil). **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

naturais e culturais a as práticas agrícolas, ele pode impactar de forma negativa o ambiente e a comunidade.

Na atualidade, o mundo científico, governos e organizações não governamentais procuram formas alternativas ao turismo de massa e saídas para áreas pouco desenvolvidas. Estudar o turismo ecológico em meio rural representa uma maneira de contribuir para o planejamento, a implantação e manutenção desse tipo de atividade econômica.

Sua relevância torna-se maior no momento em que o Governo Brasileiro, por meio da EMBRATUR - Instituto Brasileiro do Turismo – incentiva por meio do PNMT – Programa Nacional de Municipalização do Turismo – (1998) a descentralização do planejamento, da implantação de infra-estrutura e do acompanhamento das atividades turísticas. O Programa Nacional de Municipalização do Turismo - PNMT foi elaborado pela EMBRATUR, tendo a Organização Mundial de Turismo - OMT como consultora, para orientar o planejamento da atividade turística em âmbito municipal. O programa tem a seguinte orientação:

É um processo de conscientização, sensibilização, estímulo e capacitação dos vários agentes de desenvolvimento que compõem a estrutura do município, para que despertem e reconheçam a importância e a dimensão do turismo como gerador de emprego e renda, conciliando o crescimento econômico com a preservação e a manutenção do patrimônio ambiental, histórico e de herança cultural, tendo como fim a participação e a gestão da comunidade nas decisões de seus próprios recursos (EMBRATUR, 1998 a: p.12).

Esse programa tem como modelo o turismo sustentável, divulgado pela OMT e propõe conciliar a atividade e o modo pelo qual será gerido com as novas tendências mundiais de um desenvolvimento sustentável. De acordo com a OMT, esse modelo foi concebido para assegurar a qualidade de vida da comunidade, a satisfação do

turista e, ao mesmo tempo, a qualidade do ambiente do qual depende tanto a comunidade quanto o turista OMT (1994).

É o momento também em que muitas iniciativas de turismo em espaço rural vão se consolidando e a pesquisa, acredita-se, contribuirá com os esforços de empreendedores, estudiosos e autoridades do turismo nessa tarefa.

2.3 Discussão sobre turismo e paisagem

Eu sonho com a realidade de uma busca de independência e da individualidade, associada a uma crescente abertura aos valores não materiais, como saúde, o meio ambiente, a natureza, o saber e a educação. Trata-se, pois, da transformação de um turista conduzido e manipulado em turista informado e experiente e, afinal, emancipado e maior – um ser humano que seja um consumidor crítico não apenas em casa, mas também durante a viagem (Jost Krippendorf, 2000).

O caráter dinâmico é intrínseco à paisagem tanto na escala geológica como na escala histórica. Na perspectiva histórica, fatores como o solo, o relevo, o clima e a geologia são vistos por Mentink (1990), como estabilizadores, considerando a lentidão das transformações ocorridas na escala geológica. As transformações da paisagem, na perspectiva histórica, refletem a intenção entre a sociedade e a natureza, em cada momento da história, as transformações endógenas da sociedade e da natureza e o tipo da interação entre ambos.

Segundo Eckbo (1975), a paisagem expressa diretamente os valores e aspirações daqueles que a produzem, sejam indivíduos ou grupos. Sugere também que

esses valores e atitudes podem ser determinados pela hereditariedade, educação, comunicação e experiência. A esse respeito, Bourassa (1990) sugere uma teoria tripartite, distinguindo três formas de experienciar a paisagem: **a biológica**, implicando padrões transculturais; **a cultural**, em que a experiência está sujeita à variabilidade segundo o desenvolvimento cultural dos grupos étnicos e sociais; **e a forma individual**, idiossincrática, resultado entre a forma biológica e cultural em um indivíduo específico.

O turismo, seu desenvolvimento, a necessidade premente de sua prática pelas atuais sociedades urbanas, suas formas de apresentação, seja de massa, seja “brando”, do tipo ecológico, seus equipamentos, seus custos e lucros potenciais, seus veículos de exploração e de transporte, tudo isso tem sido estudado, divulgado e apresentado como soluções para os investidores que estão preocupados com o retorno financeiro sobre seu investimento. Sua matéria prima, invariavelmente, como em mineração ou exploração de pesca em alto mar, vem da natureza ou de atrativos desta. Basta instalar uma infra-estrutura e explorar. Alguns atrativos religiosos ou culturais, assim como parques temáticos ou mesmo áreas urbanas, têm seu espaço nesse meio, mas todos passam pelo mesmo problema que é a questão da estética do atrativo. O que tem sido feito em função do belo, da harmonia entre os elementos cênicos, em respeito à presença milenar de ícones de pedra, água, areia ou matas? Alguns especialistas, como o sociólogo austríaco Jost Krippendorf, prevêm que o turismo, quando desenvolvido em grande escala, levando um número excessivo de usuários a um local não preparado adequadamente para recebê-los, tem gerado impactos que vão muito além dos causados à economia, à sociedade e ao ambiente. Ele nos fala:

...essas cidades-segunda-residência, com suas baixas taxas de ocupação (poucos habitantes no local), são excessivamente super dimensionadas e, com o tempo os custos econômicos, sociais e ecológicos excederão muito os correspondentes benefícios. Existem especialistas europeus (e eu estou entre eles) que pensam que essas ‘pilhas’ de leitões turísticos serão as favelas do futuro (Krippendorf, 1999/2000).

Existe uma grande carga de nostalgia no desejo de vivenciar momentos bucólicos em contato com a natureza. Esse resgate de algo perdido ou, de alguma forma não vivido, por estarmos dentro dos grandes centros num momento de realidade urbana, tem se acentuado nas sociedades modernas e alimentado com fartura a indústria do turismo ecológico, turismo rural ou ecoturismo. Essa nostalgia é comentada por Yazigi (1999):

A nostalgia vem marcando a música, moda, literatura, cinema, teatro, arquitetura... De acordo com boas interpretações históricas e psicológicas, ela tem mais a ver com os pensamentos passados do que com os fatos reais. É um sintoma de mal-estar provocado por perturbações presentes, que trincam identidades e se resolvem por escapes ao passado, que é parte de nossas identidades e tendemos a isolar apenas as coisas boas que nos compensam. Socialmente isso tem exemplos alegóricos no turismo. Quando este fenômeno assume feições de ruralidade, a fazenda é sempre a construção idealizada, cheirando bolo de fubá e café, com uma cozinheira maternal, preta e gorda de preferência, com ambiente asséptico, sem os instrumentos de trabalho ou tortura e, sobretudo sem a 'detestável' presença de fantasmas de escravos urrando, bóias-frias e sem-terras (Yazigi, op. cit.).

De alguma forma, o imaginário que habita as mentes estressadas das populações urbanas, que se encontram distantes de alternativas ou opções de acesso à natureza, busca seu meio de compensação na visita a parques urbanos ou na prática do turismo. Nesse sentido, Hogan (1997) continua sua fala sobre o desejo de retorno à natureza – mesmo temporário – que é compartilhado por muitos. O recarregamento das baterias que o contato com o mundo natural pode proporcionar é válido e alimenta um setor em expansão do turismo comercial. Os valores espirituais que muitos associam a

um afastamento do cotidiano urbano-industrial e a aproximação de um mundo mais simples são assuntos que merecem reflexão e cabem nesse campo de estudos.

Mas o crescimento populacional tem sido um fato tão marcante e tem cobrado um preço do ambiente e das paisagens. Quevedo Neto (1999) mostra claramente a pressão exercida pelo ambiente urbano por meio de aumento de preço da terra, forçando o rearranjo da produção de hortifrutícolas do *cinturão verde* (região produtora de hortifrutigranjeiros, situada ao redor dos grandes centros urbanos), avançando em direção ao interior, concentrando-se numa distância entre 50 e 180 km em torno da cidade de São Paulo (capital), de acordo com as especificidades de cada produto e de sua suscetibilidade ao preço da terra e à proximidade do ambiente urbano.

Essa dinâmica da paisagem nas áreas de transição urbano-rural resulta na degradação das qualidades dessas paisagens, que por sua vez, desempenham um papel importante como local de lazer e recreação para as populações urbanas.

Esses reflexos da modernidade são frutos de uma contínua e crescente massa de consumidores incapazes de se situar frente à natureza, fazendo questão de separar-se dela como se fossem por demais nobres para estarem no mesmo nível e, portanto, acima de sentir os problemas causados por uma desenfreada onda de necessidades “fabricadas” por campanhas de marketing (Val, 2003). O consumismo é baseado na premissa de que os humanos não são parte integrante da natureza e, pelo contrário, possuem o domínio sobre ela, apresentando atitudes derivadas de uma interpretação bem literal do Velho Testamento, Gênesis 1: 26: “*deixe-os ter o domínio sobre os peixes dos mares... e sobre qualquer coisa que rasteje ou tenha rastejado sobre a Terra*”, e 1:28: “*Sejam frutíferos e multipliquem, preenchem a Terra e a usem; e dominem... toda e qualquer coisa viva que se mova na superfície da Terra*”.

Para a tradição judaico-cristã, a princípio, o homem foi considerado uma unidade separada da natureza, mantendo o domínio sobre ela. Entretanto, a crise ambiental dos anos 60 e 70 evidenciou os limites deste domínio impondo mudanças culturais, representadas por novos valores e atitudes em relação à paisagem, consolidadas na conscientização da sua importância para a qualidade de vida.

Quevedo Neto (op. cit.) nos fala que:

...a ausência de constrangimentos legais, que tenham por objetivo evitar os conflitos resultantes das externalidades, produzidas por uma determinada atividade sobre os usuários vizinhos, resulta na degradação das qualidades da paisagem, como: conversão de terras cultivadas, o abandono da atividade agropecuária, a destruição de ecossistemas naturais remanescentes: problemas ligados à poluição do ar, água e solo, a degradação dos valores paisagísticos, arquitetônicos e geológicos, além de uma série de impactos sociais sobre as comunidades locais, provocados pela inserção de atividades urbanas no meio rural.

Ou seja, a maioria dos indivíduos busca uma satisfação imediata de seus anseios e assume como necessidade os objetos que lhes são estampados à frente pela mídia de massa. Eles são incapazes de raciocinar em favor de condições de menor consumo e que demandem menos recursos da natureza e dessa forma possa imprimir um menor ritmo de degradação ao ambiente. Esses seres humanos comportam-se como autômatos reproduzindo atitudes uns dos outros ou dos formadores de opinião, e estão sempre atendendo aos apelos da mídia que os incita a comprar, acumular e exibir perante seus semelhantes, os bens materiais amealhados durante uns poucos anos de existência sobre a superfície desse planeta.

Schama (1995), discute vários exemplos de como diversificados atores vêem, explicam e atribuem importância às árvores e a outros cenários, tais como montanhas e vales. A natureza e a percepção humana são inseparáveis, antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas.

Todos os ecossistemas sofreram alterações substanciais benéficas ou não pela interferência humana e segundo a ótica desta espécie. Mesmo os ambientes menos afetados pela nossa presença são projetados como intactos, somente pela imaginação humana. De fato, são produtos elaborados pela nossa cultura que o ambientalismo moderno identifica que devem ser preservados e sacralizados. Tais ambientes, os parques, frutos da necessidade e imaginação humanas, foram transformados em santuários, mas foram protegidos da presença destrutiva dos seres humanos. Todos eles,

sem exceção, são produtos da cultura humana. É a percepção transformadora dos seres humanos que estabelece a diferença entre matéria bruta e paisagem Schama (op cit).

Para Bachelard (1997), antes de ser espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica. A transformação que se faz de um cenário em bosque-catedral, em lugar divino, sagrado, reflete os anseios de renovação, de reencarnação, de renascimento, de pertencimento e de outros fatores psicológicos e, ao se reconhecer essas transformações, passa-se a entender um pouco e a buscar mais explicações em nossa memória da paisagem. Ao aprofundar essa reflexão sobre a construção da paisagem, do relacionamento entre ela e os seres humanos, pode-se buscar tanto uma aproximação de um possível futuro conservacionista, quanto o distanciamento de um histórico de destruições que mantêm vivos mitos e lembranças que fizeram com que a preocupação na manutenção das diversas paisagens continuasse a existir.

A busca de um ambiente “apaziguador” das ansiedades e necessidades da vida moderna tem se mostrado mais e mais intensa como tem sido revelado pelas taxas de crescimento das atividades turísticas ditas “ecológicas”. Se no passado, em várias culturas ao redor do mundo, o homem se identificava com a paisagem e seus elementos, estabelecendo relações míticas com o meio (Tuan,1980; Campbell, 1990), hoje a busca parece desenfreada, mais por uma questão social ou de “moda”.

Muitos dos atuais circuitos turísticos parecem estar motivados pelo desejo de colecionar o máximo possível de etiquetas sobre Parques Nacionais. Para o turista é indispensável a máquina fotográfica, porque com ela pode provar a si mesmo e aos seus vizinhos que realmente esteve no lago Crater (Tuan, op.cit).

Esse tipo de afirmação também aparece nos textos de Jost Krippendorf sobre a sociologia do turismo onde ele nos fala:

... quase todos participam do movimento, imaginando que o fazem de livre arbítrio, mas a aparência é de que obedecem a uma ordem. Alinham-se em filas de carros ou deixam-se despachar, como se

fossem cargas, em ônibus, jumbos ou trens. Amontoam-se em praias que se tornaram muito pequenas. Fazem fila diante de lojas e restaurantes, ascensores de esqui e teleféricos, assim como diante dos pontos turísticos, que já demonstram o desgaste provocado por todos esses olhares. Chegam até a hospedar-se em favelas. Um especialista em comportamento faz notar a esse respeito que, se tais condições fossem impostas aos trabalhadores durante as horas de trabalho, os sindicatos interviriam, e com toda razão... ... não se sentem mais à vontade onde se encontram, seja nos locais de trabalho, seja onde morem. Sentem necessidade urgente de se desfazer temporariamente do fardo das condições normais de trabalho, moradia, e de lazer, afim de estar em condições de retomá-lo quando regressem.. ...Descansamos para nos deixar atrelar mais facilmente à tarefa seguinte. Se não existisse o turismo, o cúmplice da evasão, seria necessário construir clínicas e sanatórios, para que o ser humano se recuperasse desse cansaço. O Turismo funciona como terapia da sociedade, como válvula que faz manter o funcionamento do mundo de todos os dias. Ele exerce um efeito estabilizador não somente sobre o indivíduo, mas sobre toda a sociedade e a economia. Os sociólogos o comprovaram: o ser humano que consegue mudar de ambiente e se desligar desenvolve, após experimentar a fugacidade do turismo, a necessidade de voltar à estabilidade benéfica do seu dia-a-dia. Ele viaja para perceber que as coisas não são tão ruins assim em casa, e que talvez sejam até melhores do que em qualquer outro lugar. Ele viaja para voltar. (Krippendorf ,2000).

Campbell (op. cit.) fala da relação mítica entre o ser humano e a natureza, tentando desvendar em suas idéias, alguns dos “porquês” dessa busca pela natureza;

...a orientação de nossas vidas se tornou tão prática e econômica que, à medida que você envelhece, as solicitações do momento se tornaram prementes a ponto de você mal saber onde diabo

está, ou quais são suas intenções genuínas. Você está sempre fazendo algo exigido de você... Mas hoje vivemos em grandes cidades. É tudo pedra e rocha, manipuladas por mãos humanas. Você vive outro tipo de realidade quando cresce lá fora, no meio da floresta, ao lado dos pequenos esquilos e das grandes corujas. Todas as coisas estão ao seu redor como presenças, representam forças, poderes e possibilidades mágicas de vida, que, embora não sejam suas, fazem parte da vida e lhe franqueiam o caminho da vida. Então você descobre tudo isso ecoando em você, porque você é natureza... Com a mente assim constituída, quando se dirige ao horizonte, ao mundo onde você está você percebe que ocupa o seu lugar no mundo. É uma maneira diferente de viver (Campbell, op. cit.).

A quebra das rotinas diárias, reconhecidas como escravizadoras, tem sido apontada como solução para muitos problemas físicos e psíquicos do ser humano moderno. Sobre isso, nos falam Ribeiro & Barros (1997):

Com a saturação das imagens pelos meios de comunicação de massa, que trazem uma circulação inusitada de ícones para consumo em grande escala, a experiência individual direta com o meio ambiente, a paisagem e os nativos – o being there dos antropólogos e turistas – passa a ser um valor dos mais apreciados para a afirmação do individualismo contemporâneo, já que, pretensamente, propicia um afastamento dos simulacros e das rotinas aos quais os indivíduos e suas redes sociais estão expostos no dia a dia. A ruptura do cotidiano, o descontidiano, permite, em maior ou menor grau, sair da reprodução massiva, ossificada das rotinas obrigatórias e previsíveis, tornando-se tanto um ângulo potencialmente revelador de aspectos desconhecidos da realidade quanto uma posição diferenciadora dos indivíduos. Assim, são entendidas as sensações de liberdade – ainda que temporária – que as

férias criam, e as recomendações de férias e mudanças de ambiente para combater o estresse (Ribeiro & Barros 1997).

Tais condições têm gerado o deslocamento de multidões a ambientes não preparados para recebê-las, causando impactos sociais, culturais, econômicos e ambientais, incluindo-se aí as alterações nas paisagens. Roger (1991) e Conan (1991) correlacionam as idéias de Paisagem e Natureza, e nos remetem em seus textos ao meio do século XVII consolidando a assimilação da natureza à paisagem, principalmente à paisagem pitoresca. Contudo, em meio a essa prática emergente, nas palavras de Corbin (1989): *O que é novo não é a contemplação do seio da natureza, mas as modalidades da leitura da paisagem (...), o desejo de usufruir de um panorama” e “de um modo geral, a admiração da paisagem implica a evocação do homem.*

E o autor sino-americano Li Yu Tuan (1980) afirma que: *A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos. Também perduram além do efêmero quando se combinam prazer estético com curiosidade científica.*

De acordo com Urry (1996) parte das experiências dos turistas no lugar visitado consiste (...) *em lançar um olhar ou encarar um conjunto de diferentes cenários, paisagens ou vistas de cidades que se situam fora daquilo que, para nós, é comum.* O olhar do turista, portanto, é direcionado para aspectos da paisagem que os separa da experiência de todos os dias. Este direcionamento implica em uma sensibilidade própria a cada um dos sujeitos voltada para determinados elementos visuais que são o sinal ou a demonstração do que para ele é típico de um determinado lugar e pelo qual anseia encontrar. Contudo, essa representação, do que é típico do lugar visitado, encontra-se circunscrita, ao mesmo tempo, num processo de produção que nada tem de autônomo ou inteiramente subjetivo. Ela trás em seu bojo elementos do inconsciente, configurando o ponto de vista do observador – o turista – e as suas expectativas, produzidas por fantasias e devaneios, inclusive anteriores à própria viagem, e que envolvem a mídia e toda a propaganda referente ao turismo disseminada por seus agentes. É notório o papel que a propaganda exerce em nossa vida, incutindo

gostos, valores e atitudes. Ela influencia, e por vezes determina, a nossa existência e imaginário, mas também é determinada e produzida graças à perspectiva da sociedade, refletindo nosso modo de vida em suas imagens e textos (Urry, op. cit.).

Com efeito, a percepção que o visitante tem da paisagem, por ser efêmera, relaciona-se primeiramente à sua estética e normalmente é mais facilmente enunciada do que a do nativo, sem grandes adjetivações e restringindo-se a elementos palpáveis. De acordo com Tuan (op. cit.), ela deixa de ser efêmera quando *...nossos olhos ficam presos ao cenário por outra razão, quer pela lembrança de fatos históricos que santificaram a cena, quer pela lembrança de sua subjacente realidade geológica e estrutural.*

Para esse autor, a perspectiva do viajante *...é essencialmente estética. É a visão de um estranho. O estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza (...)* *A beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido; é a antítese do gosto desenvolvido por certas paisagens (...)*. Isto porque não consegue atingir outras dimensões, além da concretude dos aspectos sensoriais da paisagem, já que sua história pessoal de vida não se desenvolveu ali. É com base na representação da natureza como paisagem e como cenário para as ações Humanas, que se instituiu o seu consumo pelo turismo.

Da mesma forma que os turistas *têm por motivo de sua viagem* uma fuga de suas agruras do dia a dia, eles não se dão conta de que estão reproduzindo, muitas vezes, nesses outros locais, aquilo que os levou a tentar a fuga. É o que se observa hoje em grandes centros de turismo como na cidade vizinha a São Bento do Sapucaí, o município de Campos do Jordão. Essa cidade também se encontra encravada na Serra da Mantiqueira, apresentando atrativos turísticos tais como uma condição climática peculiar devido à sua altitude, vegetação e topografia típicas de montanhas e onde se instalaram hotéis, residências secundárias (residências para passar temporada de férias) e casas comerciais em grande quantidade, atraindo para si um contingente enorme de visitantes e investimentos por pequenos períodos de tempo (fins de semana, férias e feriados) e desencadeando todas as mazelas de um turismo de massa sobre uma infra-estrutura não preparada para absorver tal impacto.

Particularmente sobre a paisagem, os impactos geraram leis municipais que apenas regulamentam o *estilo* das construções, de maneira a conduzir o crescimento de forma ordenada para uma estética *européia de montanha*, com uma arquitetura marcada pela presença de *chalés* e residências nos estilos Suíço, Normando ou Bávaro. Outros *constrangimentos legais*, como referido por Quevedo Neto (op. cit.), para que se possa respeitar a qualidade das paisagens ainda deverão ser adicionados à legislação. Atitude nesse mesmo sentido e de preferência, de âmbito mais amplo, é a pretensão de indução deste trabalho sobre a legislação do Município de São Bento do Sapucaí.

Mas o que conduz o ser humano ao turismo não tem sido exclusivamente uma necessidade individual física ou psicológica de afastamento momentâneo. Uma boa explicação para esse comportamento pode ser observada pela luz da ecologia humana. Sabendo-se que a cultura humana tem como marcas registradas os comportamentos flexíveis e complexos (Kormondy & Brown, 2002), podemos inferir que atualmente a demonstração de poder ou de concentração de recursos (dinheiro) passa pela ostentação de bens e do uso de serviços como o turismo, ainda mais que esse último estará diretamente ligado ao conceito de *tempo livre*. Tem-se hoje nas sociedades ocidentais, o conceito de que *tempo é dinheiro* e que quem se expõe como turista é detentor de grande quantidade de recursos (tempo) e, portanto, merecedor de destaque social. Esse prestígio inclusivo deve ter seu comportamento reproduzido por aqueles que almejam a mesma posição. Dessa forma, encontramos justificativa para tantos programas televisivos e publicações sobre viagens e turismo e tanta divulgação sobre o estilo de vida de algumas pessoas *bem viajadas*. O comportamento adaptativo passa pela reprodução de caracteres culturais com semelhança à reprodução na biologia evolutiva, e as mudanças (inovações) que ocorrem nos processos de aprendizado são análogas às modificações mutantes na biologia. O papel da seleção natural nesta analogia é o da retenção seletiva de comportamentos, através de decisões conscientes ou não (Kormondy & Brown, 2002). Sobre isso Irons (1979)⁴ citado por Kormondy & Brown (op. cit.) sumariza claramente sua concepção da conexão entre a sociobiologia humana e a antropologia:

⁴ IRONS, W., Cultural and biological success. In *Evolutionary biology change: The IPCC scientific assessment*, J. T. Houghton, G. j. Jenkins, and J.J. Ephraums, eds., 257-72, North Scituate, MA: Duxbury Press, 1979.

“...seres humanos usam seu ambiente e se comportam de forma nas quais, dadas as características específicas dos ambientes nos quais se encontram, maximizam seu desempenho inclusivo; o que é observado como cultura e como estrutura social é o resultado deste processo” (Kormondy & Brown, 2002).

Essa postura dos autores citados é dotada de um critério um tanto reducionista diante da complexidade das relações existentes na atualidade, mas serve de baliza para um princípio de entendimento nessa disputa sem fim por recursos e sobrevivência. Ninguém pode deixar de se impressionar com o sucesso adaptativo de nossa espécie. Desde o início dos hominídeos no ambiente mosaico das florestas e savanas africanas, há seis milhões de anos, os humanos vêm habitando praticamente todos os biomas de superfície da Terra. Fomos realmente frutíferos e nos multiplicamos. Os humanos crescentemente direcionaram os recursos para evitar, ou ao menos para proteger a si mesmos, dos muitos estressores ambientais pelos quais eles uma vez foram afligidos. Mas a questão agora, conforme Kormondy & Brown (op. cit.) é: *Seremos vítimas de nosso próprio sucesso?*

2.4 Sobre a percepção da paisagem

Segundo Ballone (2003) nossa percepção não identifica o mundo exterior como ele é na realidade, e sim como as transformações, efetuadas pelos nossos órgãos dos sentidos nos permitem reconhecê-lo. Assim é que transformamos fótons em imagens, vibrações em sons e ruídos e reações químicas em cheiros e gostos específicos. Na verdade, o universo é incolor, inodoro, insípido e silencioso, excluindo-se a possibilidade que temos de percebê-lo de outra forma. O termo percepção designa o ato pelo qual tomamos conhecimento de um objeto do meio exterior. A maior parte de nossas percepções conscientes provém do meio externo, pois as sensações dos órgãos internos não são conscientes na maioria das vezes e desempenham papel limitado na elaboração do conhecimento do mundo. Trata-se, a percepção, da apreensão de uma

situação objetiva baseada em sensações, acompanhada de representações e freqüentemente de juízos.

A percepção consiste na apreensão de uma totalidade e sua organização consciente não é uma simples adição de estímulos locais e temporais captados pelos órgãos dos sentidos. Nossa experiência (consciência) do mundo revela que não temos apenas sensações isoladas dele, ao contrário, o que chega à consciência são configurações globais, dinâmicas e perfeitamente integradas de sensações. Embora as sensações não nos ofereçam em si mesmas, o conhecimento do mundo, elas representam os elementos necessários ao conhecimento sem os quais não existiriam percepções (Ballone, 2003).

A psicologia piagetiana (que tem origem no pesquisador Suíço Jean Piaget, 1896 - 1980) tem balizado os estudos sobre a percepção do meio ambiente e das paisagens, situando-se dentro do escopo da cognição compreendida como *o processo mental mediante o qual a partir do interesse e da necessidade, estruturamos e organizamos nossa interface com a realidade e o mundo, selecionando as informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significado* (Oliveira, 1999).

O ser humano se espalha pela Terra em muitas localidades geográficas, em diversas culturas e sociedades. Acompanhando essa diversidade existem também variações nos mundos percebidos pelas pessoas, há diferenças na maneira pela qual os mesmos objetos são percebidos em diferentes sistemas culturais.

Uma criança que vive em nossos centros urbanos, por exemplo, pode distinguir sem hesitação um grande número de diferentes marcas de carros ao presenciar o trânsito das ruas, enquanto uma criança que vive em regiões mais rurais e distantes desses grandes centros não identificará senão as maiores diferenças entre as marcas e modelos, observando o movimento da mesma rua. Por outro lado, uma criança urbana ficaria maravilhada diante da facilidade com que seus colegas rurais reconhecem diferentes conformações de ninhos de aves e de sua capacidade para distinguir as menores variações nos tipos de árvores.

Há um conjunto cada vez maior de pesquisas sobre relações entre as características da personalidade e a maneira de perceber o estímulo físico. É de

observação corrente, por exemplo, que nossa percepção das coisas pode ser alterada pelo nosso conhecimento, pela nossa motivação, por nosso estado emocional e por outras condições fisiológicas. Estes estados influenciam tanto a sensibilidade a objetos, como as propriedades percebidas neles.

A experiência e o tempo em contato com um objeto também levam a mudanças significativas na maneira pela qual este é percebido: seu reconhecimento se torna mais fácil, o objeto é organizado perceptivamente de maneira diferente, aparecem novas propriedades atreladas a ele. Na realidade, nossas capacidades sensoriais, capacidades para descobrir os estímulos e distingui-los uns dos outros, podem ser aperfeiçoadas com a prática. As mudanças na percepção são aspectos essenciais no processo da aprendizagem.

A compreensão científica dos processos de motivação e emoção abrange o estudo da maneira pelos quais os estados de motivação influem na percepção. O alimento, por exemplo, é notado mais rapidamente pelo faminto do que pelo saciado e, além disso, parece também mais apetitoso ao faminto. A pessoa amedrontada tem uma consciência mais nítida de cada pequeno ruído, na casa solitária, enfim, dependendo da motivação as percepções podem ser modificadas.

A motivação que leva um turista a buscar paisagens naturais tem de levar em consideração as imagens pré-concebidas que esse indivíduo tem do lugar, devendo influenciar fortemente o resultado de valoração dependendo se as expectativas foram atingidas ou se houve frustração. Na percepção, acrescentamos aos estímulos elementos de memória, do raciocínio, do juízo e do afeto, portanto, acoplamos às qualidades objetivas dos sentidos outros elementos subjetivos e próprios de cada indivíduo. Para Ballone (op.cit.) uma pessoa tem a tendência a estar pré-disposta a perceber de acordo com seus valores éticos, morais, culturais e de pensamento sendo suas percepções influenciadas por condições internas individuais como desejo, vontade ou necessidades que variam quanto à saliência, especificidade, duração e relação com outras predisposições. Algumas predisposições dominam inteiramente a consciência do percebedor e podemos tomar como exemplo o caso de alguém que procura uma chave

em uma gaveta entre coisas esparsas e em desordem. Nesse ato existe uma predisposição a perceber a chave mais facilmente entre outros objetos, de forma a poder alcançá-la.

Tuan (op. cit.) ressalta que os turistas (visitantes) possuem uma maneira diferenciada de perceber o ambiente em relação aos moradores locais (nativos), sendo que o sentido de preservação difere grandemente para essas classes de percebedores. O autor acredita que a familiaridade com o lugar deva gerar um sentimento de afeição pelo local onde vive desenvolvendo-se um sentimento de luta pela preservação do espaço observado. *Em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista. Sua percepção freqüentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meio ambiente* (Tuan,1980).

Um grupo de intelectuais, que começa a crescer em todo o mundo e, também no Brasil, está convencido de que os estudos das percepções ambientais pelos seres humanos de hoje constituem a última e decisiva fronteira no processo de uma gestão mais eficiente e harmoniosa do ambiente Ballone (op. cit.).

Sobre a percepção de paisagens podemos falar ainda de valores a elas atribuídos, tanto valores econômicos como valores subjetivos. Em qualquer das formas de avaliação, teremos sinais individuais impressos no resultado dependendo de cada avaliador. Para Laurie (1976), a avaliação (valoração) da qualidade visual da paisagem enfoca geralmente um exercício comparativo, gerando uma tendência subjetiva. Este subjetivismo provém da própria educação recebida, atitudes afetivas e gostos adquiridos, que se manifestam quando um indivíduo percebe uma paisagem e emite um juízo de valor sobre a mesma explicando ainda que as motivações, as necessidades que se buscam satisfazer, os interesses, os desejos ou os anseios do indivíduo incidem continuamente em sua percepção. Alguns aspectos psicológicos do observador são fatores de influência sobre as avaliações, o que suscita alterações no decorrer do tempo. Jordana (1992) assume que a tarefa de valoração da paisagem não é fácil, uma vez que esta é conseqüência da relação entre um espaço visual e o observador. Essa relação, de certa forma, conduz o observador a uma resposta perceptiva, sendo que os elementos da paisagem produzem uma resposta sensitiva e os estímulos que desencadeiam esta

resposta podem ser interpretados. Comenta ainda, que a percepção da paisagem, a partir de estímulos recebidos do meio, é um ato criativo, condicionado a fatores inerentes ao próprio indivíduo, a fatores educativos e culturais e a fatores emotivos, afetivos e sensitivos. Sem dúvida nenhuma, a avaliação em si só já é complexa demais e, não bastasse isso, sua manifestação, seja oral, seja escrita, adiciona-se às barreiras da tarefa. Lucas (1990) admite a dificuldade em comparar a qualidade das paisagens, uma vez que a análise se dá em função da observação e julgamentos individuais, influenciados pelos instintos de comportamento, emoções, educação, cultura e experiências. Em acordo com essas afirmações, Bolós (1992), afirma que para um estudo efetivo da avaliação paisagística devem ser considerados aspectos relacionados com o exercício de sensibilidade humana, de ordem estética e psicológica, sendo atualmente estudadas as relações entre as características da paisagem e os sentimentos que suscita. Mas para uma avaliação científica alguns autores recorrem a métodos mais ortodoxos, obtendo, portanto estatísticas e repetições que afirmem categoricamente os resultados obtidos. Gonzalez-Bernaldez (1981) atenta ao fato de que o estudo da paisagem liga os enfoques científico, abstrato e quantitativo e o aspecto da cultura empírica e sensorial, sendo necessário buscar-se a complementaridade entre estes contextos. Salienta o extraordinário mundo de inspirações que pode ser derivado da análise de preferência da paisagem e do perigo de simplificação e superficialidade desta. Para Escribano et al. (1989) a valoração demanda o concurso de uma série de fatores plásticos e emocionais, com seus correspondentes juízos de valor, estabelecendo uma tripla problemática: por um lado, a qualidade intrínseca da paisagem, por outro, a resposta estética que produz no indivíduo e, finalmente, a atribuição de um valor.

Para este trabalho, nossa investigação a respeito da percepção da paisagem pelos usuários do local (sejam turistas, sejam moradores locais), visa uma perspectiva de valoração individual, fruto da cognição do espaço, o que também embasará nossa compreensão sobre a capacidade dos observadores em traçar comparações entre momentos distintos da paisagem exigindo-se, portanto, um exercício de memória por parte dos entrevistados.

Segundo Pires (1993), a diversidade de abordagens e enfoques para o estudo das paisagens, deu origem a múltiplos métodos de avaliação que podem ser classificados em função dos critérios utilizados, dos sistemas de medidas, da participação ou não do público, entre outros.

Baseados na premissa de que a avaliação da paisagem tem uma forte tendência subjetiva, que pode ser estudada de forma objetiva, vários autores agrupam os distintos métodos em: *diretos, indiretos e mistos*. Pires (op. cit.), resume-os da seguinte maneira:

a) **Métodos diretos:** a valoração se realiza a partir da contemplação da totalidade da paisagem, pela visualização no local ou pelo uso de substitutos (fotografias, slides, vídeos, gravuras), dando origem a diferentes níveis de subjetividade durante o processo. O agente de valoração poderá ser o público em geral, grupos representativos da sociedade ou, ainda, profissionais específicos.

b) **Métodos indiretos:** a valoração é realizada através da desagregação da paisagem e da análise de seus componentes ou das categorias estéticas (elementos da paisagem), de acordo com diferentes juízos de valor e segundo critérios de pontuação e classificação estabelecidos por especialistas.

c) **Métodos mistos:** a valoração é feita de forma direta, realizando-se depois, através de análises estatísticas, o estudo da participação de cada componente ou elemento no valor total da paisagem.

Mas como relacionar a objetividade com a subjetividade? Quando tratamos da estrutura estamos falando de algo concreto, objetivo. Quando abstraímos a paisagem, atribuindo-lhe valores, estamos sendo subjetivos. Talvez, o grande entrave na questão do planejamento seja o imediatismo político e (ou) econômico que o condiciona aos interesses de grupos da sociedade. A necessidade de adequar a objetividade do meio biofísico com a subjetividade do observador torna-se importante para pensar no planejamento da paisagem.

A percepção não é, portanto, uma cópia retiniana da imagem, mas seu correlato. É a interpretação da realidade objetiva através da atribuição de significado aos objetos percebidos. A qualidade da percepção e a atribuição de significados não dependem apenas de um aparelho altamente sofisticado. Estão condicionadas também pela cultura, a qual, na forma de um conjunto de valores, técnicas e normas, se retrata na atitude do ser humano em relação ao meio ambiente, ou na maneira como ele sente, percebe, valoriza e constrói a paisagem que o cerca.

2.5 Sobre recreação e paisagem

Como recreação, entendemos todas as formas de manifestação do ser humano, voltadas apenas para o prazer e para o diletantismo, compreendendo muitas das vezes, deslocamentos para áreas naturais ou com grande manifestação de natureza. Baseados nos conceitos de Pearson (1961) e Clawson & Knetsch (1966), recreação é definido pelo autor Holandês Van der Zee como “*refresco do corpo e da mente por atividades ou inatividade planejada, sem nenhum compromisso moral, social, econômico ou outro tipo de pressão*” Van der Zee (1971, 1986 e 1987). Dentro de recreação, englobam-se também as atividades turísticas.

Para Van der Zee, estudioso da relação entre atividades de recreação e seus efeitos sobre as paisagens, “*o homem tem usado a terra de várias maneiras. Recreação é uma forma de uso da terra que tem importância crescente em muitas partes do mundo. As relações do homem com as paisagens através da recreação são especiais e menos propensas a considerações estritamente econômicas e utilitárias*”.

As pessoas viajam de suas casas porque querem um tipo de recreação que não podem ter lá. A direção da viagem é determinada pelos atrativos do local, chamados de recursos recreacionais. Alguns querem uma mera mudança dos arredores, então qualquer lugar fora de casa lhes proferirá. Outros querem se deitar em areia de praias ensolaradas, montanhas para escalar, lagos para velejar ou neve para esquiar, mas isso não faz com que todas as praias, ou lagos, ou montanhas sejam recursos recreacionais. As características das paisagens são recursos recreacionais apenas quando o homem as

identifica e as usa dessa forma. Elas podem não ter uma relação original com recreação. Como toda atividade externa humana, recreação influencia o meio natural e pode ser destrutiva como qualquer indústria. Os impactos da recreação têm sido classificados em várias categorias:

2.5.1 Impacto por equipamentos físicos

Os mais diretos e claros impactos na paisagem são criados por equipamentos físicos para recreação que podem ser permanentes, semi-permanentes ou temporários. Este aspecto da paisagem pode mudar drasticamente se ela for ocupada por casas de veraneio, áreas de acampamento, alojamentos rebocáveis (trailers) ou um grande estacionamento. Todos esses equipamentos ocupam espaço, ainda que diretamente exijam espaços modestos. Entretanto, o impacto dos equipamentos físicos pode ser indireto. Equipamentos de serviço, como centros comerciais, restaurantes, hotéis e pousadas, têm preferência de localização em um aglomerado habitacional urbanizado (vila), somando-se ao total de estruturas. Vilas que têm uma função recreacional tendem a se expandir, mas o que se sucede após essa expansão é a perda de valores naturais (Van der Zee, 1982). Para esse autor ainda, nem todas as instalações se ajustam a vilarejos existentes. Algumas vezes povoados recreacionais completamente novos são criados e algumas instalações são dispersas pela região. Não são apenas as residências secundárias (residências para passar temporada de férias) e instalações mencionadas que criam impacto na paisagem, mas sistemas de transporte que providenciam acessibilidade interna e externa às áreas de recreação, causam um grande peso ao meio ambiente também. Equipamentos criados diretamente para as atividades recreacionais também podem ocupar espaço considerável e influenciar severamente a paisagem. Por exemplo, na Áustria entre 1964 e 1975 mais de dez mil ha de florestas nativas foram cortados para se fazer pistas de esqui (Lansink, 1983). Algumas vezes as mudanças são planejadas e ocorrem rapidamente, mas freqüentemente o desenvolvimento das instalações físicas é um processo gradual que é difícil reconhecer. Em muitos casos, a interpretação seqüencial de fotos aéreas pode fazer com que o

processo se revele muito claro. Isso não apenas possibilita a identificação dos recursos recreacionais com maiores detalhes, mas também provêm meios de controlar o processo.

2.5.2 Impacto na vegetação

O impacto da recreação não é restrito ao espaço ocupado diretamente pelas instalações físicas. Essa paisagem natural sem nenhum uso ou designação “oficial” não implica em não ser usada ou influenciada pelo homem. Quando recreacionistas visitam a paisagem natural, eles andam, sentam, brincam e se esparramam nela. Em resumo, mostram um comportamento que não é destrutivo intencionalmente, mas é perigoso em efeito, porque resulta em mudanças na vegetação, causa degradação na comunidade de plantas e eventualmente erosão do solo (Van der Zee, 1990). Pessoas podem causar tanto prejuízo à vegetação jovem quanto uma escavadora Clawson & Knatsch (1969).

A vegetação pode ser influenciada em muitas formas pela recreação. O lixo pode alterar o meio ambiente e mudar a composição das espécies. Recreacionistas podem pegar flores, frutas ou partes da vegetação, eventualmente cavar e colher plantas. Se isso for feito com frequência e continuamente, algumas espécies irão desaparecer. O plantio de vegetação exótica terá influência sobre a vegetação local. A retirada excessiva de água subterrânea para satisfazer picos de consumo causados pela visitação recreacional pode resultar na diminuição do nível de água que supriria a vegetação, causando prejuízos severos. Mas o efeito da recreação é mais pronunciado quando os pés dos recreacionistas criam sistemas de trilhas e caminhos sobre o solo. Esse é o último estágio de um processo que se inicia com a mudança da composição da vegetação e degeneração geral da vegetação. Por causa disso a “erosão turística ou recreacional” é um processo gradual. Frequentemente sua extensão pode ser julgada pela comparação de seqüência de fotos aéreas. Mudanças na composição da vegetação são difíceis de identificar, mas o aumento da extensão do sistema padrão utilizado e o aumento da área sobre o solo pode ser facilmente medido e expressado quantitativamente Van der Zee (op. cit.). O padrão revelado por um inventário pode nos dar uma indicação sobre a

relação entre o tipo de recreação e os elementos de paisagem e o comportamento espacial dos usuários do espaço.

2.5.3 Impacto nos animais

O impacto do turismo em animais ocorre indiretamente através da redução da extensão do habitat pela construção de equipamentos de turismo ou pelas mudanças de características do Habitat pelo impacto na vegetação ou qualidade da água. O impacto direto inicia-se com a morte da fauna. Também a mera presença dos recreacionistas é um impacto. Pessoas, barcos, veículos e aviões, criam ruídos, vibrações e distúrbios visuais. Grandes mamíferos, pássaros predadores, pequenos pássaros de canto e pássaros que nidificam no solo são especialmente susceptíveis Goderie (1986). Até em áreas muito isoladas os animais podem ser perturbados pelo barulho de estudantes, por um botânico entusiasmado ou por um observador de pássaros. Quando o distúrbio é freqüente e contínuo, o resultado pode ser o desaparecimento de espécies ou uma redução na quantidade total da vida animal.

Recreação sozinha não apenas lidera o declínio da fauna, mas também muda a composição das espécies em uma área. Por exemplo, peixes e faisões são criados com propósitos ornamentais e espécies de rapina são atraídas para áreas onde existam ninhadas acumuladas assim como para áreas de estacionamentos ou próximo a áreas de acampamento onde haja restos de comida em cestos de lixo ou sobre mesas preparadas para um lanche.

Alimentar diretamente os animais pode levar ao aumento da população de pombos, esquilos ou patos. Dessa forma o impacto causado aos animais pela recreação não é fácil de ser determinado e inventariado como ocorre com a vegetação porem isso não pode ser negligenciado.

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Caracterização da área de estudo

O trabalho desenvolveu-se no Município de São Bento do Sapucaí no estado de São Paulo (figura 2), tendo sido iniciado em Agosto de 2002. Trata-se de uma cidade com 252,2 Km² com uma população de aproximadamente 11.000 habitantes (QUADRO 01 estimativa do IBGE para 2004), situado nas coordenadas: Latitude 22° 41' 20" S, longitude 45° 43' 55 O, cuja renda vem basicamente da agropecuária e do turismo.

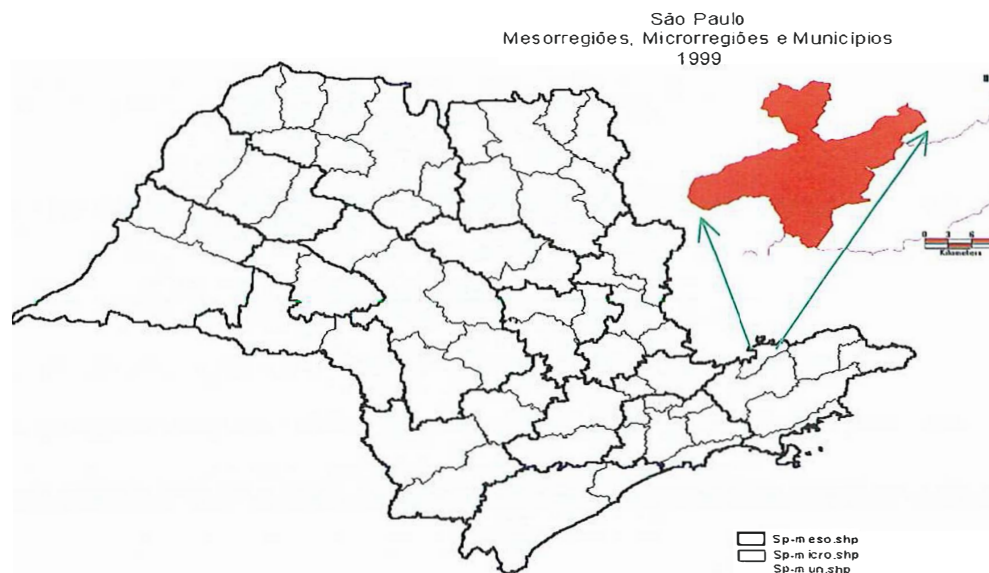


Figura 1 - Situação do município de São Bento do Sapucaí dentro do Estado de São Paulo

SÃO BENTO DO SAPUCAÍ código: 354860, IBGE (2003)

Descrição	Unidade	Valor
Pessoas Residentes - Total	10355	Pessoas
Pessoas Residentes - Área Urbana	4627	Pessoas
Pessoas Residentes - 10 anos ou mais de idade - Rendimento Nominal Médio	44387	Reais
Mulheres Residentes - 10 anos ou mais de idade - Rendimento Nominal Médio	35903	Reais
Pessoas Residentes - 10 anos ou mais de idade - Sem instrução ou menos de 1 ano de estudo	806	Pessoas
Esgoto-Domicílios particulares permanentes com banheiro ligado à rede geral	1114	Domicílios
Água - Domicílios particulares permanentes com abastecimento ligado à rede	1780	Domicílios
Lixo - Domicílios particulares permanentes com lixo coletado	2185	Domicílios
Óbitos hospitalares - Homens	23	Óbitos
Óbitos hospitalares - Mulheres	27	Óbitos
Óbitos hospitalares - Doenças infecciosas e parasitárias	1	Óbitos
Óbitos hospitalares - Causas externas	0	Óbitos
Estabelecimentos de saúde - Total	3	Estabelecimentos
Estabelecimentos de saúde - Prestadores de serviços ao SUS	3	Estabelecimentos
Leitos hospitalares	60	Leitos
Leitos hospitalares disponíveis ao SUS	46	Leitos
Matrículas - Ensino Fundamental	1417	Matrículas
Matrículas - Ensino Médio	528	Matrículas
Docentes - Ensino Fundamental	115	Docentes
Docentes - Ensino Médio	43	Docentes
Nascimentos registrados no ano	195	Nascimentos
Casamentos registrados no ano	48	Casamentos
Separações judiciais registradas no ano	17	Separações
Eleição Municipal - Partido do candidato eleito - PT	-	-
Eleição Municipal - Número de eleitores	7251	Eleitores
Unidades Locais - Empresas com CNPJ - Empresas	-	-
Agências bancárias	3	Agências
Valor das Aplicações - Reais	-	-
Valor do Fundo de Participação dos Municípios	254349635	Mil Reais
Valor do Imposto Territorial Rural	1557570	Reais
Área da unidade territorial	252,20	Km ²
População estimada - 2003	10.866	Pessoas

Quadro 1 - Caracterização geográfica do município de São Bento do Sapucaí. Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais <http://www1.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>

O município encontra-se encravado na Serra da Mantiqueira (figura 2) apresentando originalmente uma vegetação caracterizada como Floresta Ombrófila Mista Alto-Montana que apresenta em sua descrição no Manual Técnico da Vegetação Brasileira (1992) o texto:

Esta floresta apresenta-se localizada acima dos 1000m de altitude, com maior ocorrência no Parque do Itaimbezinho (RS) e na crista do Planalto Meridional, nas cercanias dos “campos de Santa Catarina” no Parque São Joaquim (SC), ocupando as encostas das colinas diabásicas em misturas com arenitos termo-metamorfozeados pelo vulcanismo cretáceo, que constitui a Formação Serra Geral. Tal fisionomia podia ser observada até a década de 60, quando se iniciou a exploração dos últimos remanescentes expressivos da Araucaria angustifolia, restando atualmente poucos exemplares jovens ou raquíticos que sobraram da exploração predatória.

Atualmente esta floresta encontra-se ainda bem conservada e com seus elementos quase intactos no Parque Estadual de Campos do Jordão (SP) e em Monte Verde, Município de Camanducaia (MG); todavia, as outras ocorrências, como a de Itatiaia (RJ e MG), estão sendo gradualmente suprimidas tendendo ao desaparecimento em poucos anos.

A composição florística da disjunção de Campos do Jordão, possivelmente semelhante à que outrora existia nos estados do Paraná e Santa Catarina, apresenta a dominância da Araucária angustifolia, que sobressai do dossel normal da floresta. Ela é também bastante numerosa no estrato dominado e aí associada a vários ecótipos, dentre os quais merecem destaque, em ordem decrescente os seguintes: Podocarpus lambertii (pinheirinho) e várias Angiospermas, inclusive o Drymis brasiliensis da família das Winteraceae, Cedrela

fissilis das *Meliaceae* e muitas *Lauráceae* e *Myrtaceae*. No estrato arbustivo da submata, dominam as *Rubiaceae* e *Myrtaceae* e exemplares da regeneração arbórea de *Angiospermae*, como *Winteraceae*, *Lauraceae* e *Meliaceae*, faltando as *Coniferales*, que estão no momento colonizando as áreas campestres adjacentes. (Manual Técnico da Vegetação Brasileira 1992, p. 21)

A caracterização climática do município é apresentada na legenda da figura 3 como mesotérmica branda super-úmida sub-seca com presença também de mesotérmica mediana super-úmida sem seca.

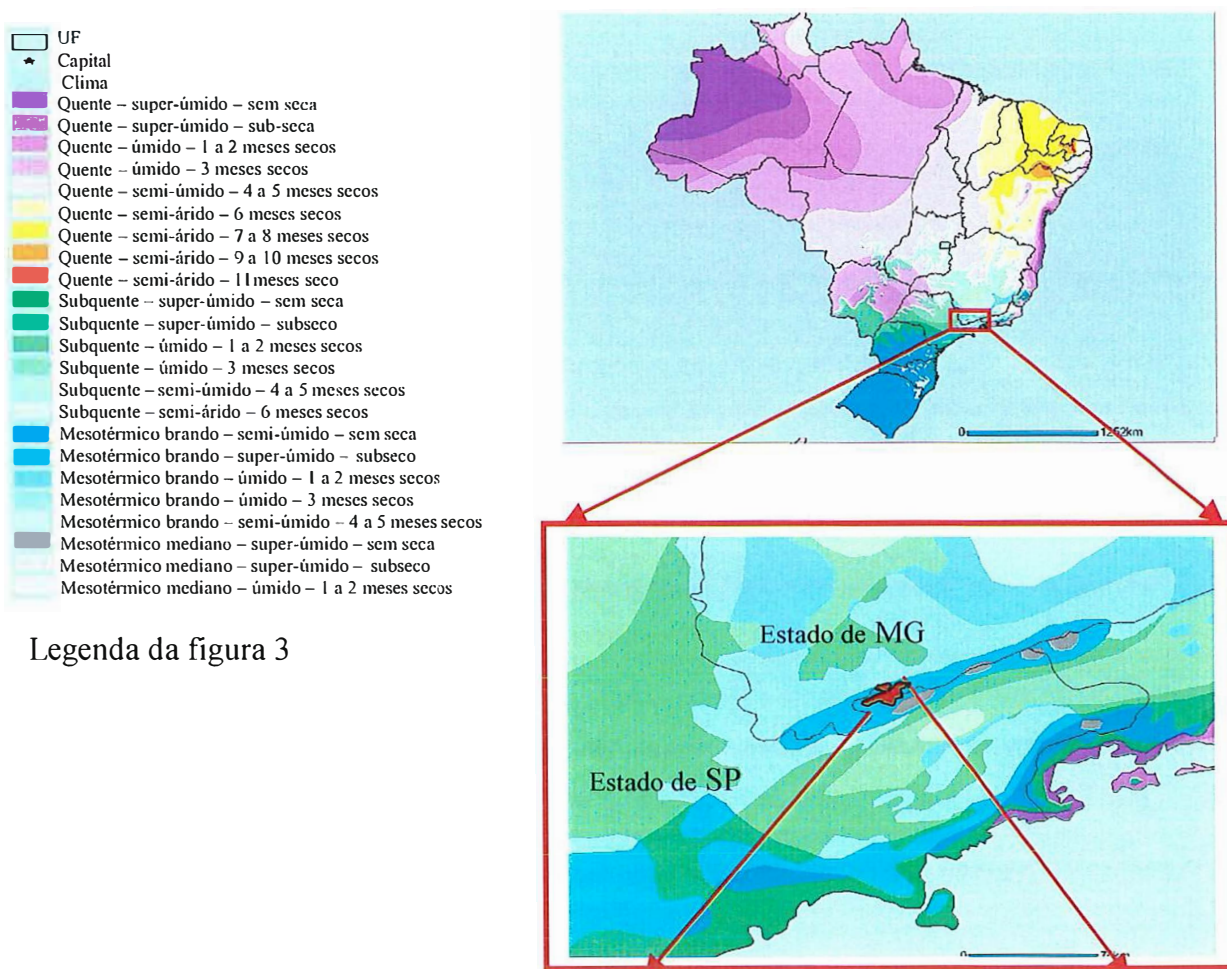
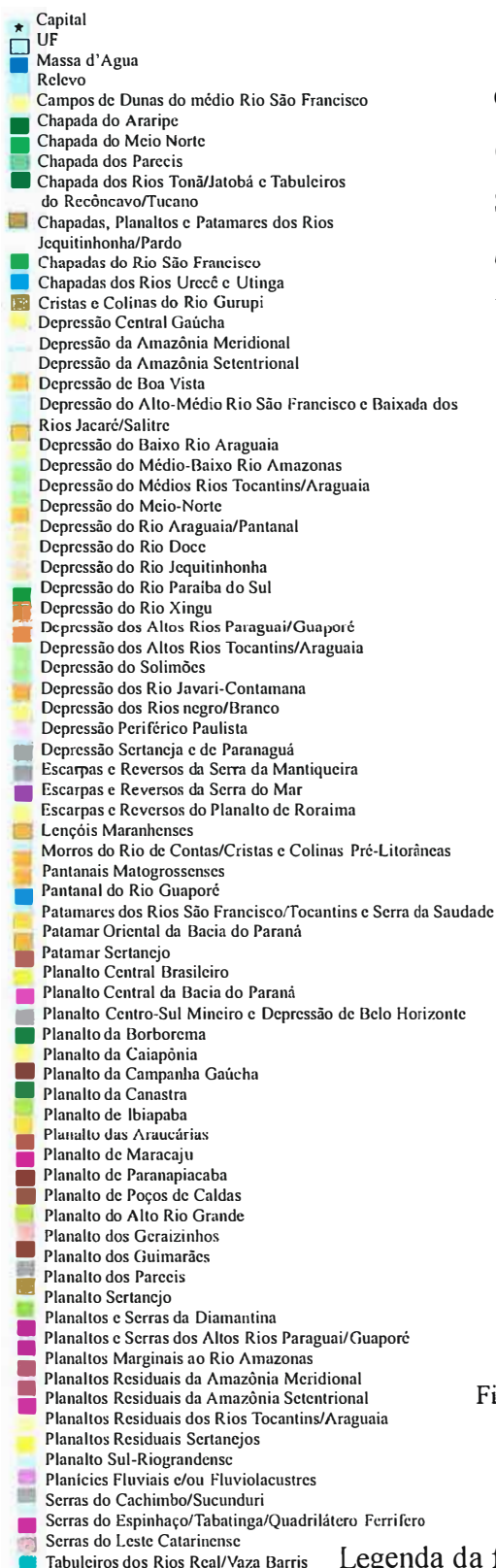


Figura 3 - Clima no Brasil e na região do município de São Bento do Sapucaí:
<http://mapas.ibge.gov.br/website/clima>



A topografia e o relevo da região do município de São Bento do Sapucaí são caracterizados como Escarpas e Reversos da Serra da Mantiqueira apresentando também áreas da Depressão do Rio Paraíba do Sul, conforme legenda da figura 4: IBGE. (on. cit.).

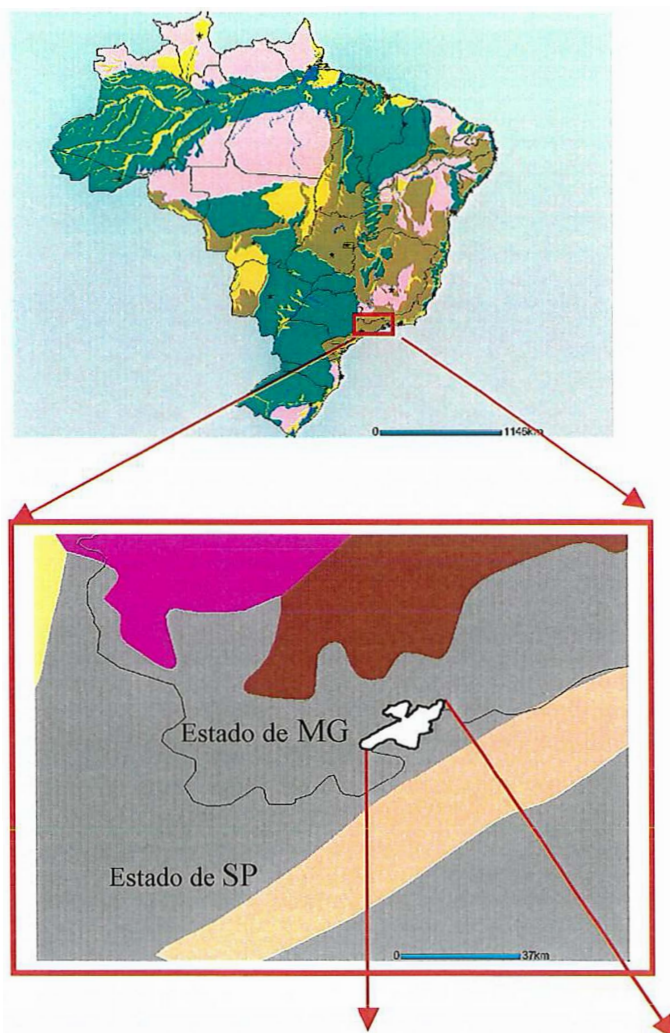


Figura 4 - Topografia e relevo da região do município de São Bento do Sapucaí. Fonte: <http://mapas.ibge.gov.br/web/site/relevo/>

3.2 Metodologia

As pesquisas que envolvem percepção da paisagem demandam por uma metodologia ainda ausente nos meios acadêmicos. O mais correto é nos referirmos a estratégias adotadas para se alcançar os objetivos pretendidos, antes do que propriamente procedimentos metodológicos (Ferrara,1999).

Assim *...são abolidos os receituários metodológicos que determinam, com segurança, os passos e o desenvolvimento da pesquisa (...) cada pesquisa é uma e única ...*(Ferrara, 2000). Isto, entretanto não implica em empirismo total, muito pelo contrário, abre-nos possibilidades fora dos procedimentos metodológicos que costumam engessar o pesquisador. A busca do rigor científico pautou a opção nas estratégias adotadas e essa flexibilização permitiu ao pesquisador explorar as melhores condições para se chegar ao conhecimento das significações atribuídas à paisagem pelo sujeito, resgatando *...de modo tão preciso quanto possível; o que ocorre com ele ao viver suas experiências; é buscar recompor a paisagem vivida conceitualmente com base na apreensão direta ou no aprendizado e na memória* (Ferrara, 2000).

Dentre as três categorias de técnicas de pesquisa sobre percepção da paisagem, quais sejam: técnicas de interlocução como entrevistas, questionários, elaboração de desenhos; e as que envolvem a audição de relatos, das histórias dos sujeitos e as que simplesmente observam o desenrolar dos comportamentos e acontecimentos, mas vivenciam o ambiente e o clima reinante, fizemos uso de todas elas em maior ou menor grau. O trabalho de White publicado pela UNESCO em 1978 destaca-se pelo esforço de tentar reunir as diversas técnicas existentes para os trabalhos de campo relativos à percepção, acrescentando ainda vantagens e desvantagens nas suas aplicações. De acordo com White (op. cit.), a observação do comportamento do ser humano em um ambiente constitui a base para as outras abordagens, podendo-se optar em se fazer observações estruturadas ou não estruturadas. A grande diferença entre as duas é a definição, a estruturação, de pontos de observação no tempo e no espaço, montando-se uma amostragem. Normalmente, considera-se que a observação não estruturada é menos rigorosa do que a estruturada, no entanto, o cruzamento com outras

técnicas, como entrevistas, pode salvaguardar a confiabilidade do registro das observações não estruturadas, além de resguardar a riqueza das interações dos indivíduos com o espaço.

Sob a perspectiva de André (1999), o conhecimento das representações dos indivíduos se dá a partir da análise do discurso, sob todas as formas (textos, imagens, desenhos), havendo basicamente três conjuntos de técnicas possíveis de serem utilizadas: a análise do discurso verbal, a análise de imagens como fotografias, por exemplo, e por fim a elaboração de mapas mentais ou representações gráficas.

Partindo-se então desses referenciais, optamos pelo uso misto das técnicas e abordamos tanto moradores locais como turistas munidos de questionários, filmadoras e gravadores para deles obtermos suas impressões e memórias sobre as paisagens de São Bento do Sapucaí e suas alterações nos últimos trinta anos.

Apesar dessa abordagem qualitativa em nossa pesquisa, em conformidade com Haguette (1992), o resultado dos questionários também nos permitiu conclusões quantitativas devido ao grande número de informações obtidas nos 1076 questionários respondidos.

Os questionários estruturados foram desenvolvidos contendo três partes distintas, sendo 06 (seis) questões e destas, 05 (cinco) com alternativas de múltiplas escolhas e uma questão conceitual, descritiva, sobre *paisagem*. Uma segunda parte onde se solicitou a elaboração de dois mapas mentais sendo um sobre a *paisagem preferencial* dos entrevistados e outro sobre uma *paisagem representativa do município de São Bento*, sob a ótica do entrevistado. A terceira parte foi destinada à caracterização do entrevistado. O enunciado dos questionários variava em função do tipo de entrevistado; *turistas* ou *estudantes* sendo estes últimos considerados *moradores locais ou nativos* (anexos 9.1 e 9.2).

A pesquisa teve início com visitas à comunidade, onde foram estabelecidos relacionamentos com a administração pública através da Prefeitura Municipal e da Secretaria de Turismo do Município de São Bento do Sapucaí, assim como com empresários dos ramos turístico, hoteleiro e de alimentação e também com a população local. Procurou-se de forma interativa, obter vínculos que trouxessem

informações sobre o passado e o presente da cidade. Os questionários foram aplicados pelo próprio pesquisador ou por prepostos deste, todos devidamente treinados e orientados a darem esclarecimentos sobre a intenção da pesquisa de forma a garantir o bom andamento da mesma. As abordagens para respostas dos questionários foram feitas em hotéis, pousadas, restaurantes e em trilhas e pontos de concentração de turistas. Os questionários de moradores locais, em sua maioria, foram respondidos dentro da escola estadual presente no município e que detem 1350 alunos matriculados com idades entre 07 e 38 anos, o que significa aproximadamente 12% da população do município. Também foram estabelecidas entrevistas não estruturadas, gravadas em vídeo ou áudio, que complementaram as informações para esse trabalho. Tais entrevistas tiveram como pano de fundo paisagens como a Pedra do Baú, as ruas da cidade de São Bento do Sapucaí, residências ou estabelecimentos de pessoas que fazem parte do folclore do município como o Artista Plástico Ditinho Joana, ou “Dona Fiinha”, o ex-prefeito Antonio Carioca, o fotógrafo Manuel Coutinho, a “Dona Lili” da pousada Casarão o “Seu Barrinha” em seu próprio sítio, o “Seu Hélio” dono do boteco Primeiro Gole, a “Dona Fátima” do acampamento Rancho Alegre o “Freirão” do acampamento Paiol Grande, o “Seu Miguel” da fábrica Agroarte “das bananeiras”, a “Dona Nória” da Pousada do Sítio, a secretária de turismo do município, o prefeito, O Sr. Martin do Restaurante Trincheira, o Benê do Sabor da Serra, entre tantos outros.

3.2.1 Mapas mentais

Dentre os diferentes meios de se registrar o fenômeno em estudo, incluiu-se os mapas mentais ou representações gráficas, elaborados pelos entrevistados. Este tipo de metodologia permite, por meio de desenhos e representações gráficas, ter acesso a informações contidas num nível de consciência diferente. Sob a perspectiva de André (1999) o conhecimento das representações dos indivíduos se dá a partir da análise do discurso, sob todas as suas formas (textos, imagens, desenhos), havendo basicamente três conjuntos de técnicas possíveis de serem usadas a fim de se chegar às representações dos pesquisados: um que se concentra sobre o discurso verbal; outro que

se dá a partir do uso de imagens, como as fotografias, por exemplo: e, um outro que se efetua a partir da elaboração de mapas mentais.

O mapa mental, de acordo com os geógrafos que trabalham com as representações do espaço, constitui um rico instrumento de investigação já que é ... *um produto, isto é, a representação que uma pessoa dá de seu ambiente espacial; ela permite fixar imagens de uma certa área e de resgatar os limites do conhecimento espacial* (Bailly, 1987). Para Del Rio (1999), a imagem mental

...reflete o nível simbólico figurativo ou associativo de nossa cognição, onde a imagem possui sentido em si mesma e revela-se como símbolo..., já o mapa mental pode ser considerado como um outro tipo de imagem, que reflete o nível icônico da cognição e possui um tipo de estruturação interna entre seus elementos formadores, remontando a uma lógica operacional.

As pesquisas que iniciaram uma análise do ambiente em função das suas imagens, partiram de pesquisadores que tinham como preocupação os espaços urbanos na intenção da elaboração de planejamentos. Nesse sentido Lynch (1988) foi o precursor e inspirou-se na Psicologia de Gestalt e até hoje ainda é tratado como referência por estudiosos de todo o mundo quando se fala em percepção ambiental. Na geografia, começa a partir daí a preocupação com a imagem que os seres humanos têm da paisagem e que afeta os seus comportamentos diante delas. Surge então a hipótese de que a imagem que o ser humano tem da paisagem, e não a paisagem em si, é que influencia o comportamento humano. Como salienta Capel (1973),

...o comportamento espacial é função da imagem e a imagem é o vínculo do homem com seu meio. Desta forma a mente do homem, de onde tem lugar a percepção, a formação da imagem e a decisão, se converte assim em um campo novo de investigação geográfica.

A denominação Mapas Mentais vem da geografia onde se discute a questão da percepção do meio e suas representações. A primeira obra sistematizada sobre esse assunto foi a de Gould e White, muito embora em seus texto surjam indicações dos autores da obra de Charles Trowbridge, que em 1913 apontou os primeiros debates sobre o assunto. Foram suas suposições que vieram a fundamentar o que estamos denominando Mapas mentais. Essa ferramenta de investigação ganha força e suporte teórico no momento em que se ampliam os debates teóricos sobre a valorização do saber cotidiano dos lugares, do reconhecimento deste saber enquanto conhecimento do lugar. Gould também se refere a Lynch sobre as imagens da cidade, já que este mostrou que a partir das descrições que as pessoas fazem de suas percepções, podem detectar elementos básicos da paisagem e construir dela uma imagem geral. Os trabalhos de Lynch permitiram ainda entender que os Mapas Mentais não são apenas representações de uma realidade subjetiva, pois no final de suas pesquisas ele percebeu que

...cada indivíduo cria sua própria imagem, mas parece existir uma coincidência fundamental entre os membros de um mesmo grupo. Existem imagens públicas, representações mentais comuns em grande parte dos habitantes de um mesmo lugar. Estes mapas públicos são resultados da intenção de uma realidade física única, uma cultura comum, uma natureza fisiológica básica.

Apesar do pioneirismo no uso dos mapas mentais, Lynch apenas administrou dados visuais e foi criticado por outros pesquisadores por ter-se limitado em suas conclusões (Nogueira, 2001). Em nossa abordagem, não nos importa apenas o visível, mas também os símbolos que aparecem assinalados e que dão pistas para entender que existe um significado invisível também destacado. Peter Gould, após citar as contribuições de Lynch, contrapõe-se às análises dele em alguns pontos como , por exemplo, o fato dele considerar as representações apenas dos lugares freqüentados cotidianamente. Gould trabalha com as imagens, também e principalmente dos lugares distantes, as imagens que estão nas nossas mentes de lugares conhecidos a partir de

histórias, roteiros de viagens, filmes, romances ou ainda lugares imaginários. Goud ampliou o conceito de Mapa Mental introduzindo-o definitivamente na Geografia. Em sua obra em parceria com White, eles definiram Mapas Mentais como

... as imagens espaciais que estão nas cabeças dos homens, não só dos lugares vividos, mas também dos lugares distantes, construídos pelas pessoas a partir de seus universos simbólicos, sendo estes produzidos através dos acontecimentos históricos, sociais e econômicos divulgados (...) enquanto adquirimos informações através das imagens pessoais, também formamos imagens mentais dos lugares, com informações que adquirimos: lendo, através de rádio e televisão, conversando com outras pessoas, ou mesmo, a partir de pôsteres de viagens em estações de trens e aeroportos.

Os mapas mentais são largamente utilizados como recursos didáticos para o ensino de geografia (Nogueira, op.cit.), mas é como recurso metodológico para obtenção de informações sobre lugares que os utilizaremos em profusão nessa pesquisa.

Os mapas mentais representam uma tipologia de reconstrução do lugar e foram concebidos como uma construção da mente, Dessa forma Oliveira (1976) nos conduz à sua definição que permite a utilização dos Mapas Mentais para o planejamento urbano e ambiental.

Construímos um Mapa Mental e necessitamos desenvolver as estruturas espaciais do nosso pensamento para adquirir esquemas de ação para a atividade espacial. É este mapa mental que nos coloca em posição de estabelecer, selecionar, analisar, classificar, modelar, enfim de operar sobre as situações geográficas, estudando as relações espaciais de maior significância aos nossos propósitos. (Oliveira, 1972).

Para Lencioni (1999), os mapas mentais são *subjetivos e construídos a partir da percepção do espaço: e no âmbito dessa percepção, os homens elaboram imagens acerca desse espaço... Os Mapas Mentais são, portanto, “reveladores”;* ou

seja, é possível, com o estudo dos Mapas Mentais, apreender as imagens que os indivíduos tem acerca dos lugares, procurando relacionar essa imagem às características sócio-culturais destes e entender uma das dimensões das relações que os indivíduos estabelecem com o espaço.

3.2.2 Entrevistas

Em entrevista a moradores antigos (vivendo no município a mais de 30 anos) da cidade de São Bento do Sapucaí, sabendo que esses foram conhecedores e observadores das paisagens locais, obtivemos informações referentes às suas percepções sobre as alterações nas paisagens. As entrevistas foram gravadas ou filmadas com expressa autorização dos entrevistados que recebiam anteriormente uma explicação sobre intenção da pesquisa.

3.2.3 A abordagem fenomenológica.

Na abordagem fenomenológica, segundo Merleau-Ponty (1999), a intenção é descrever e, não explicar os fenômenos da experiência imediata. E para atingir tal objetivo, torna-se necessário excluir as crenças, as explanações e considerações, inclusive preconceitos. Para reconhecer a complexidade e a variedade do fenômeno que está sendo descrito é preciso se colocar no lugar daqueles que o estão experienciando. O procedimento mais correto é adotar muitas perspectivas, com a utilização de várias fontes e aceitar as ambigüidades e complexidades que surgirem no caminho. O psíquico é fenômeno, não é coisa. O físico é coisa, fato exterior, empírico e, governado por relações causais e mecânicas. O fenômeno é a própria consciência enquanto fluxo temporal de vivências, que é imanente e tem a capacidade de outorgar significado às coisas exteriores. Sua estrutura é a intencionalidade. A consciência é uma atividade constituída por atos (percepção, imaginação, especulação, volição, paixão

etc.). A Fenomenologia procura descrever a estrutura de cada um desses atos e cada um dos seus correlatos ou significações. Percepção-percebido, imaginação-imaginado, ideação-ideado etc., constituem, pois, o campo de trabalho das descrições e análises fenomenológicas. E cada um desses pares constitui também uma certa região do ser, isto é, um certo modo de um objeto ser visto pela consciência. A fenomenologia se revela como um complexo conjunto de fenômenos que, embora também admita correlações, é incomensurável e, portanto, impossível de se verificar pelas relações diretas de causa-efeito e de ser compreendida em sua plenitude. Para a linha fenomenológica do ambiente, existe a busca ao conhecimento holístico. Neste sentido, aceita-se que todo o ambiente que envolve o ser humano seja físico, seja social, psicológico ou até imaginário, tem influência sobre a percepção e a conduta. Este enfoque não aceita a possibilidade de relações ambientais diretas do tipo causa-efeito nem fenômenos independentes. Interessa descrever e interpretar a realidade e os fenômenos observados como partes de um fenômeno maior, integral, que não pode ser decomposto sem o risco de não abordarmos sua verdadeira natureza. Neste sentido, todos os procedimentos metodológicos adotados e descritos acima, contribuíram para a *observação* da situação a partir de diferentes fontes e pontos de vista de modo a descrever o fenômeno em estudo, reconhecendo e respeitando sua variedade e complexidade.

3.2.4 Fotografias

Paralelamente aos questionários, foram buscadas fotografias antigas das áreas de interesse de maneira a podermos formar um acervo que nos permitisse a comparação com a situação atual das paisagens, registradas também em fotografias tiradas sob o mesmo ângulo das antigas (quando possível). Dessa maneira foi possível averiguar se a percepção e a memória dos entrevistados condizem com a realidade dos fatos registrados em conformidade com Van der Zee (1982, 1990). As fotos atuais mostram a situação do município nos aspectos urbano e rural, com mais ênfase nesse último. Buscou-se a reprodução do posicionamento do fotógrafo, quando em

comparação com fotos anteriores, de maneira a possibilitar uma melhor comparação entre as alterações ocorridas. As fotografias que não apresentam correlatas anteriores referem-se a equipamentos turísticos ou interferentes na paisagem como, por exemplo, uma grande quantidade de imóveis à venda.

3.2.5 Aerofotogrametrias

Tratam-se de fotografias tiradas de um avião em vôo com velocidade e altitude constantes, a intervalos regulares entre si, cobrindo toda uma área a ser estudada. O uso de equipamentos especiais sobre as fotografias, como os estereoscópios permitem a interpretação de altitudes e profundidades, de maneira a entender o relevo e sua topografia com maior riqueza de detalhes.

As fotos adquiridas foram produzidas pela empresa BASE Aerofotogrametria e Projetos S. A. e se constituíram nos referenciais para as análises das macro-transformações ocorridas na paisagem da área de estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O universo pesquisado com os questionários foi de 1076 pessoas sendo 530 homens (49,3%) e 546 mulheres (50,7%) compreendidas entre as *idades* de 8 a 78 anos (Tabela 1) apresentando uma idade média de 17 anos.

Tabela 1. Distribuição da idade dos entrevistados

Idade	Quantidade de entrevistados	Percentual
Não responderam	17	1,6%
8 a 14 anos	295	27,4%
15 a 20 anos	353	32,8%
21 a 26 anos	137	12,7%
27 a 34 anos	142	13,2%
35 a 41 anos	71	6,6%
42 a 78 anos	61	5,6%
Total	1076	100%

A escolaridade dos entrevistados variou do primeiro grau até a pós-graduação sendo que 73,6 % tinham até então apenas o segundo grau (Tabela 2).

Tabela 2. Escolaridade dos entrevistados

Escolaridade	Quantidade de entrevistados	Percentual
1º grau	390	36,2%
2º grau	402	37,4%
Superior incompleto	53	4,9%
Superior completo	193	17,9%
Pós-graduado	21	2,0%
Não responderam	17	1,6%
Total	1076	100%

As respostas das questões correlacionadas foram agrupadas para um melhor entendimento.

Questão 01 = Paisagem preferencial em escala decrescente de 1 a 15

Questão 07 = Representação gráfica da paisagem preferencial e de São Bento do Sapucaí

A pesquisa buscou por meio de duas questões, descobrir quais as paisagens preferenciais dos entrevistados, utilizando-se para isso de dois métodos. Na primeira a abordagem foi feita por meio de um questionamento direto, respondido dentro

da folha de entrevista na forma de um gradiente de preferência dentre 15 opções (questão 01) sendo o número 1 para a paisagem preferida e o número 15 para a menos preferida, tendo sido oferecido ao entrevistado as opções:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Paisagens com mar | <input type="checkbox"/> paisagens com lagos | <input type="checkbox"/> paisagens com cachoeiras |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com neve | <input type="checkbox"/> paisagens com matas fechadas | <input type="checkbox"/> paisagens com pastagens |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com agricultura | <input type="checkbox"/> paisagens com reflorestamento | <input type="checkbox"/> paisagem com montanhas |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com pessoas | <input type="checkbox"/> paisagens com animais | <input type="checkbox"/> paisagens urbanas com prédios altos |
| <input type="checkbox"/> Paisagens urbanas sem prédios | <input type="checkbox"/> paisagens urbanas com espaços livres e arborização | <input type="checkbox"/> paisagens com rios |

A outra forma de investigar qual a paisagem preferida foi a solicitação de um mapa mental esquemático (desenho) referente à sua preferência (questão 07). Foi interessante observar a grande resistência em desenvolver esses mapas mentais por parte dos entrevistados. A maioria das pessoas não se sentia apta a traçar linhas como forma de expressão, passando a impressão de que por intermédio de seus desenhos teríamos uma porta de entrada em um mundo secreto ao qual não deveríamos ter acesso.

Em resposta à **questão 01 - paisagem preferencial**: obtivemos 884 respostas preenchidas adequadamente (81,4% do universo total) sendo que as que receberam maiores preferências foram *paisagens com mar* para 243 entrevistados (27,5%), *paisagens com cachoeiras*, 225 entrevistados (25,5%) e *paisagens com montanhas*, opção de 138 pessoas (15,6%). Ao compararmos esses dados com a as respostas à solicitação de mapa mental de sua paisagem preferida, encontramos respostas em 873 desenhos (81,1% do universo total), o que foi uma surpresa (grata surpresa, frente à resistência manifestada pelos entrevistados em apresentar um mapa mental) e sua classificação nos revelou uma incongruência com as respostas dadas na questão 01. Os mapas mentais com alusão a *mar* apareceram em apenas 142 (16,2%) respostas, as *montanhas* aparecem em 252 (28,8%) respostas, as *cachoeiras* em 192 (22,0%), e algum tipo de *arquitetura* em 35 (4,0%), os desenhos representando uma paisagem *rural* em 52 (5,9%) e outras paisagens como cidades, aeroportos, flores, apareceram em 200 (22,9%) representações. Quando comparamos com a questão 01, percebemos que as 243 pessoas que responderam gostar de *paisagens com mar*, talvez não tenham desenhado na questão 07 em acordo com a sua resposta, pois, somente obtivemos 142 mapas mentais com esse tema. Outra diferença grande foi encontrada quando comparamos *paisagens com montanhas*, para 183 questionários respondidos e

obtivemos 252 desenhos com montanhas como objeto principal dos mapas mentais. Nesse ponto gostaria de abrir um parêntese e dar uma explicação referente aos locais onde foram aplicados os questionários. A maioria deles tinha como “pano de fundo”, as montanhas ao redor do município de São Bento do Sapucaí e muitas vezes o turista encontrava-se também “sobre” uma montanha com vista para uma centena de outras, pois era lá que o entrevistador ia buscar o entrevistado para aplicar o questionário. Dessa forma, interpretamos que a presença das montanhas serviu de inspiração para que os mapas mentais fossem produzidos com esse tema. No tocante às *cachoeiras*, obtivemos 225 respostas na questão 01, em comparação a 192 desenhos com cachoeiras o que foi considerada uma diferença pequena.

Quando procuramos alguma relação entre as preferências dos turistas e pessoas do local, descobrimos que dentre os que preferem *mar* (243), os nativos são responsáveis por 55,1% ou seja, 134 pessoas. Já os 109 turistas representam 44,9% desse universo. É interessante observar que a cidade de São Bento do Sapucaí está a cerca de 150 km do mar, não sendo de fácil acesso aos moradores locais o que está sendo interpretado como uma necessidade de manifestar-se a favor de algo que seja “diferente” ou “exótico” ao seu ambiente do cotidiano. Para os que gostam de *cachoeiras*, 225 respostas, os nativos representam 70% ou 159 pessoas enquanto os turistas apenas 30% com 66 indivíduos. O comparativo entre as respostas dos nativos e dos turistas para a preferência por *montanhas* entre 138 questionários mostrou que os nativos respondem por 42,7% ou 59 questionários, enquanto os turistas ficam com 57,3% ou 79 respostas. Ao observarmos os mapas mentais referentes ao mesmo tema, vemos que apenas 60 (8,4%) nativos desenharam *mar* para 82 (21,9%) dos turistas. As *montanhas* aparecem para 169 (23,7%) dos nativos enquanto para os turistas está para 82 (22,8%) pessoas. As *cachoeiras* são representadas para os nativos em 160 (22,4%) desenhos, enquanto para os turistas, apenas 32 (8,8%). Somente um turista desenhou uma paisagem com algum elemento arquitetônico enquanto 34 (4,7%) nativos fizeram alusão a elementos arquitetônicos em seus mapas mentais. As representações rurais aparecem em 35 desenhos de turistas (9,6%) e para os locais aparece em apenas 17 (2,4%). Já os

desenhos que representam *outras paisagens* surpreenderam em quantidade para os nativos, pois 170 (23,8%) pessoas fizeram mapas mentais nesse sentido enquanto somente 30 (8,2%) dos turistas fizeram o mesmo (Tabela 3).

Tabela 3. Mapa mental de paisagem preferida segundo a origem do observador (nativo ou turista)

Opção de resposta no questionário	Nativo	Turista	Total
0 = não desenhou	103	100	203
1 = com mar	60	82	142
2 = com montanha	169	83	252
3 = com cachoeira	160	32	192
4 = com arquitetura	34	1	35
5 = paisagem rural	17	35	52
6 = outras paisagens	170	30	200
Total	713	363	1076

Ainda na linha da paisagem preferencial, aos entrevistados foi requisitado que desenvolvessem mapas mentais sobre a paisagem que representa São Bento do Sapucaí (**questão 07**). Nessa questão, existia a expectativa de que o grande ícone do município, que é a Pedra do Baú, seria representado na maioria dos desenhos. Essa expectativa foi confirmada, pois obtivemos essa referencia visual figurando em 648 (60,2%) dos mapas mentais. (Tabela 4)

Apesar da supremacia na representação gráfica da Pedra do Baú, pudemos perceber como é marcante a religiosidade da população Sambentista, que desenhou igrejas ou figuras relativas a esse tema em 6,7% dos casos, aparecendo como a segunda maior manifestação de mapas mentais.

Tabela 4. Mapa mental de paisagem que representa São Bento do Sapucaí

Classificação dos mapas mentais	Quantidade	Percentual
0 = Não desenhou	196	18,2%
1 = Pedra do Baú	648	60,2%
2 = Igreja	72	6,7%
3 = Paisagem urbana	51	4,7%
4 = Montanhas	62	5,8%
5 = Paisagem rural	27	2,5%
6 = Cachoeiras	20	1,9%
Totais	1076	100%

Questão 02 - O que você entende por Paisagem?

Sobre o **conceito de paisagem**, 317 pessoas não responderam (29,5%), enquanto 319 pessoas (29,5%) detêm um conceito clássico de paisagem mencionado por eles próprios como:

“tudo aquilo que se vê” ou “até onde a vista alcança” ou ainda “espaço de território que se pode abranger num lance de vista”

A *“natureza”* foi citada por 179 (16,6%) pessoas como sendo uma definição de paisagem e 134 pessoas (12,5%) acham que paisagem é *“uma vista bonita e*

natural”, (Tabela 06). Como resposta ainda surgiram opiniões que manifestavam espiritualidade como “é uma coisa feita por deus” ou “é uma visão que traz paz e harmonia” num total de 37 respostas (3,4%) e alguns citaram “*beleza e natureza*”, sendo 134 (12,5%) os que opinaram nesse sentido.

Tabela 5. Conceito de paisagem

Classificação da resposta	Quantidade	Percentual
0 = Não respondeu	317	29,5%
1 = Definição clássica	319	29,6%
2 = Natureza	179	16,6%
3 = Espiritualidade	37	3,4%
4 = Vista bonita e natural	134	12,5%
5 = Vista bonita alterada pelo homem	5	0,5%
6 = 1 e 3	10	0,9%
7 = 4 e 5	40	3,7%
8 = Todas de 1 a 5	2	0,2%
9 = 3 e 4	33	3,1%

Dentro da pesquisa, uma abordagem considerada “*subjetiva*” foi interpretada como manifestação de espiritualidade nas respostas da **questão 02 o que você entende por paisagem?** E, muito embora a frequência dessas respostas não seja superior a 3,4%, percebeu-se durante as entrevistas que os turistas estão insatisfeitos com suas vidas atuais e que a visitação a locais *naturais* ou de grande expressão de manifestação natural, representa uma busca interna conforme o exposto na revisão bibliográfica pelos autores Hogan (op. cit.) e Campbell (op. cit.).

Descobrimos que o grau de escolaridade dos entrevistados tem pouca influencia sobre o conceito de paisagem, diferindo substancialmente apenas no numero de “não” respostas, o que pode indicar: **a)** um não comprometimento com a pesquisa, **b)** o não entendimento da questão, **c)** a ausência de conceito de paisagem. Das 317 pessoas que não responderam, 166 (52,3%) tem apenas o primeiro grau do ensino básico, 115 (36,3%) pessoas têm até o segundo grau e somente 31 (6,6%) pessoas que deixaram de responder tem o nível superior completo, superior incompleto ou alguma pós-graduação.

Quando olhamos os dados sobre o ângulo do grau de escolaridade dos entrevistados e o número de “não respostas”, percebemos que quanto menor a escolaridade, maior e o numero de “não respostas”, ou seja, de 390 pessoas com 1º grau de ensino (ou cursando), 166 (42,5%) preferiram não opinar sobre seu conceito de paisagem enquanto apenas 115 (28,6%) das pessoas com 2º grau de um universo de 402 tiveram a mesma opção e 21 pessoas (10,8%) com superior completo entre 193 não manifestaram sua opção. No universo das pessoas com o nível de escolaridade superior incompleto que continha 53 indivíduos, apenas 8, (15,1%) não responderam enquanto entre os 21 pós graduados apenas 2 (9,5%) tiveram a mesma atitude (Tabela 6).

Tabela 6. Escolaridade versus “não respostas” ao conceito de paisagem

Escolaridade dos entrevistados	qtde de “não respostas”	%	total respondido
1º grau	166	42,5	390
2º grau	115	28,6	402
superior comp	21	10,8	193
super. incomp	8	15,1	53
pós-graduado.	2	9,5	21
não respondeu			7

A questão 03: Você costuma perceber alterações na paisagem, mesmo no seu cotidiano, como uma construção no fim da rua ou a mudança na cor da igreja do seu bairro?

Nessa **questão 03**, obtivemos a resposta a respeito da acuidade dos observadores sobre mudanças ao seu redor, inquirindo de forma direta sobre a capacidade de perceber alterações na paisagem. A grande maioria das pessoas 945 (87,8%), afirmou que são capazes de perceber mudanças no meio ao seu redor, *...tais como novas construções na rua onde moram ou a alteração nas cores de algum prédio de fácil visualização no seu cotidiano*. Apenas 118 (11,0%) responderam que “não percebem alterações nas paisagens”, o que demonstra que as pessoas **consideram-se** atentas às mudanças ao seu redor, com um nível de percepção suficiente para serem sensibilizadas. Essa pergunta pode nos balizar com relação à interpretação que as pessoas tem da sua própria capacidade de perceber alterações no meio em que vivem, fazendo-as refletir antes de responder sobre a percepção nas alterações das paisagens de São Bento do Sapucaí.

A questão 05 complementa a 04, pois pergunta sobre “alterações nas paisagens de São Bento do Sapucaí” enquanto a anterior indaga sobre “a frequência de visitação ao município”.

Levamos em consideração que parte do universo dos entrevistados estava visitando o local pela primeira vez e, portanto não teria parâmetros de comparação, e dessa forma, segregamos algumas respostas (210). A afirmação de que *as paisagens estão mais bonitas* surgiu de 375 (35,7%) pessoas, enquanto 198 (18,8%) afirmaram *as paisagens estão mais feias* e 293 (27,9%) dos entrevistados afirmaram *não perceberam mudanças*. Por essas respostas podemos complementar nossos entendimentos de quanto os entrevistados são sensibilizados pelas alterações nas paisagens, ou seja, qual a percepção que eles tem do meio e qual seu conceito referente à direção para onde as paisagens tem se alterado.

Na questão 06, buscamos saber “se os entrevistados imaginam, ou conhecem as causas que resultaram em alterações nas paisagens de São Bento do Sapucaí”.

Considerando-se apenas as respostas dos que freqüentam o município com certa regularidade e a algum tempo, expressas na questão 04, descobrimos que 158 pessoas (14,7%) acreditam que o *aumento do fluxo de pessoas*, tem resultado em alterações das paisagens, 138 pessoas (13,0%) acreditam que *os desmatamentos para exploração agrícola e agropecuária* são os causadores das alterações nas paisagens, 112 pessoas (10,4%) acham que *a especulação imobiliária* é o grande causador das alterações nas paisagens e 90 pessoas (8,4%) entendem que as alterações tem origem em *causas naturais* como enchentes, vendavais e erosão. Também foi citado o *aumento do fluxo de veículos* por 38 pessoas (3,5%) e combinações entre os motivos anteriormente citados, (Tabela 7). Quando comparamos o que aparece nas fotos aéreas de 1973 e de 2003, descobrimos que essas respostas que se referem a desmatamento e exploração agropecuária estão sendo preconceituosas, pois a região hoje encontra-se com mais áreas de matas, (regeneradas) e a agricultura de pequeno porte, assim como as pastagens, perderam espaço para a bananicultura que, por ser uma cultura perene apresenta caráter estabilizador da paisagem.

As respostas consideradas relacionadas ao turismo no município são as que envolvem a especulação imobiliária, o aumento do fluxo de pessoas, o aumento do fluxo de veículos e as combinações entre essas respostas (item 6 na Tabela 7), e resultam numa somatória de 418 ou 38,9%.

Tabela 7. Agentes interpretados como causadores das alterações das paisagens

Opção de resposta do questionário	Quantidade	Percentual
0 = não respondeu ou desconsiderada	378	35,1 %
1 = especulação imobiliária	112	<u>10,4%</u>
2 = desmatamento p/ agropecuária	138	12,8 %
3 = causas naturais	90	8,4 %
4 = aumento do fluxo de pessoas	158	<u>14,7 %</u>
5 = aumento fluxo de veículos	38	<u>3,5%</u>
6 = 1 e 4 e 5	54	<u>5,0 %</u>
7 = 4 e 5	29	<u>2,8 %</u>
8 = 2 e 3	21	19,5 %
9 = 1 e 2 e 4 e 5	27	<u>2,5%</u>
10 = 3 e 4 e 5	15	1,4 %
11 = 1 e 2 e 3 e 4 e 5	16	1,5 %
Total	1076	100 %

4.1 Resultados das entrevistas

Em entrevista a moradores antigos da cidade de São Bento do Sapucaí, (já listados acima), sabendo que esses foram conhecedores e observadores das paisagens locais, obtivemos informações referentes às suas percepções sobre as alterações nas paisagens. Nessas entrevistas surgiram referências à ocupação existente há 30 anos atrás,

quanto ao tipo e tamanho das propriedades e quanto à agricultura praticada naquela época, chegando a ser citada também a presença de uma pista de pouso para pequenas aeronaves e a antiga conformação do leito do rio Sapucaí antes de ser retificado. Sem dúvida nenhuma, as referências à ocupação das terras por grandes áreas de pasto e a agricultura de hortifrutigranjeiros destinados ao vale do Rio Paraíba, assim como a presença de cafezais e até mesmo de vastas plantações de fumo, representam o maior contraste quando comparada com os bananais atuais e a maior presença de matas em processo de regeneração. Alguns moradores fizeram alusão à atual presença de um maior número de casas às margens das antigas estradas de acesso à cidade de Campos do Jordão (Vale do Paiol) ou em bairros mais afastados (Serrano, Canta Galo, Quilombó, Bairro do Baú etc) referindo-se tanto ao crescimento demográfico do município como também às *casas de temporada* de turistas que optaram pelo município. As fragmentações das propriedades em decorrência dos processos normais de herança também foram mencionadas como tendo uma parcela de culpa em alterações percebidas nas paisagens. Diretamente ligado a isso surgiram os comentários referentes ao êxodo rural causado principalmente pela falência dessas pequenas propriedades que não permitiram a subsistência dos proprietários. Nos dias de hoje, a venda das propriedades a turistas foi mencionada por alguns como sendo *uma boa opção para o vendedor* de forma a ter uma alternativa de vida com o dinheiro no bolso. Já outros argumentaram que essa venda levou o antigo proprietário a ser hoje o *caseiro* ou zelador nas terras que no passado, lhe pertenciam, atuando agora numa condição de sub-emprego, o que tem mexido diretamente com a autoestima dos indivíduos e de seus descendentes causando um desconforto social e conflitos. O surgimento de turistas e residências secundárias é visto também como alternativa na geração de atividades para os mais jovens, que são utilizados para os *serviços gerais* em chácaras e sítios para o plantio e corte de grama, execução de pequenas obras, auxílio no transporte de algum material (carretos), mas a descontinuidade da presença do *vizinho*, assim como sua índole ou cultura embarcada na origem, foram mencionadas como preocupantes por serem possíveis portadoras de ameaças à estabilidade local.

Em adição ao exposto acima, podemos citar a Ribeiro e Barros (1997) que referem-se às transformações ocorridas por conta da instalação de equipamentos turísticos nos estados de Cancun e Quintana Roo, no México, demonstrando que as alterações vão muito além das meramente físicas

...tais ocorrências têm gerado novos e intensos fluxos migratórios, o que tem mudado as relações de trabalho e os padrões de assentamento, intensificando o ritmo de urbanização, diminuindo a presença de estratégias tradicionais de sobrevivência, reduzindo o acesso a terra e a outros recursos, aumentando as pressões sobre os grupos domésticos e suas organizações e ocasionando mudanças culturais desde transformações lingüísticas a impactos na dieta alimentar (Ribeiro e Barros, 1997)

4.2 Análise das fotografias

Os impactos causados por equipamentos físicos às paisagens de São Bento do Sapucaí, puderam ser observados por meio de fotografias recentes e também por comparação com fotografias antigas e fotografias aéreas conforme Van der Zee (1982, 1990) sugere.

De acordo com esse autor nem todas as instalações físicas destinadas ao turismo, entretanto, se ajustam a vilarejos existentes. Residências secundárias estão sendo construídas em vários locais no município, descaracterizando a paisagem (figuras 5, 6, 7 e 8). Algumas vezes povoados recreacionais completamente novos são criados e algumas instalações são dispersas pela região. É o caso do bairro do Paiol que tem se desenvolvido ao redor do Acampamento Paiol Grande e onde muitos dos trabalhadores desse acampamento moram. Essa atividade recreativa transformou-se numa fonte de emprego para a população carente da região e possibilitou oportunidades diferenciadas a indivíduos que tinha na agricultura de pequeno porte sua única fonte de renda e ocupação. Além disso, ocorreu uma forte fragmentação das propriedades tradicionais em

função da mão de obra desviada para o trabalho no Paiol Grande, o que favoreceu a venda de lotes para residências secundárias e aumento significativo do número de veículos circulando em períodos de finais de semana, férias e feriados (figura 9). Essa dispersão da paisagem é frequentemente o preço que se paga por se ter áreas com grande valor de paisagem natural e com grande capacidade de atração recreacional. O aumento da área de estacionamento ao fim da estrada de acesso ao Complexo do Baú (figuras 10 e 11), assim como o alargamento da estrada devido ao intenso tráfego, denotam um sobre-uso do espaço que demanda estudos de impacto e capacidade de carga para visitação.



Figura 5 - Situação típica onde a mata é suprimida e a paisagem alterada para construção de residência (Nilton Soares Val)



Figura 6 - Topos de morros são posições preferidas para a construção de residências secundárias. (Nilton Soares Val)



Figura 7 - Área de fundo de vale, perfeitamente agricultável e que está sendo loteado para residências secundárias. Percebe-se ainda o agricultor com o trator resistindo à invasão. Bairro do Quilombo; São Bento do Sapucaí, set. 2004. (Nilton Soares Val)

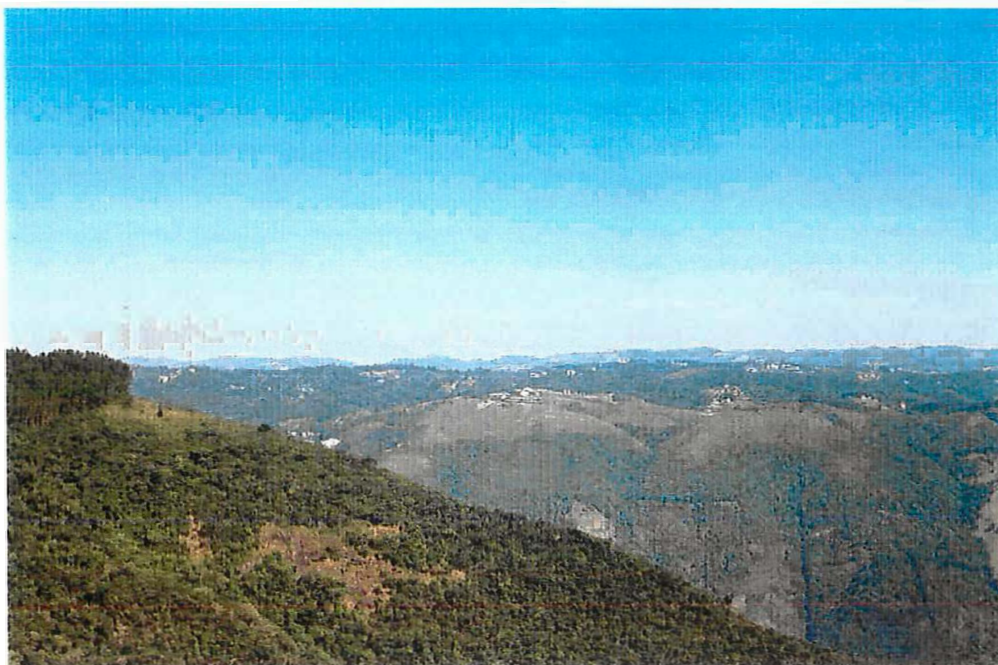


Figura 8 - Vista de cima do Bauzinho para os lados de Campos do Jordão. Nota-se a presença de construções em meio à vegetação. (Nilton Soares Val)



Figura 9 - Bairro do Paiol. Ocupação por residências secundárias. (Nilton Soares Val)



Figura 10 - Estacionamento ao final da estrada de acesso ao complexo do Baú. (Set 2004). (Nilton Soares Val)

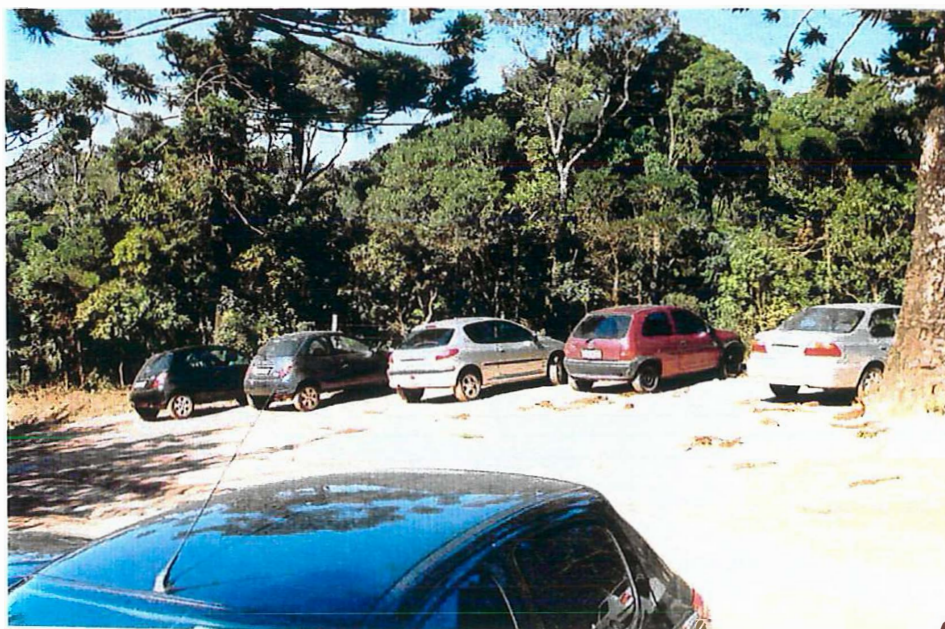


Figura 11 - Bolsão de estacionamento ao final da estrada de acesso ao complexo do Baú. (Set. 2004) (Nilton Soares Val)

4.3 Resultados sobre o impacto na vegetação

Em São Bento do Sapucaí vários hectares de matas têm sido derrubados para implantação de estruturas para receber atrações, tais como, restaurantes, pousadas e arvorismo (figuras 12, 13 e 14). Algumas vezes as mudanças são planejadas e ocorrem rapidamente, mas freqüentemente o desenvolvimento das instalações físicas é um processo gradual que é difícil reconhecer. Em muitos casos, a interpretação sequencial de fotos aéreas pode fazer com que o processo se revele muito claro. Isso não apenas possibilita a identificação dos recursos recreacionais com maiores detalhes, mas também provêm meios de controlar o processo. Nesses casos, o interesse pelos documentos (fotos aéreas) deve surgir de órgãos interessados no controle e planejamento da paisagem. As fotos aéreas de São Bento do Sapucaí com intervalo entre si de 30 anos, apresentam um tempo longo demais para um bom acompanhamento das alterações das paisagens, mas tempo suficiente para se ter certeza dos impactos.



Figura 12 - Pequena lanchonete na estrada de São Bento a Campos do Jordão. Repare na área desmatada e no corte no terreno feito para abrigar o empreendimento. (Nilton Soares Val)



Figura 13 - Pequena lanchonete anexa à estrutura para esportes radicais (arvorismo). (Nilton Soares Val)



Figura 14 - Pequena estrutura comercial (lojas) construídas na estrada do Paiol. Ao fundo vê-se o Complexo do Baú. (Nilton Soares Val)

O impacto da recreação não é restrito ao espaço ocupado diretamente pelas instalações físicas. Essa paisagem natural sem nenhum uso ou designação “oficial” não

implica em não ser usada ou influenciada pelo homem. Quando recreacionistas visitam a paisagem natural, eles andam, sentam, brincam e se esparramam nela (figura 15).

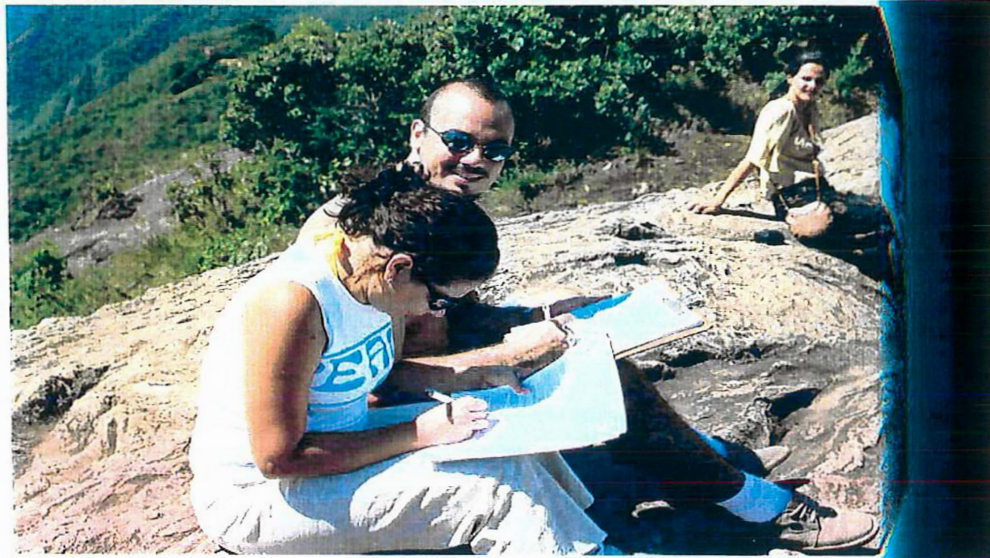


Figura 15 - Turistas preenchendo ao questionário desta pesquisa no mirante do Bauzinho. (Nilton Soares Val)

Em resumo, os turistas mostram um comportamento que não é destrutivo intencionalmente, mas é perigoso em efeito, porque resulta em mudanças na vegetação, causa degradação na comunidade de plantas e eventualmente erosão do solo (figura 16) Van der Zee (op. cit.). Pessoas podem causar tanto prejuízo à vegetação jovem quanto uma escavadora Clawson & Knatsch (1969).

A vegetação pode ser influenciada de muitas formas pela recreação. O lixo pode alterar o meio ambiente e mudar a composição das espécies. Recreacionistas podem pegar flores, frutas ou partes da vegetação, eventualmente cavar e colher plantas. Se isso for feito com frequência e continuamente, algumas espécies irão desaparecer.



Figura 16 - Turistas em trilha aberta para dar acesso a cachoeira. Percebe-se a escavação feita no solo para “conforto” dos turistas. (Nilton Soares Val)

O plantio de vegetação exótica terá influência sobre a vegetação local. A retirada excessiva de água subterrânea para satisfazer picos de consumo causados pela visitação recreacional pode resultar na diminuição do nível de água que supriria a vegetação, causando prejuízos severos. Mas o efeito da recreação é mais pronunciado quando os pés dos recreacionistas criam sistemas de trilhas e caminhos sobre o solo. Esse é o último estágio de um processo que se inicia com a mudança da composição da vegetação e degeneração geral da vegetação. Por causa disso a “erosão turística ou recreacional” é um processo gradual. Frequentemente sua extensão pode ser julgada pela comparação de seqüência de fotos aéreas. Mudanças na composição da vegetação são difíceis de identificar, mas o aumento da extensão do sistema padrão utilizado e o aumento da área sobre o solo pode ser facilmente medido e expressado quantitativamente Van der Zee (op. cit.). O padrão revelado por um inventário pode nos dar uma indicação sobre a relação entre o tipo de recreação e os elementos de paisagem e o comportamento espacial dos recreacionistas.

4.4 Resultado sobre o impacto nos animais

O impacto da recreação sobre os animais ocorre indiretamente através da redução da extensão do habitat pela construção de equipamentos de turismo ou pelas mudanças de características do Habitat pelo impacto na vegetação ou qualidade da água. O impacto direto inicia-se com a morte da fauna. Também a mera presença dos recreacionistas é um impacto. Pessoas, barcos, veículos e aviões, criam ruídos, vibrações e distúrbios visuais. Grandes mamíferos, pássaros predadores, pequenos pássaros de canto e pássaros que nidificam no solo são especialmente susceptíveis. (Goderie, 1986) Até em áreas muito isoladas os animais podem ser perturbados pelo barulho de estudantes, por um botânico entusiasmado ou por um observador de pássaros. Quando o distúrbio é freqüente e contínuo, o resultado pode ser o desaparecimento de espécies ou uma redução na quantidade total da vida animal.

Recreação sozinha não apenas lidera o declínio da fauna, mas também muda a composição das espécies em uma área. Por exemplo, peixes e faisões são criados com propósitos ornamentais e espécies de rapina são atraídas para áreas onde existam ninhadas acumuladas assim como para áreas de estacionamentos ou próximo a áreas de acampamento onde haja restos de comida em cestos de lixo ou sobre mesas preparadas para um lanche.

Alimentar diretamente os animais pode levar ao aumento da população de pombos, esquilos ou patos (figura 17). Dessa forma o impacto causado aos animais pela recreação não é fácil de ser determinado e inventariado como ocorre com a vegetação porem isso não pode ser negligenciado.



Figura 17 - Cocho de alimentação para atrair pássaros e esquilos visando entreter turistas. Local: Quiosque de souvenirs no estacionamento do Complexo do Baú. (Nilton Soares Val)

Turismo e recreação têm causado muitos impactos e influenciado os recursos ambientais. O entendimento das causas e conseqüências desses impactos é necessário se a conservação desses recursos for desejada.

Acreditamos que novos estudos devem ser realizados sobre a capacidade de carga e extensão das trilhas da região de São Bento do Sapucaí para que um planejamento adequado e uma postura preservacionista sejam adotados.

4.5 Resultados das aerofotogrametrias

As aerofotogrametrias foram adquiridas para comparação conforme citado por Van der Zee (1982) e possibilitaram as seguintes conclusões:

As fotos aéreas do Município de São Bento do Sapucaí, particularmente as referentes ao bairro do Paiol, compreendendo desde a mancha urbana até o complexo

rochoso do Baú, datadas de junho 1973, ainda em preto e branco, na escala 1 : 25.000, reproduzidas pela empresa BASE Aerofotogrametria e Projetos S.A., sob números SP – 16 – FX259I - 45.988 e 45.986 nos possibilitaram a visualização da paisagem com sua vegetação e manifestações arquitetônicas e de infra-estrutura. Pela foto desta data (figuras 48 e 49), percebe-se que existia uma predominância por pastagens, alguma agricultura de pequeno porte, pouca urbanização e vegetação nativa em manchas ralas. As principais vias de circulação já estavam estabelecidas e encontramos um número relativamente pequeno de edificações fora da mancha urbana. Tal constatação foi confirmada várias vezes pelo relato de moradores antigos que verbalizaram sobre o tipo de agricultura daquela época, a ocorrência de matas, pastagens, animais, estradas, construções e infra-estrutura urbana. Quando comparamos esse material de 1973 com a aerofotogrametria de 2003 cuja fonte de origem e escala é a mesma da anterior, sob números FX – 19 – 3204 e 3206 (figuras 50 e 51), percebemos nitidamente que a vegetação de maior porte avançou sobre as áreas de pastagens e que a agricultura de frutíferas, representada principalmente por banana, cresceu em área ocupando atualmente 1000 ha, conforme informações da Secretaria da Agricultura do município. Nota-se também o aumento do número de propriedades e edificações às margens das principais vias de circulação, particularmente, residências secundárias, destinadas ao lazer e turismo de fim de semana e algumas residências de moradores, formando pequenos bairros ou vilas (figuras 52 a 60). As vias principais receberam calçamento o que estimulou o desenvolvimento das construções em áreas mais afastadas e a chegada da energia elétrica e da telefonia até os bairros mais distantes possibilitou a fixação das famílias em propriedades rurais com conforto e tranquilidade. A retificação do leito do Rio Sapucaí deu uma nova configuração aos terrenos mais baixos (várzeas) próximos ao centro urbano, eliminando os problemas de enchentes e inundações e possibilitou o loteamento de áreas e a construção de muitas residências. Essa nova conformação do rio permitiu também a construção da nova rodovia que dá acesso ao município, com um traçado mais retilíneo, menos perigoso e com um calçamento mais moderno, facilitando ainda mais a circulação e a chegada de veículos e pessoas o que tem favorecido o aumento do turismo.

4.6 Resultados da fragmentação das propriedades

As paisagens em São Bento do Sapucaí também tem sido alteradas pelo resultado da fragmentação das propriedades em função das sucessões naturais de pais para filho. Em muitas situações as fragmentações ocorrem também em função da pressão exercida pelo aumento do preço da terra e por conta da especulação imobiliária exercida devido à presença de turistas. Os loteamentos e as áreas de sítios e chácaras estão tomando vulto em todas as direções da cidade e as placas de vende-se denunciam que a especulação imobiliária já é um fato (figuras 18 a 24).



Figura 18 - Propriedades à venda e desenvolvimento de áreas comerciais na estrada do paiol. (Nilton Soares Val)



Figura 19 - Propriedades à venda na estrada do Paiol (Nilton Soares Val)



Figura 20- Propriedades à venda na estrada do Paiol (Nilton Soares Val)

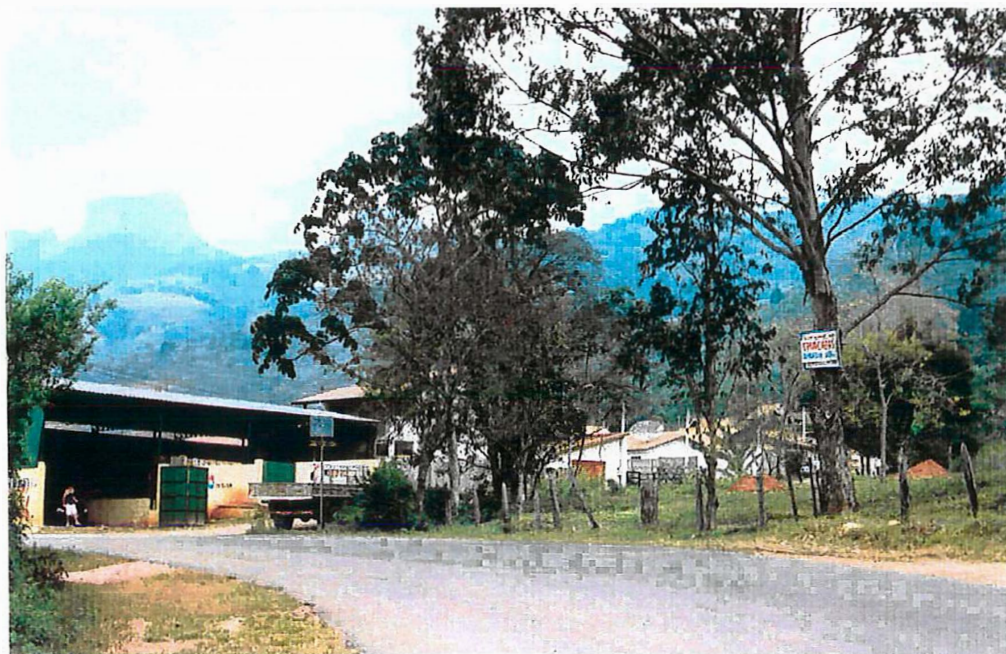


Figura 21 - Propriedades à venda na estrada do Paiol (Nilton Soares Val)



Figura 22 - Propriedades à venda na estrada do Paiol (Nilton Soares Val)



Figura 23 - Propriedades à venda na estrada do Quilombo (Nilton Soares Val)



Figura 24 - Propriedades à venda na estrada do Quilombo (Nilton Soares Val)

5 CONCLUSÕES

- a) A qualidade das paisagens preferidas por turistas e por moradores locais oscila entre as paisagens exclusivamente com natureza contendo; mar: 27,5%, montanhas: 15,6% ou cachoeiras: 25,5%, e também paisagens com manifestações antrópicas contendo elementos arquitetônicos, construções e jardins: 22,9%.
- b) No comparativo observado entre as aerofotogrametrias de 1973 e 2003, as paisagens têm uma tendência de desenvolvimento no sentido da regeneração das matas e de crescimento da agricultura com espécies perenes como a banana, e de diminuição das áreas de pastagens e de agricultura de plantações anuais (figuras 26 a 31 e figuras 48 a 51).
- c) Em entrevistas não estruturadas, gravadas e/ou filmadas, foi possível entender que a comunidade Sambentista está empenhada em investir no turismo como alternativa de desenvolvimento econômico e estão depositando nessa opção, grande esperança de aproveitamento da mão de obra emergente local, representada pelos jovens que se formam no segundo grau e não tem perspectivas de cursar uma faculdade ou outras possibilidades de emprego.

- d) A população local tem memória da paisagem no passado (década de 70), mas os entrevistados não souberam precisar as datas das alterações, tais como a retificação do rio ou a construção da ponte de concreto (antes de madeira) ou a inauguração da rodovia nova que dá acesso ao Vale do Paraíba, ou do abandono das plantações de fumo e mandioca no vale do Paiol ou a desistência da produção de leite por diversos sítios o que levou à falência da Cooperativa Agrícola local. Entretanto todos, sem exceção manifestaram-se favoráveis às mudanças ocorridas nas paisagens, associando-as ao desenvolvimento econômico, ao progresso e ao crescimento demográfico da cidade.
- e) Em pontos específicos como na estrada que dá acesso ao complexo da Pedra do Baú, assim como nas trilhas ao redor dos maciços rochosos, as paisagens estão sendo alteradas devido a um afluxo de turistas não orientados e um volume não condizente com a capacidade de suporte dos locais gerando desmatamento, erosão e evasão da fauna. (figuras 08, 09, 12, 13, 14, e 16)

As paisagens estão em constante mutação por diversas razões. Em São Bento do Sapucaí não poderia ser diferente, tendo o turismo sua parcela de participação como agente modificador. As casas de fazenda e sítios estão virando pousadas. As propriedades estão se fragmentando e recebendo novas construções para usos menos intensos como o aproveitamento em férias e fins de semana. As ruas e estradas estão com mais veículos circulando e, pelas placas dos carros, pode-se verificar que eles vem de longe. As trilhas em meio às matas, assim como as cachoeiras e as pedras, já mostram sinais de desgaste pela presença maciça dos frequentadores, nem sempre tão zelosos e sua presença há muito afugentou parte da fauna local. As sinalizações e propagandas das atividades comerciais começam a rivalizar-se entre si e com as paisagens naturais,

compondo verdadeiras obras de arte moderna de gosto duvidoso. A presença das placas de *vende-se essa propriedade* é tão marcante que é impossível não percebê-las. Em meio a tudo isso, ainda foi possível perceber que em algumas áreas as pastagens estão perdendo espaço para a regeneração de matas e para a cultura da banana, o que é um alento pois determinam maior estabilidade ao solo e também às paisagens.

ANEXOS

Anexo A



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”

Caro Turista

É com grata satisfação que estamos em São Bento do Sapucaí desenvolvendo pesquisas para melhorar a qualidade dos serviços prestados a você turista, pelo poder público e pela iniciativa privada.

Solicito-lhe a gentileza de responder ao questionário abaixo com o máximo de clareza e dedicação para que possamos dar prosseguimento aos nossos trabalhos. Os dados aqui coletados são estritamente confidenciais.

Antecipadamente

Obrigado

1. Em ordem decrescente de sua preferência pessoal (preferido nº1 para o menos preferido nº15), classifique as paisagens abaixo:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Paisagens com mar | <input type="checkbox"/> paisagens com lagos | <input type="checkbox"/> paisagens com cachoeiras |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com neve | <input type="checkbox"/> paisagens com matas fechadas | <input type="checkbox"/> paisagens com pastagens |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com agricultura | <input type="checkbox"/> paisagens com reflorestamento | <input type="checkbox"/> paisagem com montanhas |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com pessoas | <input type="checkbox"/> paisagens com animais | <input type="checkbox"/> paisagens urbanas com prédios altos |
| <input type="checkbox"/> Paisagens urbanas sem prédios | <input type="checkbox"/> paisagens urbanas com espaços livres e arborização | <input type="checkbox"/> paisagens com rios |

2. O que você entende por paisagem

.....
.....

3. Você costuma perceber alterações na paisagem, mesmo no seu cotidiano, como uma construção no fim da rua ou a mudança na cor da igreja do seu bairro?

- Sim. não

4. Você frequenta São Bento do Sapucaí há muito tempo ?

- Sim, desde..... não. 1ª vez em São Bento

5. Se sim você percebeu alterações na paisagem dos locais que costuma frequentar ?

- Sim, estão mais bonitas porque.....
 Sim estão mais feias por que.....
 Não percebi nenhuma mudança

6. Se sim, você imagina quais são os agentes causadores das alterações nas paisagens ?

- Especulação imobiliária com parcelamento das propriedades e construções
 Desmatamento para exploração agrícola e agropecuária
 Causas naturais como erosão, enchentes, desmoronamentos, vendavais, etc.
 Aumento do fluxo de pessoas
 Aumento do fluxo de veículos

7. Utilizando-se do verso dessa folha e em outra anexa, procure, de forma simples e bem à vontade, desenvolver dois desenhos. Um representando uma paisagem que você considera como de sua preferência e outra que represente São Bento do Sapucaí.

8. Fale-me sobre você

Nome completo.....
 Idade..... sexo M F
 Endereço.....
 e-mail..... telefones.....
 Atividade profissional.....
 Escolaridade.....
 Local de hospedagem em São Bento do Sapucaí

Anexo B



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”

Caro Estudante

É com grata satisfação que estamos em São Bento do Sapucaí desenvolvendo pesquisas para melhorar a qualidade dos serviços prestados a você munícipe, pelo poder público e pela iniciativa privada.

Solicito-lhe a gentileza de responder ao questionário abaixo com o máximo de clareza e dedicação para que possamos dar prosseguimento aos nossos trabalhos. Os dados aqui coletados são estritamente confidenciais.

Antecipadamente

Obrigado

1- Em ordem decrescente de sua preferência pessoal (preferido nº1 para o menos preferido nº15), classifique as paisagens abaixo :

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Paisagens com mar | <input type="checkbox"/> paisagens com lagos | <input type="checkbox"/> paisagens com cachoeiras |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com neve | <input type="checkbox"/> paisagens com matas fechadas | <input type="checkbox"/> paisagens com pastagens |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com agricultura | <input type="checkbox"/> paisagens com reflorestamento | <input type="checkbox"/> paisagem com montanhas |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com pessoas | <input type="checkbox"/> paisagens com animais | <input type="checkbox"/> paisagens urbanas com prédios altos |
| <input type="checkbox"/> Paisagens urbanas sem prédios | <input type="checkbox"/> paisagens urbanas com espaços livres e arborização | <input type="checkbox"/> paisagens com rios |

2- O que você entende por paisagem

.....

3- Você costuma perceber alterações na paisagem, mesmo no seu cotidiano, como uma construção no fim da rua ou a mudança na cor da igreja do seu bairro ?

- Sim não

4- Você frequenta São Bento do Sapucaí há muito tempo ?

- Sim , desde..... não 1ª vez em São Bento

5- Se sim você percebeu alterações na paisagem dos locais que costuma frequentar ?

- Sim , estão mais bonitas porque.....
 Sim estão mais feias por que.....
 Não percebi nenhuma mudança

6- Se sim , você imagina quais são os agentes causadores das alterações nas paisagens ?

- Especulação imobiliária com parcelamento das propriedades e construções
 Desmatamento para exploração agrícola e agropecuária
 Causas naturais como erosão, enchentes, desmoronamentos , vendavais, etc.
 Aumento do fluxo de pessoas
 Aumento do fluxo de veículos

7- Utilizando-se do verso dessa folha e em outra anexa , procure , de forma simples e bem à vontade , desenvolver dois desenhos. Um representando uma paisagem que você considera como de sua preferência e outra que represente São Bento do Sapucaí.

- 8- Fale-me sobre você
 Nome completo.....
 Idade..... sexo M F
 Endereço.....
 e-mail..... telefones.....
 Atividade profissional.....
 Escolaridade.....
 Local de hospedagem em São Bento do Sapucaí.....

Anexo de Fotografias

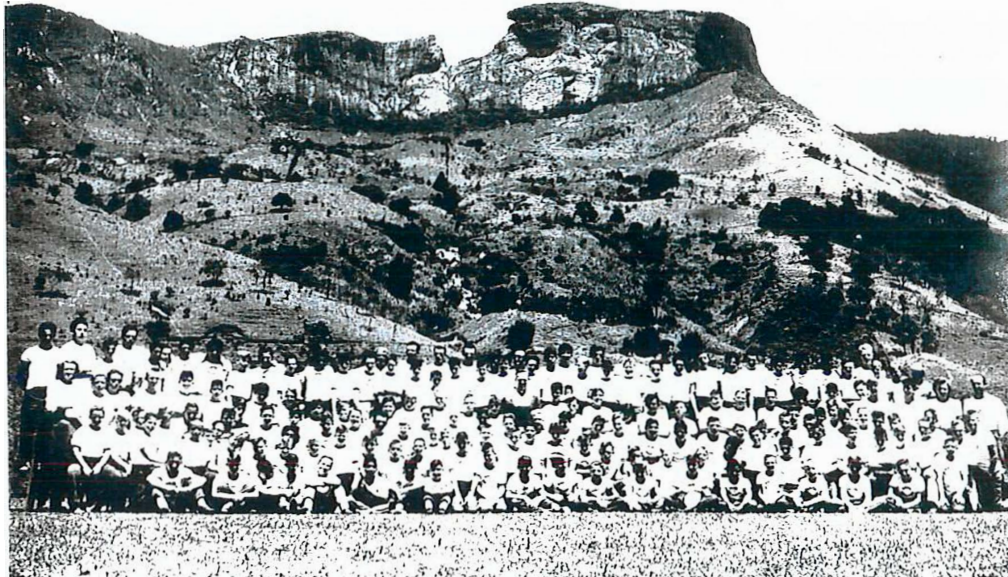


Figura 25 - Janeiro de 1956, Complexo do Baú em segundo plano visto do Acampamento Paiol Grande. Percebe-se a grande área de pastagens ao pé das rochas. (Acervo do Museu do Paiol Grande)

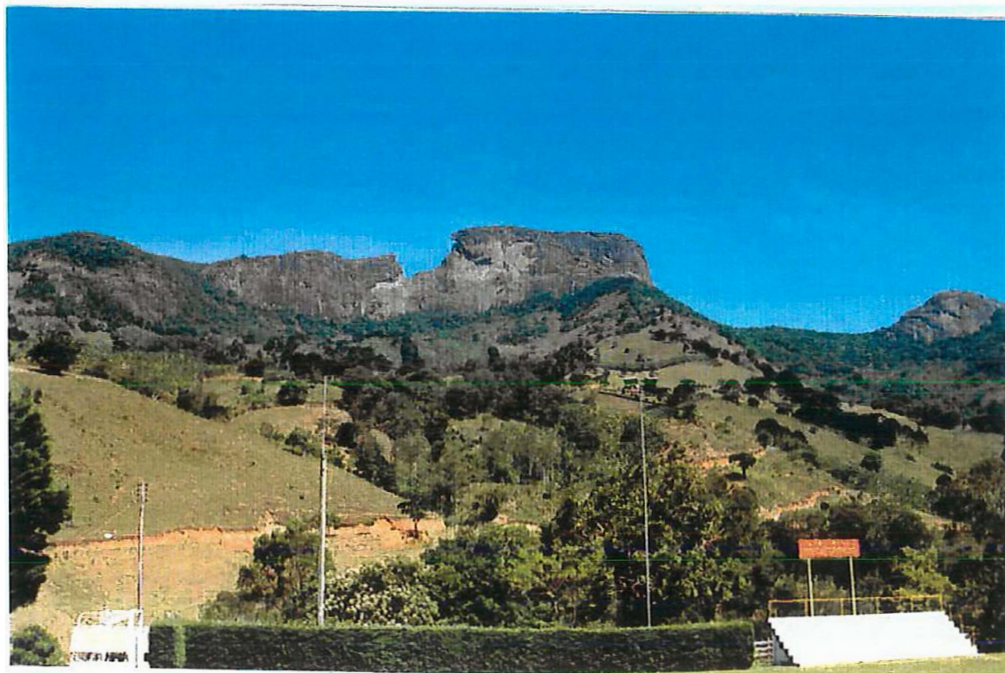


Figura 26 - Em comparação com a foto 24 acima, percebe-se a regeneração da vegetação e diminuição das áreas de pastagem. (2004, Nilton Soares Val)



Figura 27 - Dezembro de 1959. Complexo do Baú e vegetação a seu pés vistos do Acampamento Paiol Grande. (Acervo do Museu do Paiol Grande)

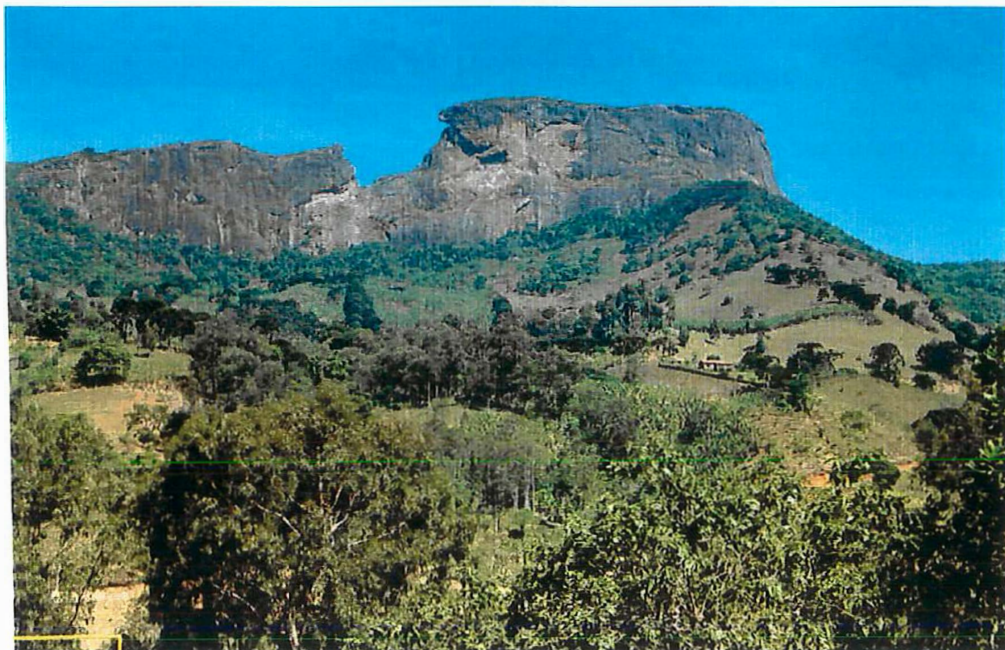


Figura 28 - Vista da Pedra do Baú e do Bauzinho 2004: Comparativo entre a vegetação ao pé das rochas. (Nilton Soares Val)



Figura 29 - Foto dos monitores do Acampamento Paiol Grande, 1964. Ao fundo, o complexo do Baú. (Acervo do Museu do Paiol Grande). Abaixo 1997 do mesmo ângulo. Percebe-se o aumento da vegetação e diminuição da área de pastagens.

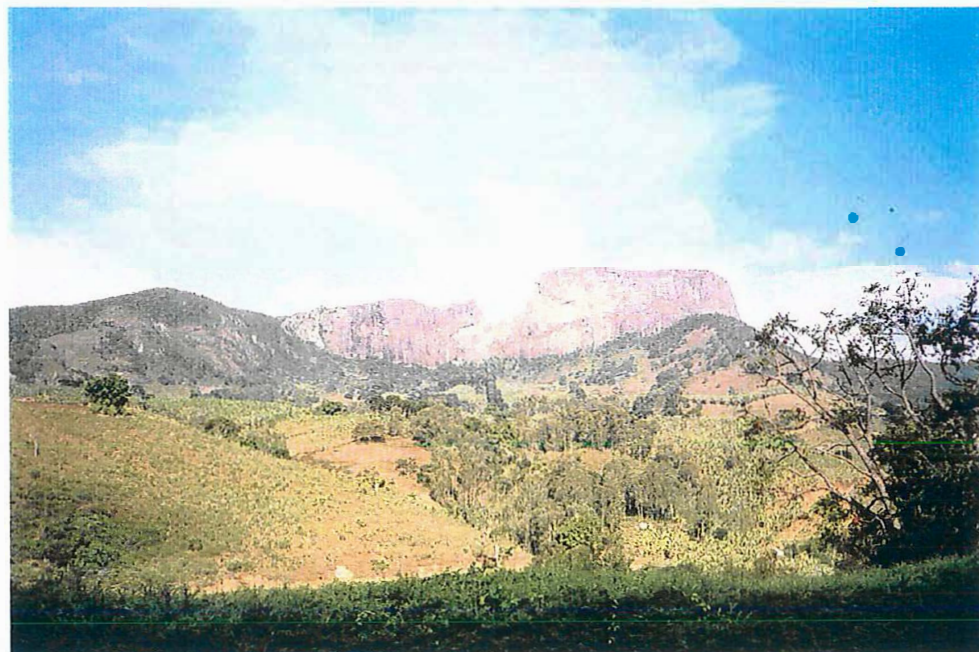


Figura 30 - Foto para comparação entre a paisagem que se vê ao pé da Pedra do Baú e do Bauzinho, quando se olha do Acampamento Paiol Grande



Figura 31 - O autor em palestra proferida aos professores da escola estadual, preparando-os para que pudessem apresentar os questionários aos seus alunos. Nessa oportunidade foram discutidas questões sobre a auto-estima dos alunos e munícipes e as expectativas e perspectivas de desenvolvimento do turismo no município. (Paula de Oliveira Lima)

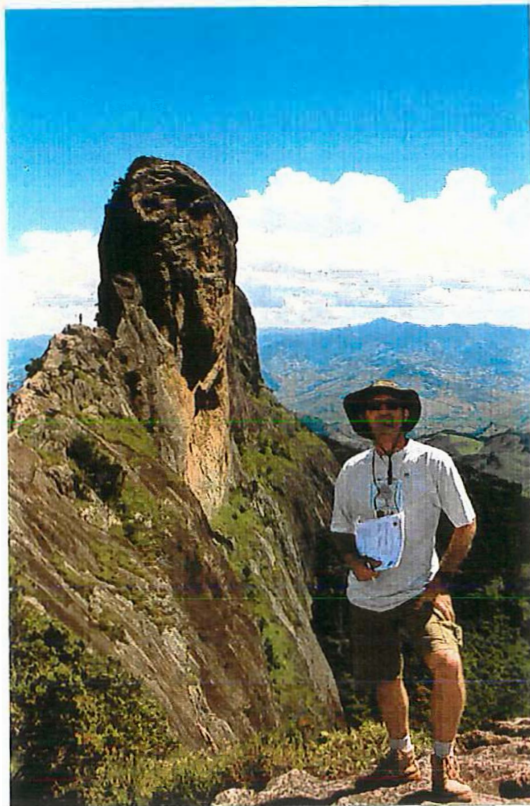


Figura 32 - O autor desta dissertação no mirante do “Bauzinho” em dia de campo, com os questionários na mão. (Paula de Oliveira Lima)



Figura 35 - Visão do mesmo ângulo da Escola Municipal “Coronel Ribeiro da Luz”
Acima data desconhecida (Acervo MFC Produções), abaixo 2004 (Nilton
Soares Val)





Figuras 37 e 38 - Vista panorâmica da Igreja matriz. Ao fundo a paisagem pouco alterada. Data desconhecida (Acervo MFC Produções), e abaixo 2004 (Nilton Soares Val)





Figuras 39 e 49 - Panorâmica da cidade, acima setembro de 1922 (Acervo MFC Produções), e abaixo 2004 (Nilton Soares Val)





Figuras 41 e 42 - Acima foto panorâmica da cidade com Igreja Matriz. Em segundo plano e ao fundo vê-se as montanhas (Sem data. Acervo MFC Produções). Abaixo 2004 (Nilton Soares Val)





Figuras 43 e 44 - Rua Pintora Adelaide Azeredo de Melo. (Sem data. Acervo MFC Produções) e abaixo 2004 (Nilton Soares Val)





Figuras 45 e 46 - Rua Coronel Ribeiro da Luz, centro da cidade. (Sem data. Acervo MFC Produções) e abaixo 2004 (Nilton Soares Val)





Figura 47 - Vista do vale do Paiol até o núcleo urbano de São Bento do Sapucaí fotografado de cima do mirante do Bauzinho (2004, Nilton Soares Val)

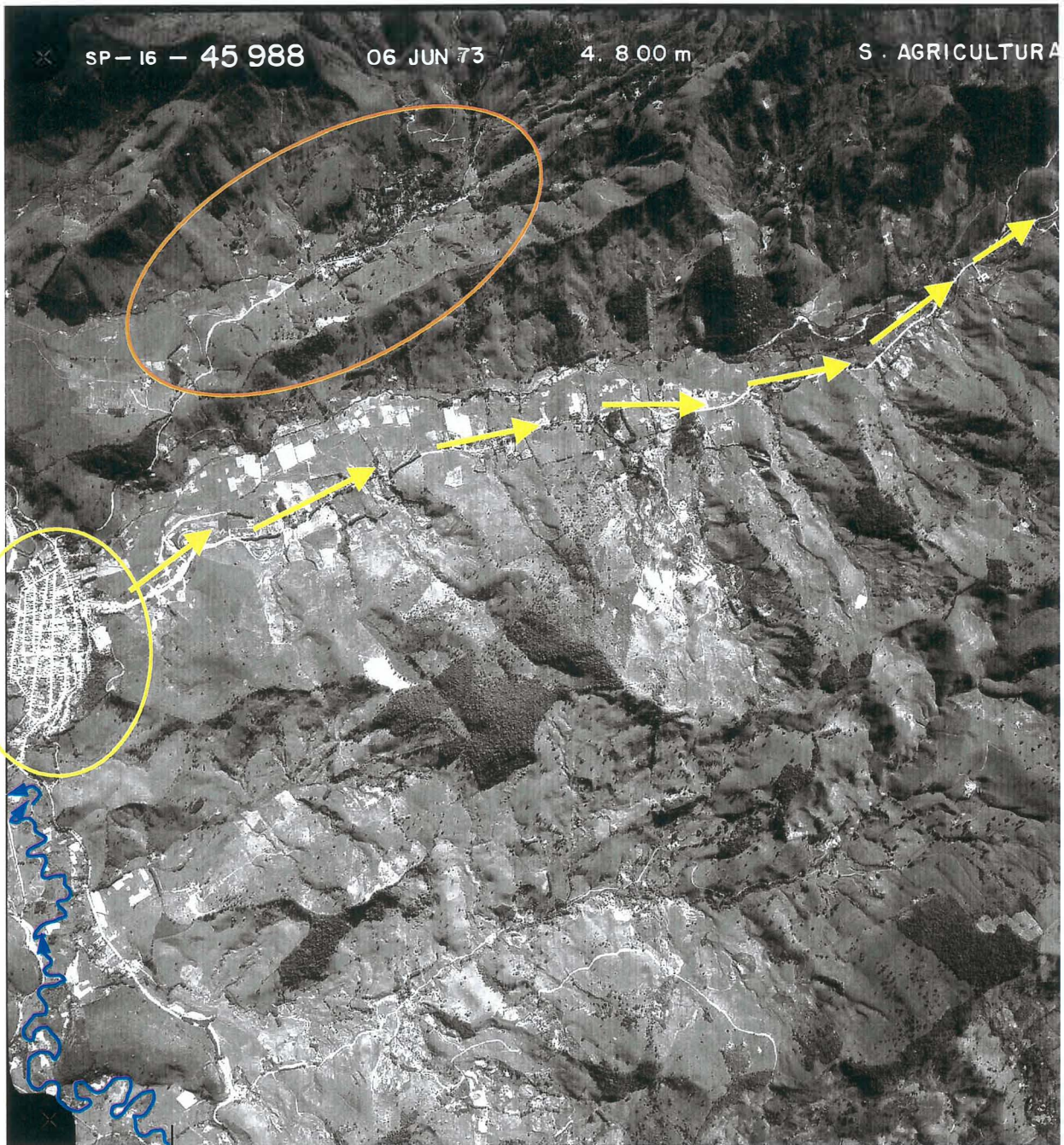


Figura 48 - (1973): Pode-se ver na elipse amarela o núcleo urbano do município (esquerda) e as setas amarelas indicando um fragmento do vale e da Estrada do Paiol para o bairro de mesmo nome. Em azul a conformação do Rio Sapucaí antes da retificação. Dentro da elipse laranja aparece o bairro do Quilombo. As pastagens predominam na paisagem

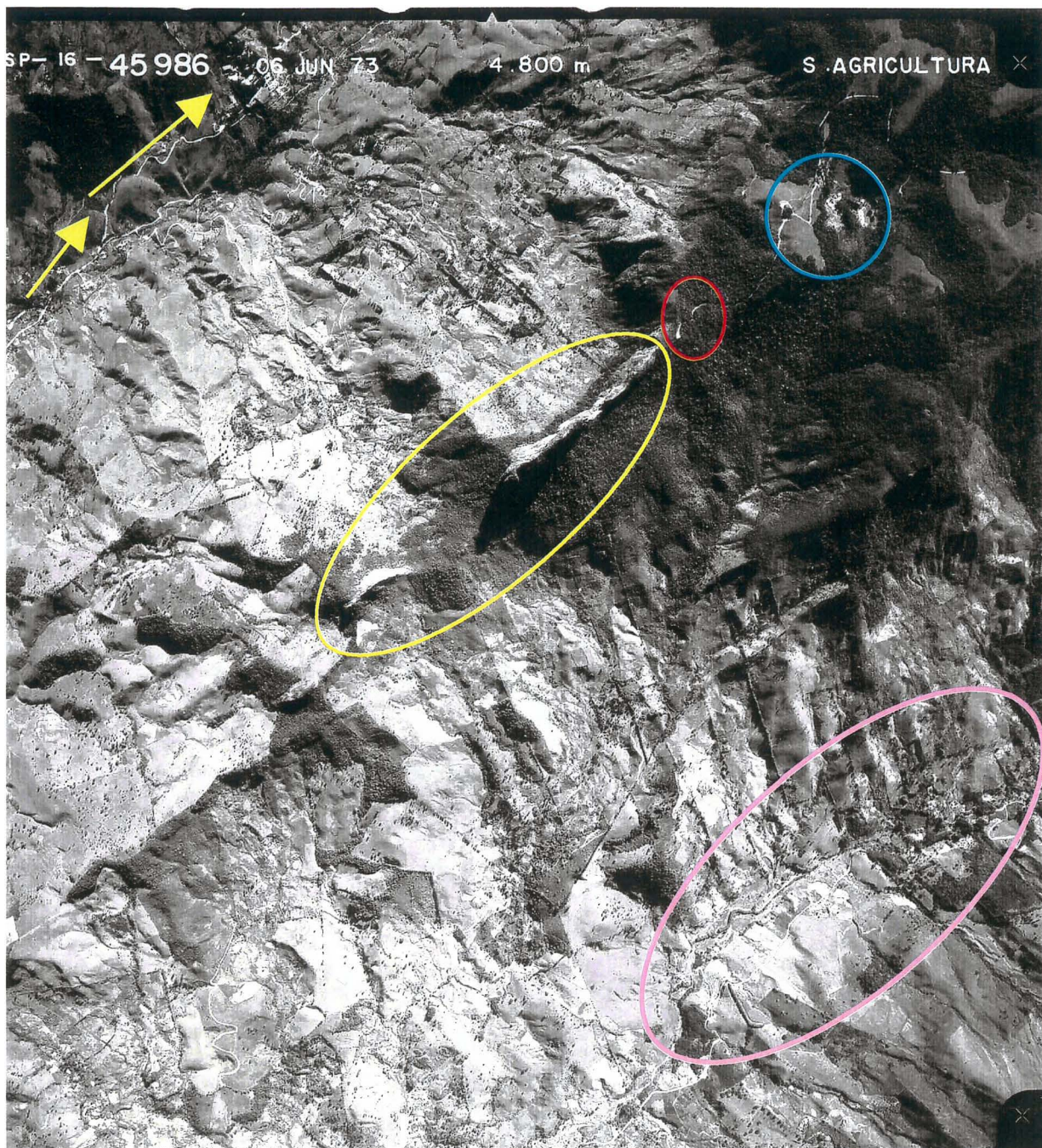


Figura 49 - (1973): As setas em amarelo indicam o vale do Bairro do Paiol e a Estrada do Paiol que une São Bento do Sapucaí a Campos do Jordão. A elipse em amarelo indica o Complexo Rochoso do Baú com as pedras Bauzinho, do Baú e Ana Chata. O círculo em vermelho indica o estacionamento na estrada de acesso às rochas. O círculo em azul indica uma grande área desmatada onde existe o mirante, a rampa de vôo de asa delta e o estacionamento para essa atividade. Na elipse rosa vê-se o vale e o Bairro do Baú. Percebem-se muitas áreas de pastagens e pouca mata próxima às rochas do Complexo do Baú pelo lado do Paiol

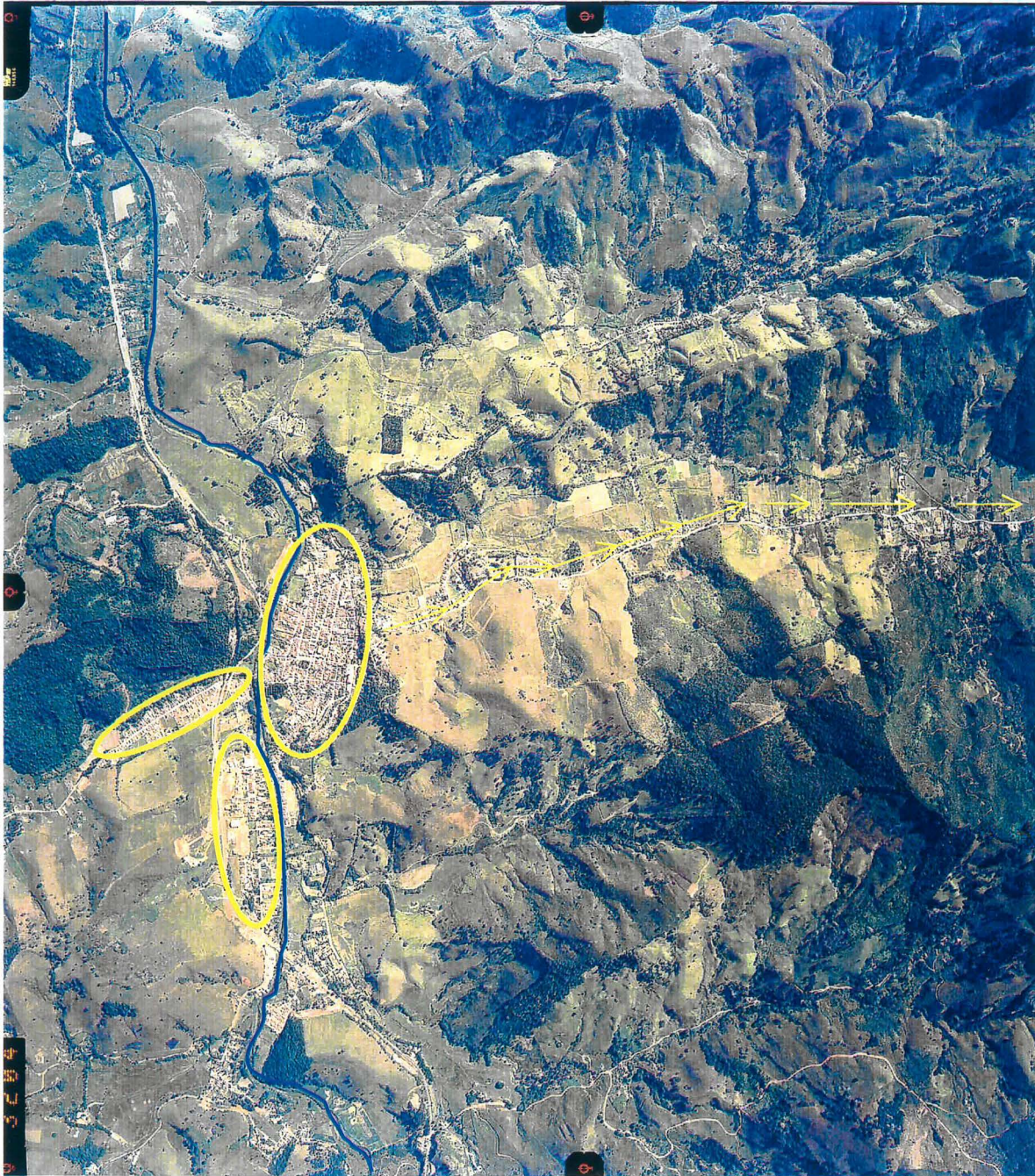


Figura 50 - (2003): Para comparação com figura 48: Nas elipses em amarelo temos o desenvolvimento do núcleo urbano. Em azul, a nova configuração do Rio Sapucaí após a retificação. As setas em amarelo indicam a Estrada do Paiol por dentro do Vale do Paiol que é também uma estrada para Campos do Jordão, e acesso ao Complexo do Baú. Percebe-se que as pastagens estão cedendo lugar à recuperação de matas e ao desenvolvimento da bananicultura

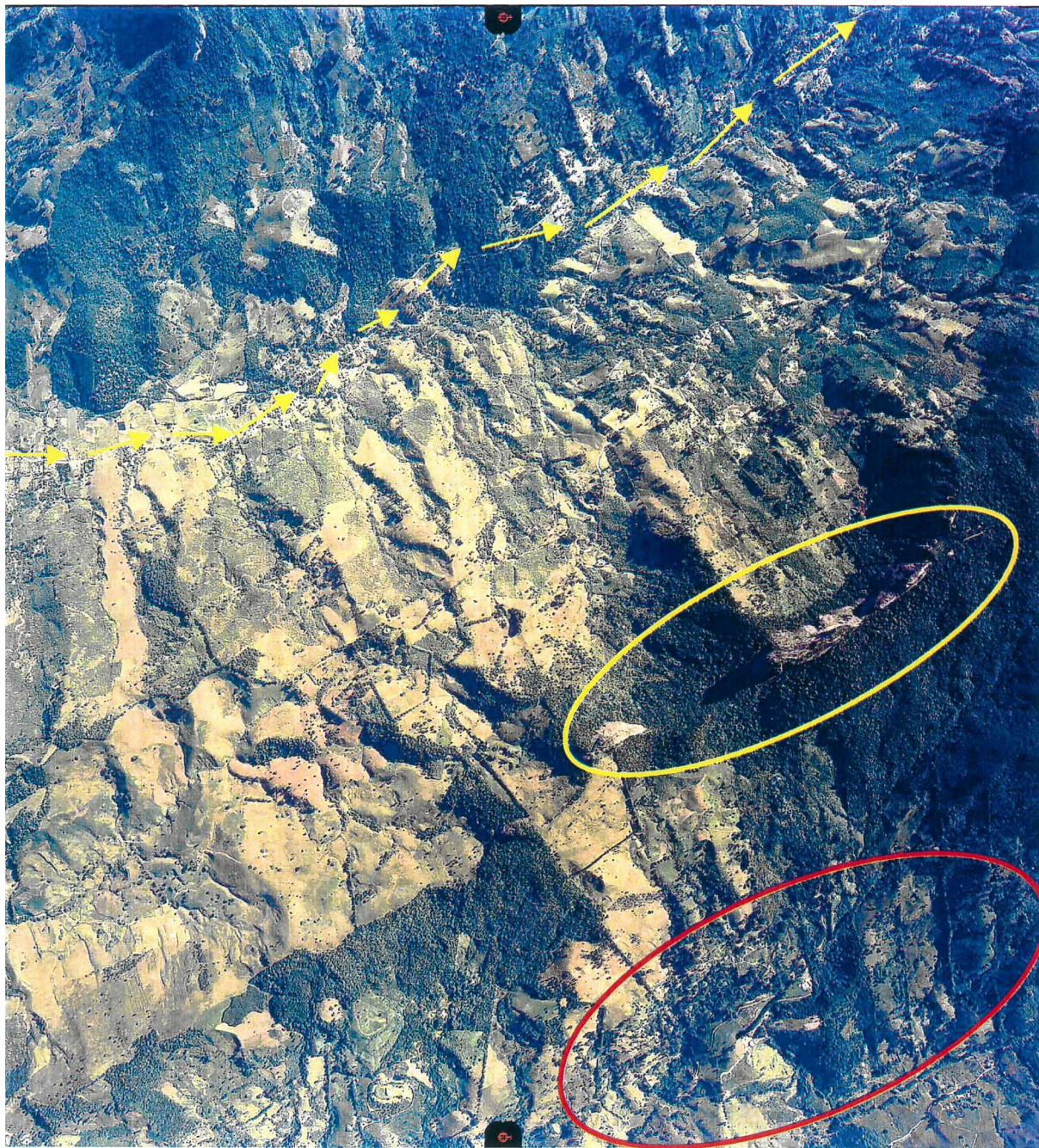


Figura 51 - (2003): Para comparação com figura 49. As setas em azul indicam o vale do Paiol e a Estrada do Paiol sentido Campos do Jordão. A elipse em amarelo mostra o Complexo do Baú. Percebe-se ao redor das rochas a mata em franca regeneração. Na elipse em vermelho vemos o vale e Bairro do Baú

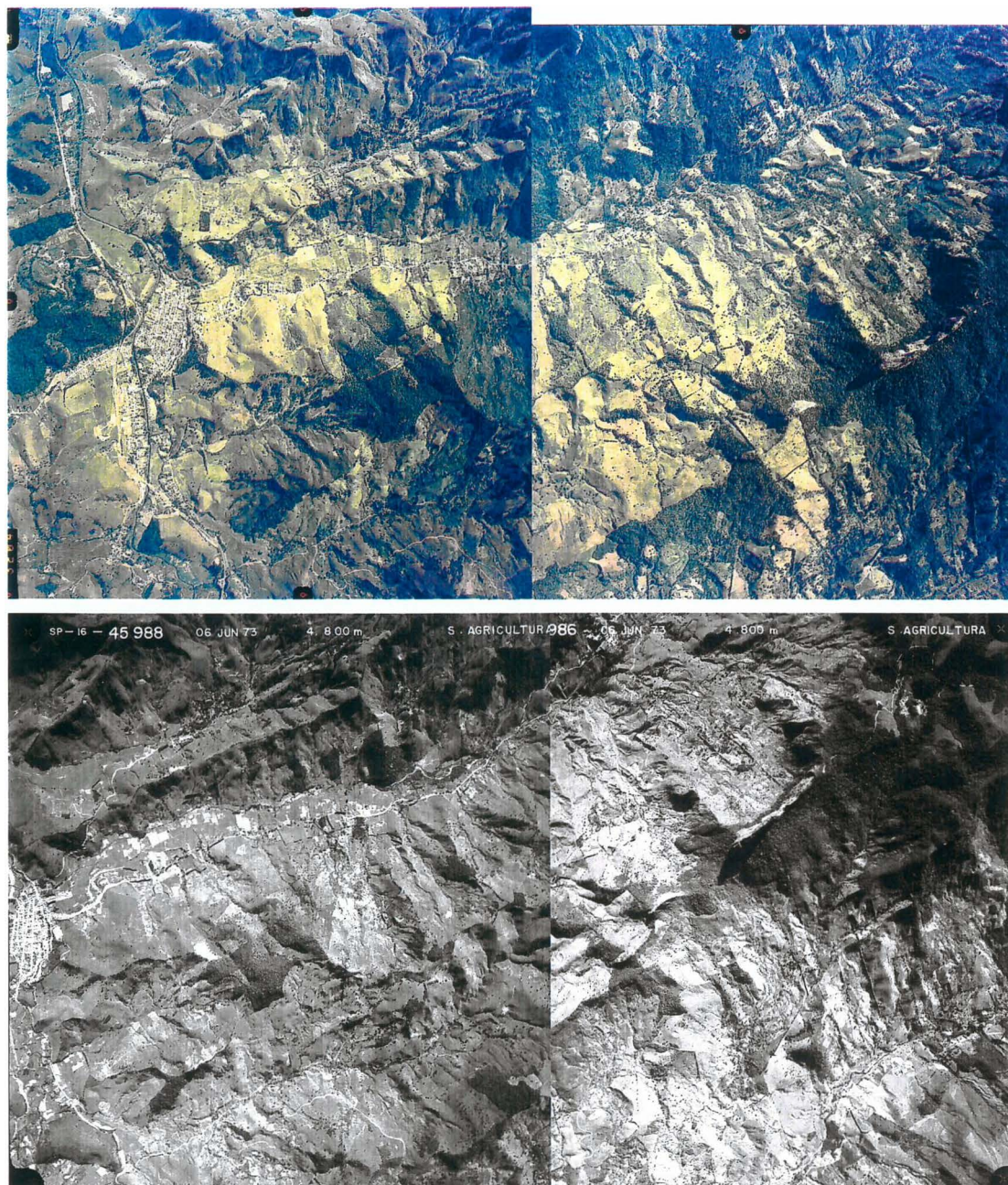


Figura 52 - Montagem com todas as aerofotos (1973 à esquerda em preto e branco) comparando o desenvolvimento da paisagem

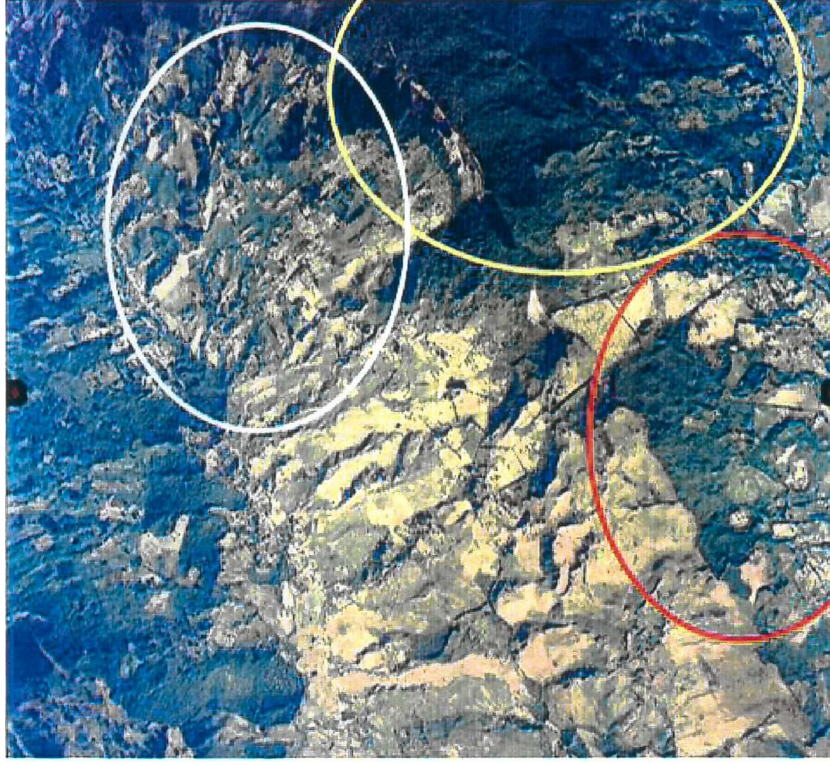
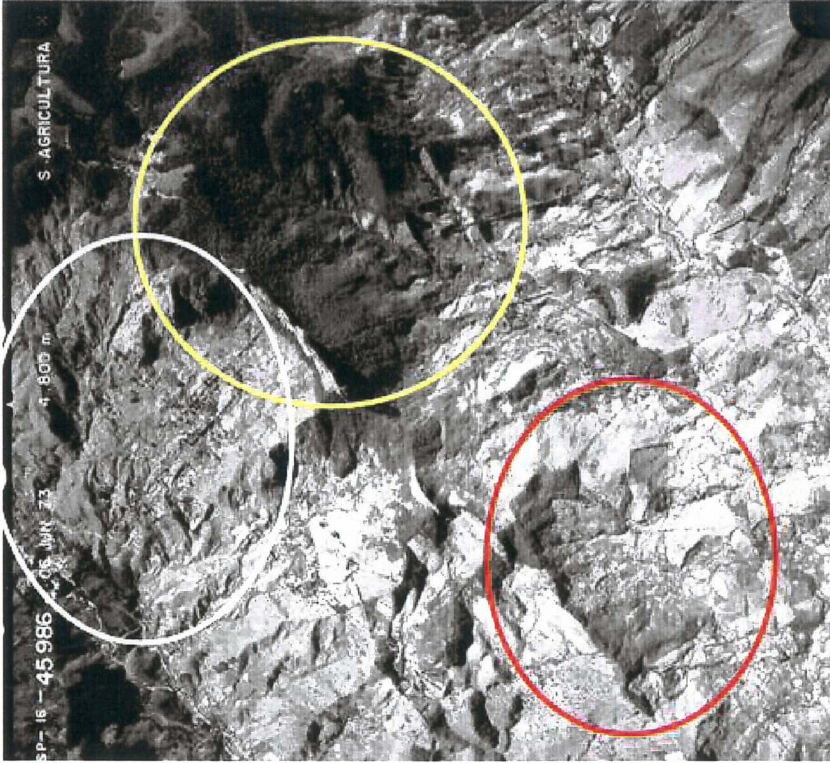


Figura 53 - Comparativo entre as figura 49 de 1973 (esquerda) e figura 51 de 2003, demonstrando a evolução da vegetação e tendência de desenvolvimento da paisagem. Na elipse em amarelo o Complexo do Baú e a mata, Na elipse branca a vertente ao pé das rochas do vale do Bairro do Paiol e em vermelho detalhe do desenvolvimento de vegetação na vertente do vale do Bairro do Baú

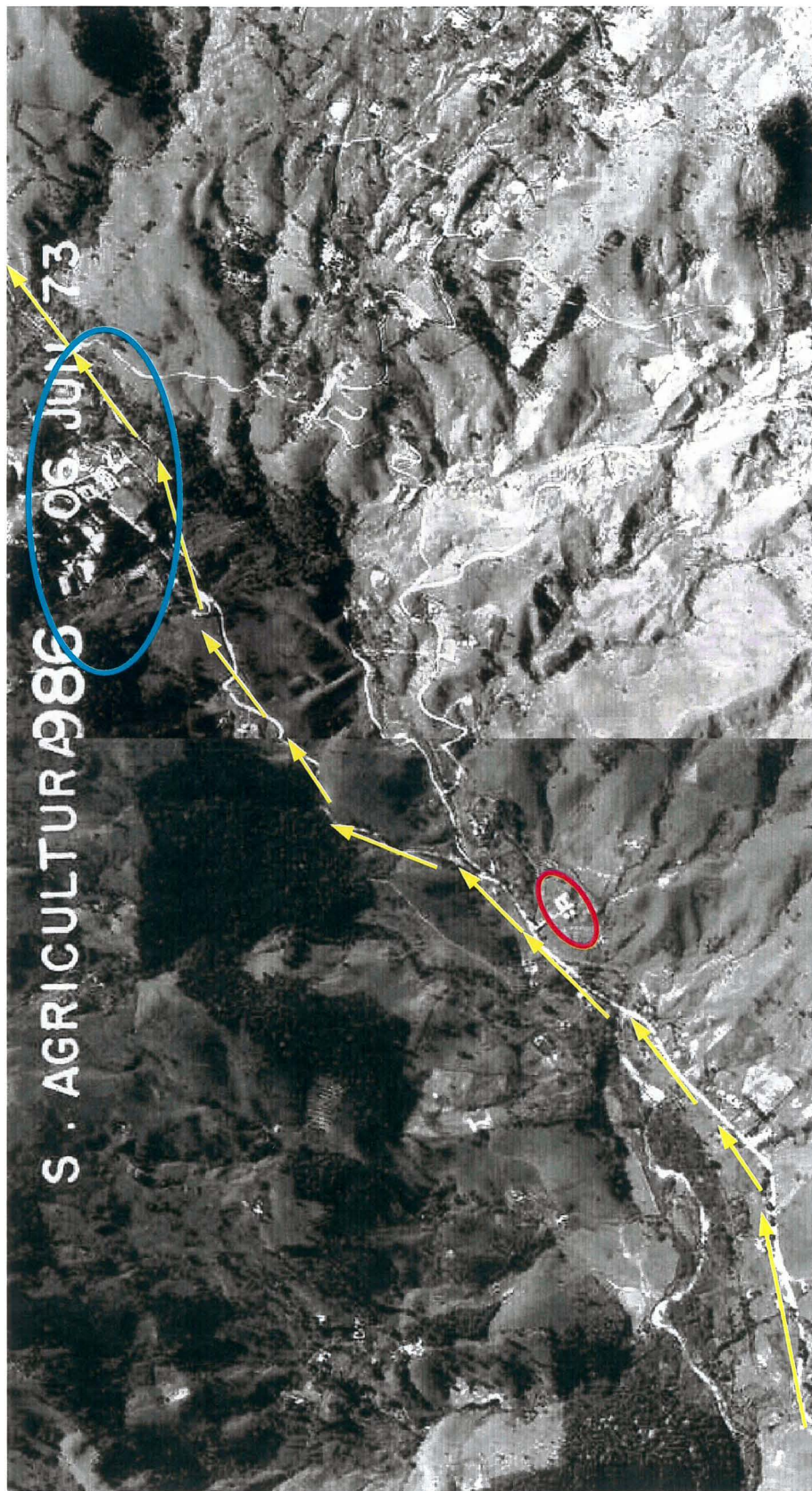


Figura 54 - Fotomontagem com detalhes das figuras 48 e 49 de 1973 mostrando numa escala maior o vale do Paiol e acompanhando as setas em amarelo vê-se a estrada. Na elipse azul o Acampamento Paiol Grande e na elipse em vermelho a Escola de Primeiro Grau do Paiol, hoje centro Cultural Paiol Grande. Pode-se ver muita área com pastagem e pouca vegetação de médio ou grande porte nas proximidades do Acampamento Paiol Grande. Quase não se vêem edificações às margens da estrada

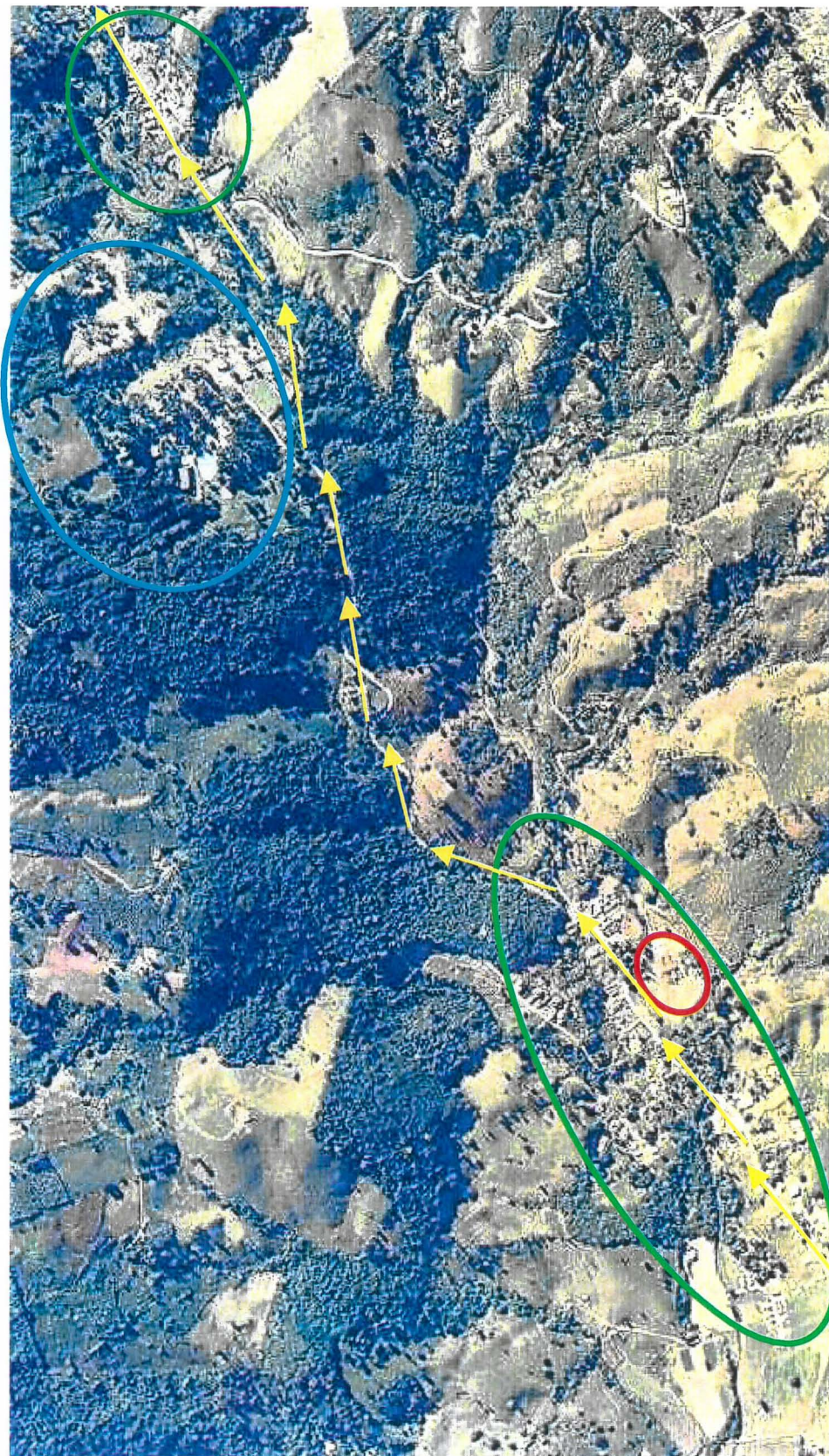


Figura 55 - Detalhe ampliado da figura 51 de 2003 mostrando numa escala maior o vale do Paiol e acompanhando as setas em amarelo vê-se a Estrada do Paiol e acesso a Campos do Jordão. Na elipse azul o Acampamento Paiol Grande e na elipse em vermelho a antiga Escola de Primeiro Grau do Paiol, hoje centro Cultural Paiol Grande. Dentro das elipses verdes o desenvolvimento do bairro do Paiol com suas casas e comércios espalhados pelas propriedades fragmentadas. Pode-se perceber também uma maior presença de vegetação de grande porte, mais agricultura como banana e menos pastagens

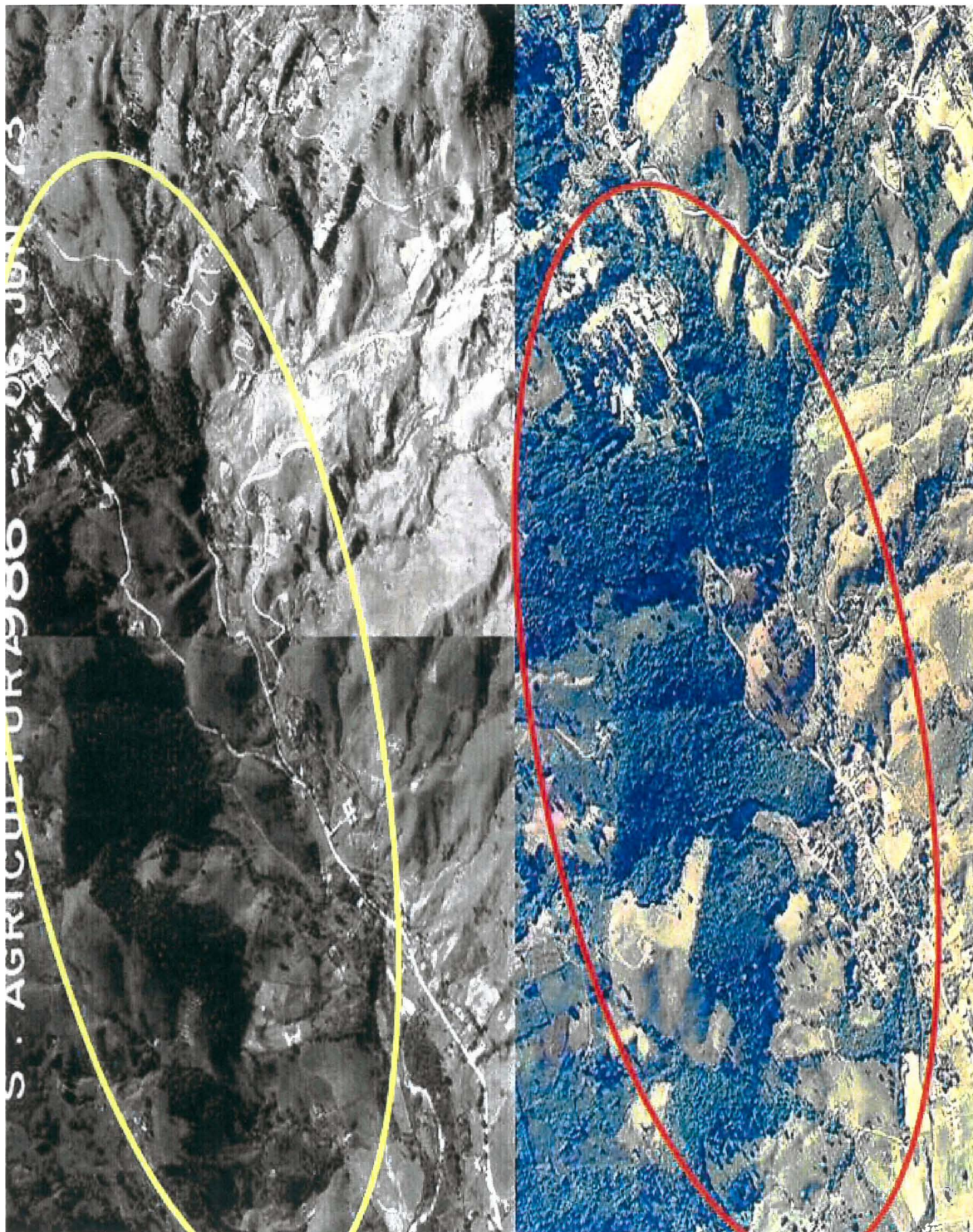


Figura 56

Fotomontagem para comparação: 1973 (acima PB) e 2003.

Em destaque a vegetação e a tendência a desenvolvimento da paisagem do vale do Bairro do Paiol

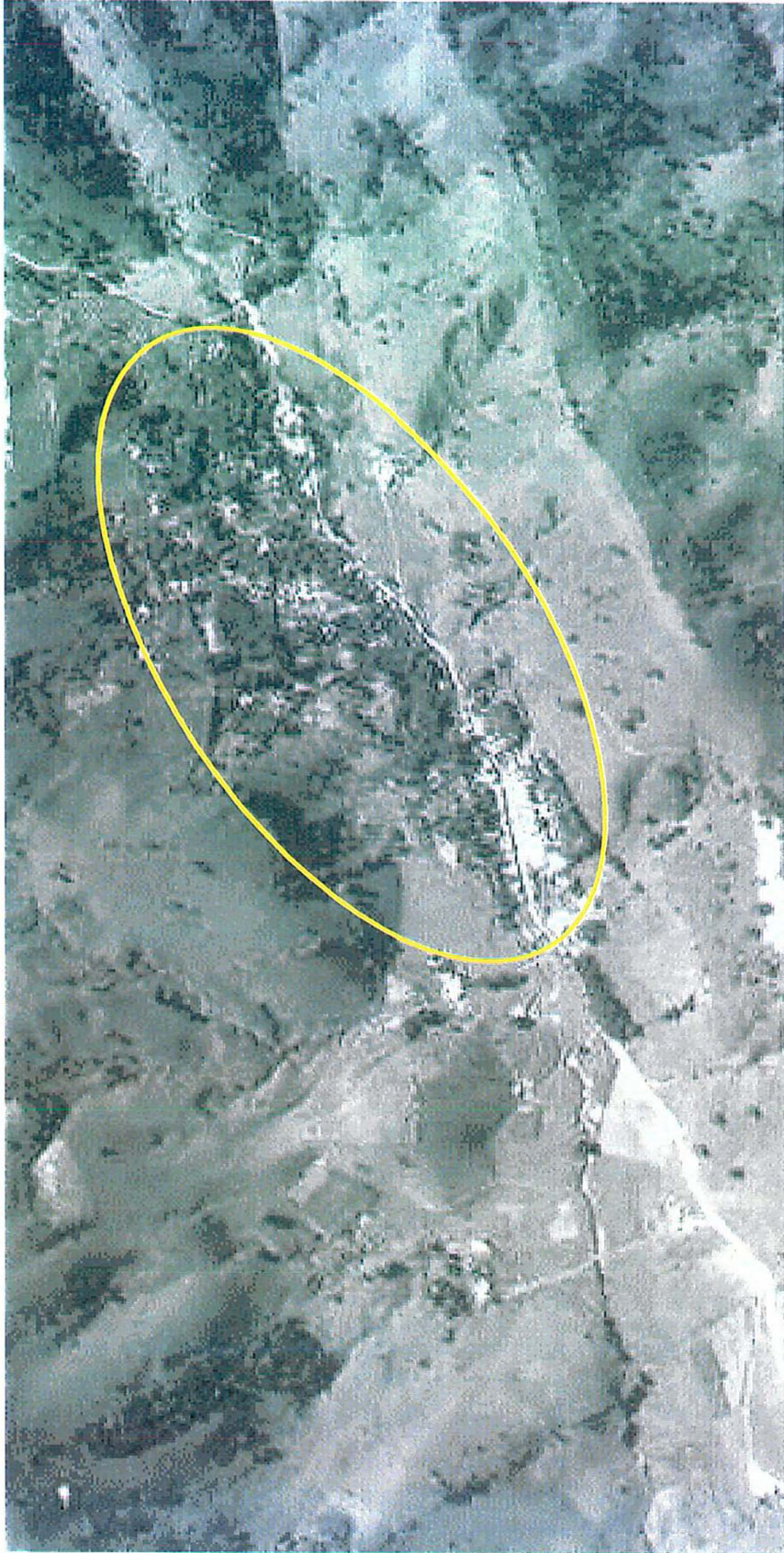


Figura 57 - Detalhe ampliado da figura 48. Na elipse amarela vê-se o Bairro do Quilombo. Ao seu redor as grandes áreas de pastagens e escassa vegetação de porte

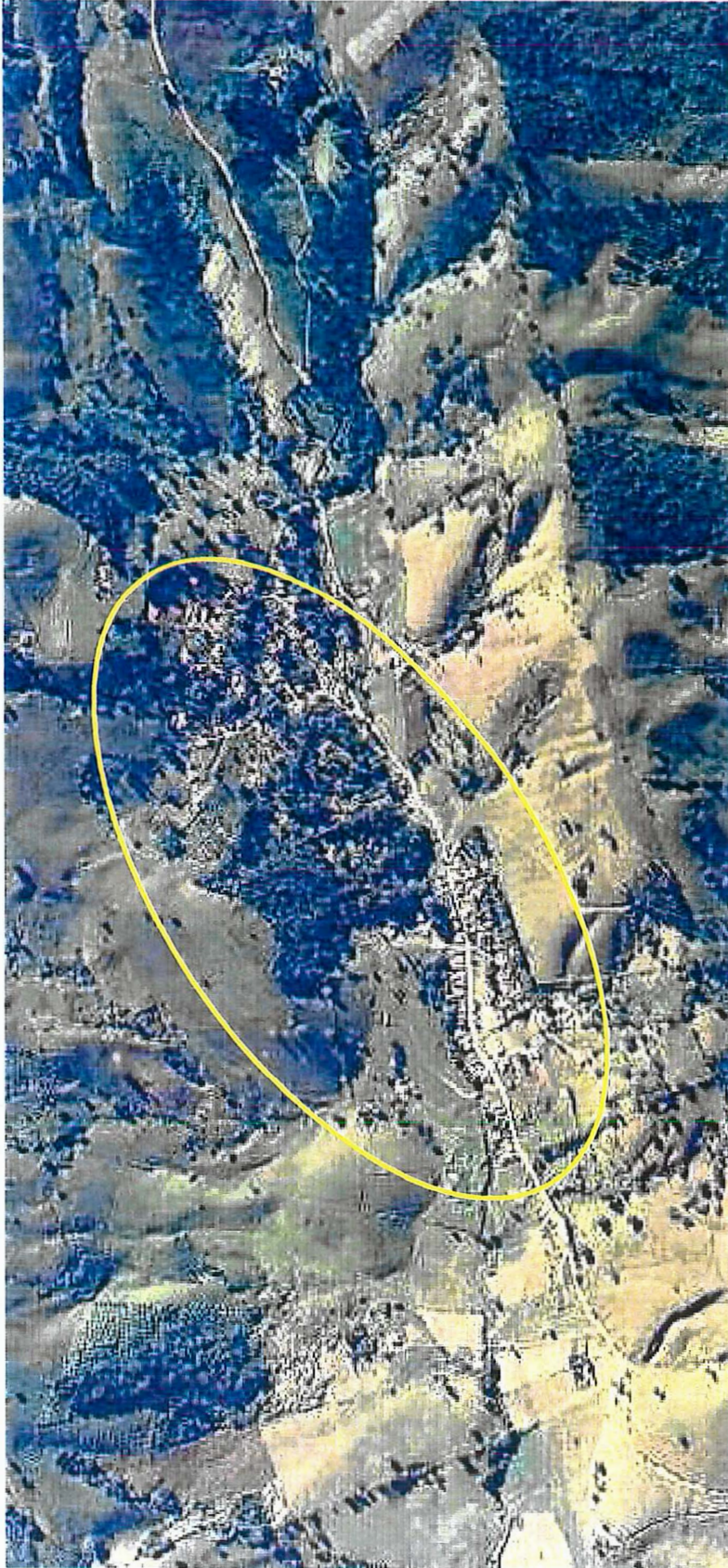


Figura 58- Detalhe ampliado da figura 50. Na elipse amarela vê-se o Bairro do Quilombo. Ao seu redor as grandes áreas que eram pastagens e hoje encontram-se com matas em regeneração. Percebe-se o adensamento urbano e a fragmentação das propriedades

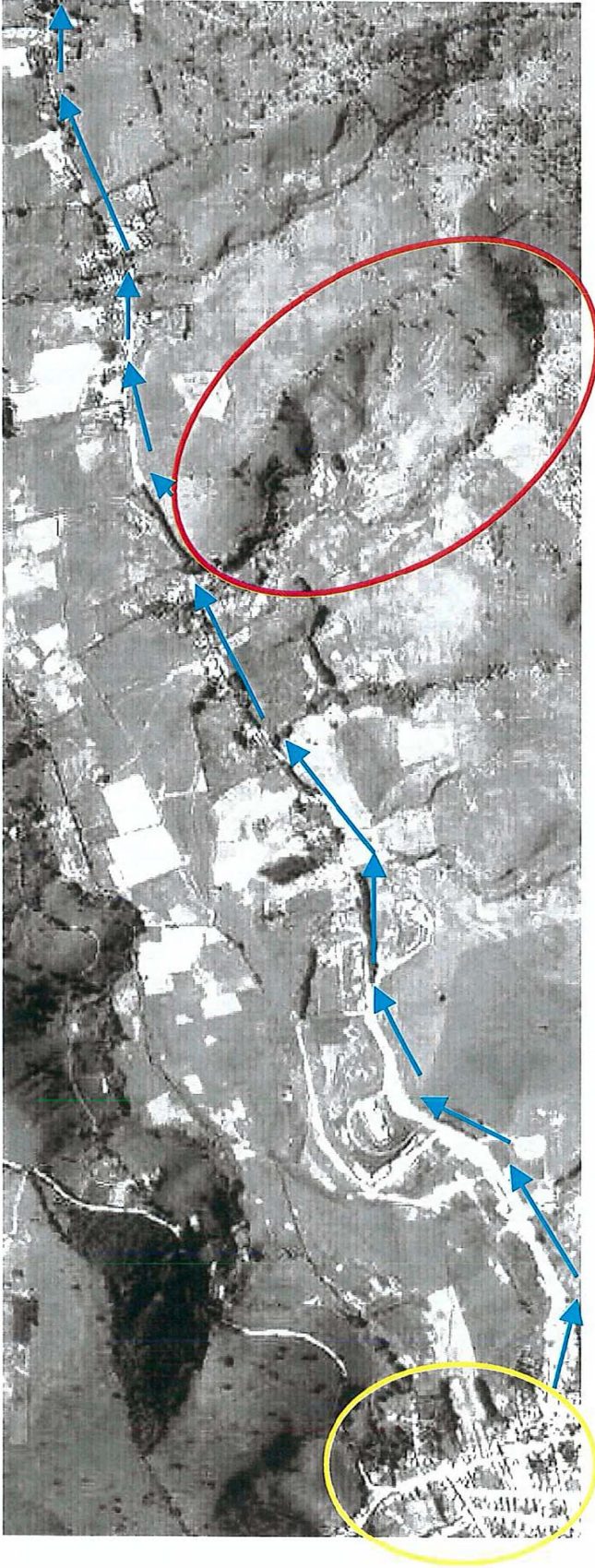


Figura 59 - Detalhe ampliado da figura 48 de um trecho da Estrada do Paiol. Também podem ser vistas as franjas do núcleo urbano na elipse amarela e muitas áreas de pastagens. Poucas são as construções ao longo da estrada, que em 1973 não era pavimentada. Na elipse vermelha pode-se ver uma área de pastagem que será alterada

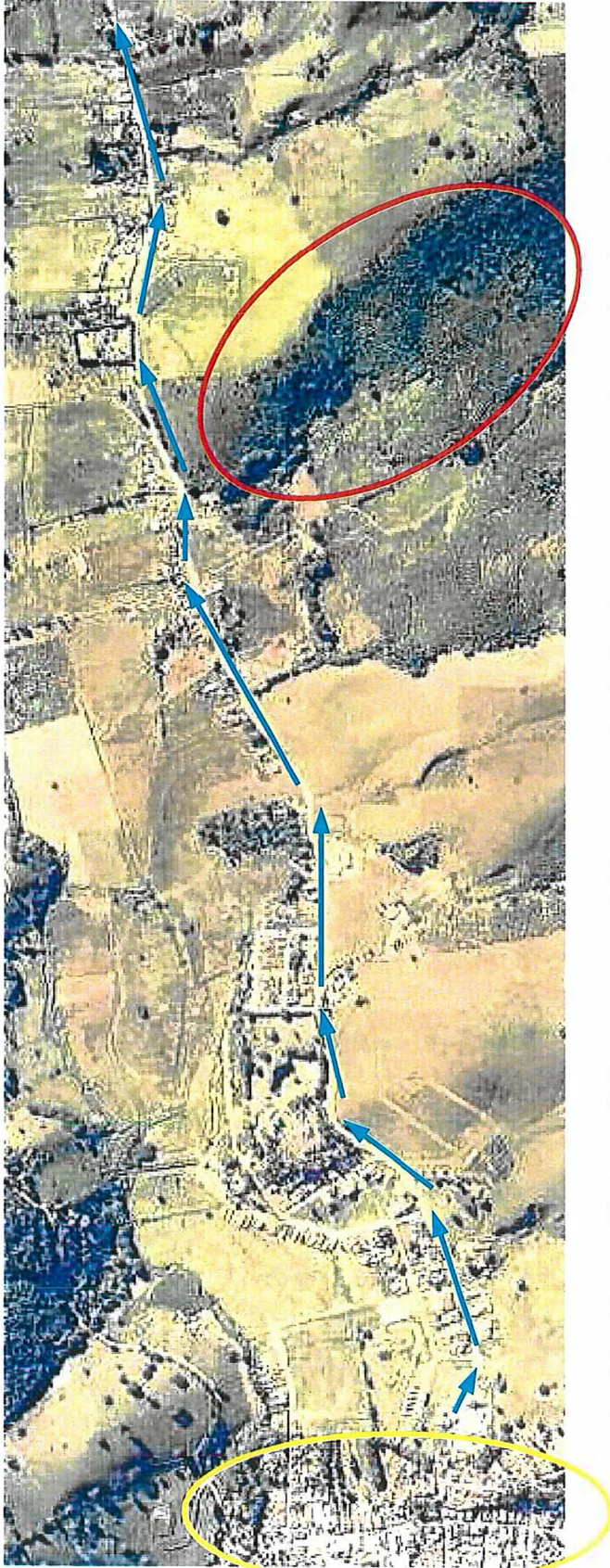


Figura 60 - Detalhe ampliado da 50 de um trecho da Estrada do Paiol. Também podem ser vistas as franjas do núcleo urbano na elipse amarela e muitas áreas de pastagens. Surgiram muitas construções ao longo da estrada que em 2003 já está pavimentada. Os assentamentos humanos prosperaram e a paisagem foi alterada. Dentro da elipse vermelha pode-se ver uma grande mancha de vegetação em processo de regeneração onde anteriormente era pastagem

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Y. **Enseigner les Représentations spatiales**. Paris: Anthropos, 1998. 1v.

AMORIM FILHO, O. B. Percepção ambiental in:

<http://ivairr.sites.uol.com.br/percepcaoambi.htm> (17 mar. 2004).

BACHELARD, G. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins fontes, 1997. 202p.

BALLONE, G. J. - Sensopercepção <<http://www.psiqweb.med.br/cursos/percep.html>>
(17 mar 2004)

BAILLY, A., Des images mentales de Fribourg; trois images pour deux groupes culturelles. : **Cahiers de L' Institut de Géographie de Fribourg**, n.5, 1987. 1v.

BAILLY, A., **La perception del espacio urbano.**, Madrid: IDEAL, 1979. 1 v.
(Colección nuevo urbanismo)

BAILLY, A., Enseigner lês représentations regionales, images mental et cartes mentales.
In: **Représenter l'imaginaire spatial à l'école.** Paris: Antropos,1989. 1v.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia global - esboço metodológico. **Ciências da Terra**, v.13, p. 27, 1972.

BOLÓS, M. **Manual de ciência del paisaje: teoria, métodos y aplicaciones**. Barcelona: Masson, 1992. 193 p.

- BOURASSA, S. C. A., A paradigm for landscape aesthetics. **Environment & Behavior**, v. 22, n. 6, p 787-812, 1990.
- BRYANT, C. R.; RUSSWURM, L. H.; McLELLAN, A. G. et al. **The city's countryside: Land and its management in the rural urban fringe**. New York: Longman, 1982, 249 p.
- CAMPBELL, J. **O Poder do Mito** / Joseph Campbell, com Bill Moyers; org. por Betty Sue Flowers; trad. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990. 248p.
- CAPEL, H., Percepción del médio y comportamiento geográfico. **Revista Geográfica**. v. 7, n 1/2, p 234 - 258, 1973.
- CHRISTOFOLETTI, A. (org) **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. 318p.
- CLAWSON, M. ; KNATSCH, J. L. **Economics outdoor recreation**. 2 ed. Washington D.C: Resources for the future, 1969. 1v.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (Brasil). **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1991. 430p.
- CONAN, M. “Genealogie du paysage”, **Lê Débat**, n.65, p.438-450, 1991.
- CORBIN, A. **O território do vazio: A praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 385p.
- CORREIA, J. R. **Vocabulário Sul-Rio Grandense**, 1898.
- CUNHA, A. G. da Dicionário etimológico da língua portuguesa. 2 ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1982.1v.
- DEARDEN, P. Public participation and scenic quality analysis. **Landscape Planning**, n°8, p. 3-19, 1981.

- DEFFONTAINES, J. P. Études de l'activité agricole et analyse du paysage – Approche des paysages. **L' Espace Géographique**, n.1, p.37-47, 1985.
- DELPOUX, M. Ecosistema e paisagem. Trad. Mary Cristine Mondesi. **Métodos em Questão**, n.7,p.18-25, 1974.
- DEL RIO, V. ; OLIVEIRA, L. de , (Org). **Percepção ambiental**. A Experiência Brasileira. 2ed. São Paulo: Studio Nobel / Editora da UFSCar, 1999.265p.
- Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (1982)
- DICTIONNAIRE LAROUSSE, Paris: Librairie Larousse, 1979,1v.
- DUNN, M. C. **Landscape evaluation techniques**: An appraisal and review of the literature. Birmingham: Centre for Urban and Regional Studies, University of Birmingham, 1974. 1v.
- ECKBO, G. Qualitative values in the landscape, In: ZUBE, E. H.; BRUSH, R. O.; FABOS, J.G. (Ed.). **Landscape assessment**: values, perceptions and resources. New York: Dowden, Hutchinson & Ross, 1975. 367p.
- ELLIOTT, C. L. Scenic routes linking and protecting natural and cultural landscape fractures: a greenway skeleton. **Landscape and Urban Planning**, n.33, p.341-355, 1995.
- Instituto Brasileiro de Turismo EMBRATUR. **Diretrizes do Programa Nacional de Municipalização do Turismo**. 3ª versão. Brasília: EMBRATUR, 1998 a.1v.
- Instituto Brasileiro de Turismo EMBRATUR **Procedimentos do Programa Nacional de Municipalização do Turismo**. Brasília: EMBRATUR, 1998 b.1v.
- ESCRIBANO, M. M.; FRUTOS, M.; IGLESIAS, E.; MATAIX, C.; TORRECILLA, I. **El paisaje**. Madrid: E.T.S.I. Montes, 1989. 107 p.
- FERRARA, L. D. **Olhar Periférico**. 2 ed.,São Paulo: EDUSP, 1999. 277p.

- FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. 2 ed. Nova fronteira, Rio de Janeiro: 1986. 1v.
- FINES, K. D. Landscape evaluation: a research project in East Sussex. **Regional Studies**, n.2, p. 41-55, 1968.
- FRÉMONT, A. Lês profondeurs des paysages géographiques. **L'Espace Géographique**, n. 2, p. 324-330, 1974.
- FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Trad. Antonio Gonçalves. Coimbra: Livraria Almedina., 1983. 1v.
- GALLO JUNIOR, H.; OLIVATO, D.; CAVALHEIRO, F. Percepção e planejamento da paisagem: Estudo aplicado ao município de Campos do Jordão (SP). In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM GEOGRAFIA, 1, São Paulo, 2003.
- GILLI, G. **Introducción a la arquitectura del paisaje**. Barcelona. 1983. 306 p.
- GODERIE, R. Recreatie en natuurbehoud in natuurbos; controverse of synthese? **Recreatie & Toerisme**, n12, p.524-529, 1986
- GOETHE, W. **Viagem à Itália**. 2 ed., Rio de Janeiro: Livraria José, 1959. 416p.
- GONZALEZ-BERNALDEZ, F. **Ecologia y paisaje**. Madrid: H. Blume, 1981. 250 p.
- GOULD, P. Las imagenes mentales del espacio geográfico, In: MENDOZA, J. **El pensamiento geográfico.**, Madrid: Alianza Editorial 1982, p.477-484.
- GOULD, P. ; WHITE, R. **Mental maps**. London: Harmonds Worth. Penguin Books 1974.
- GUEDES, H. S. Paisagens serranias, araucárias e águas minerais. Estudo da bacia hidrográfica do Passa Quatro - MG. São Paulo, 1999. 166p. Dissertação de (Mestrado) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

- HAGUETTE , T. M. **Metodologias qualitativas na sociologia**, Rio de Janeiro: Vozes 1992, p. 55-92.
- HOGAN, D. J. in prefácio de **Viagens à Natureza: Turismo, cultura e ambiente** / Célia Maria de Toledo Serrano e Heloisa Turini Bruhns (org). – Campinas, SP: Papyrus, 1997. 150p. (Coleção Turismo)
- HOLLYDAY , J. The new urban realm. **Town & Country Planning**, n.10, p 259-261, 1994.
- IGNÁCIO, C. F. **Guia para elaboración de estudios del medio físico: contenido y metodología**. 2 ed. Madrid: CEOTMA, 1984. 572 p. (Série Manuales, 3)
- JORDANA, J. C. C. **Curso de introducción al paisaje: Metodologias de Valoración**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná / Universidad de Cantábria, 1992, 60 p.
- KENT, R. L. Determining scenic quality along highways: a cognitive approach. **Landscape and urban planning**, n.27, p.29-45, 1993.
- KORMONDY, E. J. **Ecologia Humana** – Tradução de Max Blum , Walter A. Neves (org), São Paulo: Ateneu ,2002. 503p.
- KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo** - Para uma compreensão do lazer e das viagens , Contexto Traduções, São Paulo: Aleph ,2000. 235p. .
- KRIPPENDORF, J. Impressões de Jost Krippendorf sobre o Balneário Camburiú – SC (**Turismo – Visão e Ação**, v.2, n. 5, p 101-104, 2000.
- LA FUENTE **Diccionario Enciclopédico Ilustrado de la lengua española**, Barcelona: Ed. Ramón Sopena, 1934. 1v.
- LANSINK, A. S.: Samenmet het landchap richting bergaf. **Natuur en milieu**, n.83,p.13-16, 1983.
- LAURIE, M. **An introduction to landscape architecture**. New York: Elsevier, 1976. 213 p.

- LENCIONI, S., A Incorporação da fenomenologia e do marxismo no estudo regional. São Paulo: EDUSP, 1999. 208p.
- LYNCH, K., **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes 1960. 205p.
- LOWENTHAL, D., **Enviromental perception and behavior**. Depart. Of Geography, University of Chicago: Association of American Geographers. 1967, 88p. (Research Paper, 09)
- LOWENTHAL, D., Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org) **Perspectiva da Geografia**. DIFEL, 1982, p. 103-141.
- LUCAS, O. W. R. **The design of forest landscape**. Forestry Comission. Oxford: University Press, 1990. 381p.
- LUGINGÜHL, Y. (1991). “Le paysage rural: La couleur de l’agricole, le saveur de l’agricole, mais que rest-t-il de l’agricole?”, **Études Rurales**, n. 121-124, p. 432-447,1991.
- MACHADO, L. M. C. P. Reflexões sobre a abordagem perceptiva no estudo da paisagem. **GEOGRAFIA**, v.11,n. 21, p. 143-147, 1986.
- Manual Técnico da Vegetação Brasileira / Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais – Rio de janeiro: IBGE, 1991, 92 p. – (Manuais técnicos de Geociências,1
- MARENZI, R. C. Estudo da valoração da paisagem e preferências paisagísticas no município de Penha - SC. Curitiba, 1996. Dissertação de (Mestrado), Universidade Federal do Paraná.
- MARENZI, R. C. – UNIVALI
http://www.cehcom.univali.br/educado/percepcao_paisagem.doc

- MENTINK , H. R. Long term development in european agriculture and it's impacts on the landscape. **Landscape Urban Planning**, n. 118, p. 203-209, 1990.
- MENDOZA, J. **El pensamiento geográfico.**, Madrid: Alianza Editorial 1982.1v.
- MERLEAU-PONTY, M., **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins fontes, 1999. 662 p.
- MONTEIRO, A. C. F. Geossistemas – **A estória de uma procura** Edição piloto do autor, Florianópolis. 1995. 1v.
- MORIN, Z. **O Método 3. O conhecimento do conhecimento.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1986. 1v.
- NEIMANN ; RABINOVICI, **Meio ambiente educação e ecoturismo**, Barueri: Edit. Manole , 2002. cap.7: Ocerrado como instrumento para educação ambiental em atividades de ecoturismo.
- NOGUEIRA, A. R. B.; Percepção e representação gráfica: A “geograficidade” nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. São Paulo, 2001. 181p. Tese de (Doutorado) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- OLIVEIRA, L. de Contribuições dos estudos cognitivos à percepção geográfica. **GEOGRAFIA**, v.2, n.3,p. 61-72,1972.
- OLIVEIRA, L. Percepção e representação do espaço geográfico In: RIO, V. Del e Oliveira, L., **Percepção Ambiental: A experiência brasileira.**, São Paulo: NOBEL 1999. 265p.
- OLMSTED, F. L. **Civilizing American cities** : a selection of Frederick Law Olmsted's writings on city landscapes / Edited by S. B. Sutton, Cambridge, Mass : MIT Press,1971. 310 p.

- Organização Mundial do Turismo - OMT. Planejamento para o desenvolvimento do turismo sustentável em nível municipal. Madri: OMT, 1994, 1v.(**Guia para treinamento de agentes multiplicadores e monitores municipais**).
- OREA, D. G. **El medio físico y la planificación**. Madrid: CIFCA, 1976. 144 p.
- PEARSON, R. M. The terminology of recreational geography. **Papers of the Michigan Academy of Science, Arts and Letters**, v.48, , p. 447-451, 1962
- PIRES, B. C. C. Gestão em agências de ecoturismo e sua inserção no contexto de sustentabilidade. São Paulo, 1998, 193p.Dissertação de (Mestrado) Faculdade de Economia e Administração, Universidade de São Paulo.
- PIRES, P. S. Avaliação da qualidade visual da paisagem na região carbonífera de Criciúma - SC. Curitiba, 1993. 96 p Dissertação de (Mestrado) Universidade Federal do Paraná,.
- PIRES, P. S. Ecoturismo – Uma abordagem histórica e conceitual na perspectiva ambientalista. São Paulo, 1998. 218p.Tese de (Doutorado) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo
- POTTER, C. Playing the planner: public participation in urban fringe. **Town & Country Planning**, n.10, p. 18-49, Feb., 1994.
- QUEVEDO NETO, P.L. Paisagens preferidas e transformação da paisagem na área de transição urbano-rural da grande São Paulo: Capela do Alto. Saõ Paulo, 1999.239p. Tese de (Doutorado) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- RIBEIRO, G. L. ; BARROS, F. L., A corrida por paisagens autênticas: Turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo. **Viagens à Natureza : Turismo , cultura e ambiente / Célia Maria de Toledo Serrano e Heloisa Turini Bruhns org. –** Campinas, SP: Papyrus, 1997.150p. (Coleção Turismo)

- ROCHA, C. H. Ecologia da paisagem e manejo sustentável em bacias hidrográficas: Estudo do Rio São Jorge nos Campos Gerais do Paraná. Curitiba, 1995. 176p. Dissertação de (Mestrado), Universidade Federal do Paraná.
- RODRIGUES, A. A. B. **Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar.** São Paulo: Hucitec, 1997 a. 158p.
- RODRIGUES, A. A. B. **Turismo e ambiente, reflexões e propostas.** São Paulo: Hucitec, 1997. 177p.
- RODRIGUES, A. A. B. **Turismo e desenvolvimento local.** São Paulo: Hucitec, 1997. 207 p.
- RODRIGUES, A. A. B. **Turismo. Modernidade Globalização.** São Paulo: Hucitec, 1997. 218 p.
- ROGER, A. “Le paysage occidental: Rétrospective et prospective”, **Le Débat** n.65, 1991. 1v.
- ROUGERIE, G. ; BEROUTCHACHVILLI, N. **Géosystemes et Paysages – Bilan et Méthodes.** Paris: Armand Colin Éditeur, 1991. 302p.
- ROUGERIE, G. **Geografia das Paisagens.** Trad. De Heloysa de Lima Dantas. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1997. 134p.
- RUSCHMANN, D. V. D. M. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente.** 4 ed. Campinas: Papyrus, 1999. 199p. (coleção Turismo).
- SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: HUCITEC, 1997. 60p.
- SCHAMA, S. **Paisagem e memória.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 644p.
- SERRANO, C. M. T. ; BRUHNS, H. T. **Viagens à Natureza: Turismo, cultura e ambiente.** Campinas, SP: Papyrus, 1997. 150p. (Coleção Turismo).

- SHAFER, E. P. L. ; HAMILTON, J. F.; SCHMIDT, E. A. National Landscape Preferences: a predictive model. **Journal of Leisure Research**, n.1, p.1-19, 1969.
- SILVA, M. A. Percepção da paisagem e planejamento no distrito de Basilândia – SP São Paulo, 2002. 243p. Tese de (Doutorado), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Unisverdsidade de São Paulo
- SITTE. C. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos** Trad. Ricardo Ferreira Henrique, São Paulo: Atica, 1992. 239p.
- TUAN, Y. F. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980. 288p.
- UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA. Estratégia mundial para a conservação: a conservação dos recursos vivos para um desenvolvimento sustentado. São Paulo: CESP, 1984, 1 v.
- URRY, J., **O olhar do turista. Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: SESC / Studio Nobel, 1996.231p.
- VAL. N. S., Turismo, Sustentabilidade e a Paisagem **Boletim Técnico do Senac**, v. 30, n. 1, p. 47 – 53, 2004
- Vocabulário Latino por Famílias Etimológicas**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1944.1v.
- YÁZIGI, E., Devaneio e Crítica – Preliminares ao Papel da Fantasia na Paisagem in **Paisagem Ambiente Ensaios**, n. 12, p. 253-287 dez. 1999.
- WAHRIG, G., – **Deutsches Worterbuch**, Mosaik Werlag, 1980/81. 4358p.
- Webster's dicionario universitário 4 ed. Rio de Janeiro, 2003.914p.
- WHYTE, A. V. T., La perception de l'environnement: lignes directrices methodologiques pour les études sur le terrain. Paris, UNESCO, 1978.1v.
- ZEE, D. van der , The complex relationship between landscape and recreation In: **Landscape Ecology**, v. 4, n.4, p. 225-236 , 1990.

ZEE, D. van der , An analysis of recreational development using sequential aerial photographs. **ITC Journal** – n. 3, p. 362-366 , 1982.

ZUBE, E. H.; PITT, D. G. Cross-Cultural Perceptions of Scenic and Heritage Landscapes. **Landscape Planning**, n.8, p.69-87, 1981.

Apêndice - Exemplos de questionários e mapas mentais



118



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

Caro Turista

É com grata satisfação que estamos em São Bento do Sapucaí desenvolvendo pesquisas para melhorar a qualidade dos serviços prestados a você turista, pelo poder público e pela iniciativa privada.

Solicito-lhe a gentileza de responder ao questionário abaixo com o máximo de clareza e dedicação para que possamos dar prosseguimento aos nossos trabalhos. Os dados aqui coletados são estritamente confidenciais.

Antecipadamente

Obrigado

1. Em ordem decrescente de sua preferência pessoal (preferido nº1 para o menos preferido nº15), classifique as paisagens abaixo :

- | | | |
|---|--|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com mar | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com lagos | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com cachoeiras |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com neve | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com matas fechadas | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com pastagens |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com agricultura | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com reflorestamento | <input checked="" type="checkbox"/> paisagem com montanhas |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com pessoas | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com animais | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens urbanas com prédios altos |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens urbanas sem prédios | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens urbanas com espaços livres e arborização | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com rios |

2. O que você entende por paisagem

É um lugar bonito de se ver!

3. Você costuma perceber alterações na paisagem, mesmo no seu cotidiano, como uma construção no fim da rua ou a mudança na cor da igreja do seu bairro ?

- Sim não

4. Você frequenta São Bento do Sapucaí há muito tempo ?

- Sim, desde... *1985* não 1ª vez em São Bento

5. Se sim você percebeu alterações na paisagem dos locais que costuma frequentar ?

- Sim, estão mais bonitas porque.....
 Sim estão mais feias por que.....
 Não percebi nenhuma mudança

6. Se sim, você imagina quais são os agentes causadores das alterações nas paisagens ?

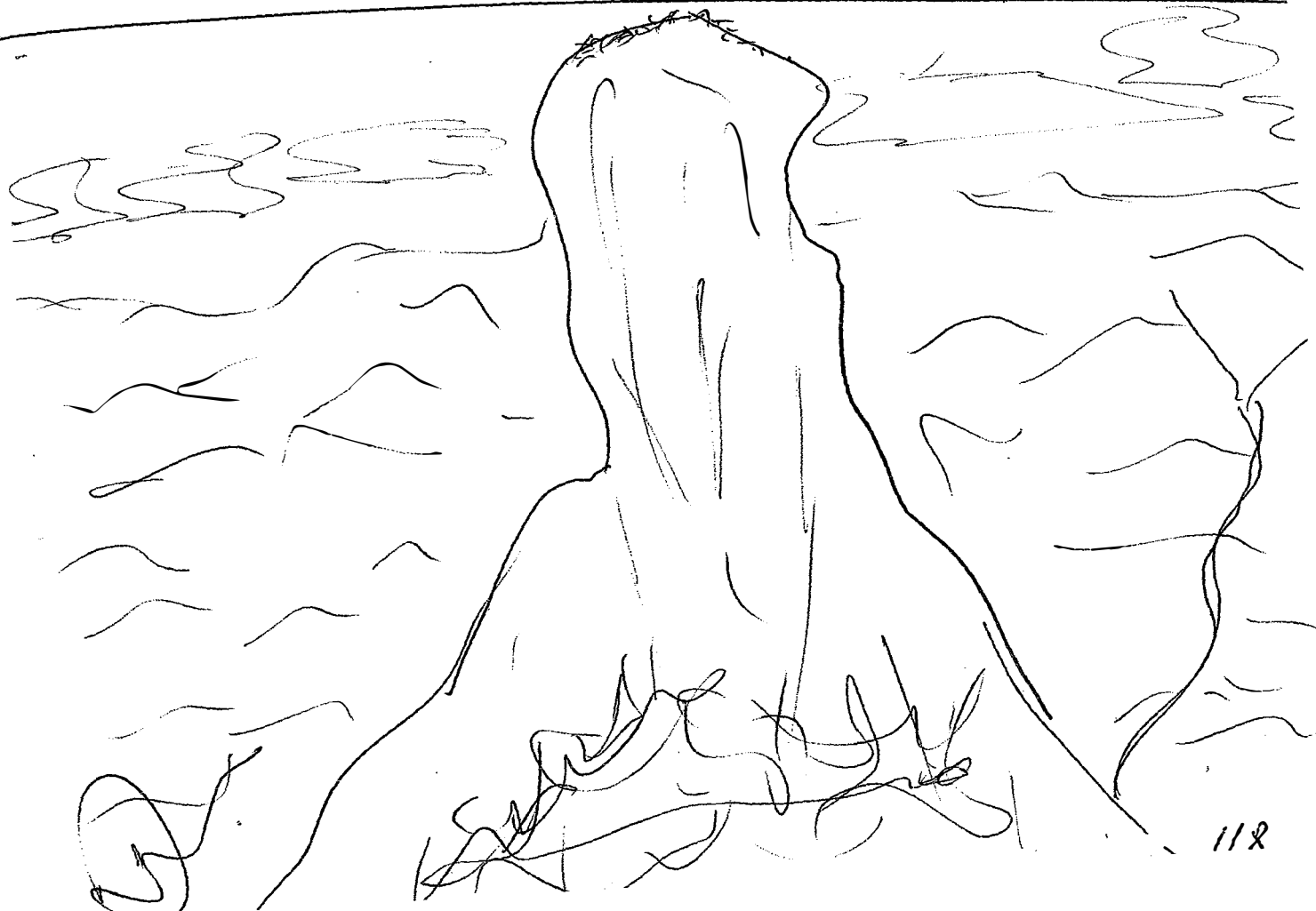
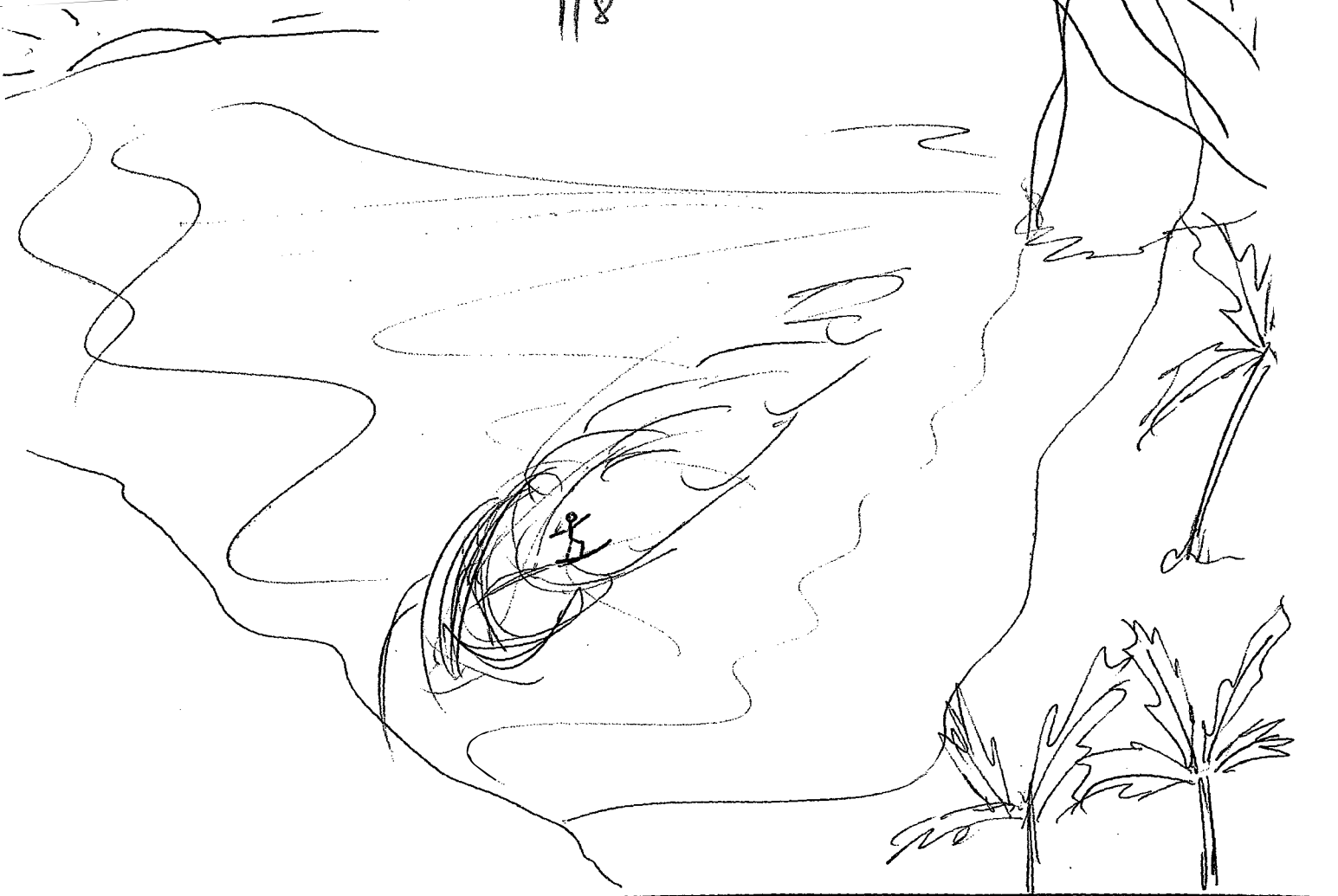
- Especulação imobiliária com parcelamento das propriedades e construções
 Desmatamento para exploração agrícola e agropecuária
 Causas naturais como erosão, enchentes, desmoronamentos, vendavais, etc.
 Aumento do fluxo de pessoas
 Aumento do fluxo de veículos

7. Utilizando-se do verso dessa folha e em outra anexa, procure, de forma simples e bem à vontade, desenvolver dois desenhos. Um representando uma paisagem que você considera como de sua preferência e outra que represente São Bento do Sapucaí.

8. Fale-me sobre você

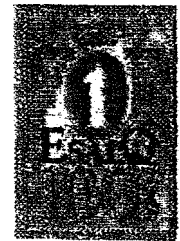
Nome completo.....
 Idade *29 anos* sexo M F
 Endereço.....
 e-mail..... telefones.....
 Atividade profissional *ESCRITÓRIO*.....
 Escolaridade.....
 Local de hospedagem em São Bento do Sapucaí.....

Maiores informações sobre essa pesquisa poderão ser obtidas com o pesquisador através do e-mail nval@esalq.usp.br





1x9



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

Caro Turista

É com grata satisfação que estamos em São Bento do Sapucaí desenvolvendo pesquisas para melhorar a qualidade dos serviços prestados a você turista, pelo poder público e pela iniciativa privada.

Solicito-lhe a gentileza de responder ao questionário abaixo com o máximo de clareza e dedicação para que possamos dar prosseguimento aos nossos trabalhos. Os dados aqui coletados são estritamente confidenciais.

Antecipadamente

Obrigado

1. Em ordem decrescente de sua preferência pessoal (preferido nº1 para o menos preferido nº15), classifique as paisagens abaixo :

- | | | |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Paisagens com mar | <input type="checkbox"/> Paisagens com lagos | <input type="checkbox"/> Paisagens com cachoeiras |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com neve | <input type="checkbox"/> Paisagens com matas fechadas | <input type="checkbox"/> Paisagens com pastagens |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com agricultura | <input type="checkbox"/> Paisagens com reflorestamento | <input type="checkbox"/> Paisagem com montanhas |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com pessoas | <input type="checkbox"/> Paisagens com animais | <input type="checkbox"/> Paisagens urbanas com prédios altos |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens urbanas sem prédios | <input type="checkbox"/> Paisagens urbanas com espaços livres e arborização | <input type="checkbox"/> Paisagens com rios |

2. O que você entende por paisagem

Natureza em perfeito estado de conservação e preservação

3. Você costuma perceber alterações na paisagem, mesmo no seu cotidiano, como uma construção no fim da rua ou a mudança na cor da igreja do seu bairro ?

- Sim não

4. Você frequenta São Bento do Sapucaí há muito tempo ?

- Sim, desde 1987 (tempo) não 1ª vez em São Bento

5. Se sim você percebeu alterações na paisagem dos locais que costuma frequentar ?

- Sim, estão mais bonitas porque.....
- Sim estão mais feias por que..... a construção foi planejado sem o devido cuidado em investir o processo (ruas)
- Não percebi nenhuma mudança

6. Se sim, você imagina quais são os agentes causadores das alterações nas paisagens ?

- Especulação imobiliária com parcelamento das propriedades e construções
- Desmatamento para exploração agrícola e agropecuária
- Causas naturais como erosão, enchentes, desmoronamentos, vendavais, etc.
- Aumento do fluxo de pessoas
- Aumento do fluxo de veículos

7. Utilizando-se do verso dessa folha e em outra anexa, procure, de forma simples e bem à vontade, desenvolver dois desenhos. Um representando uma paisagem que você considera como de sua preferência e outra que represente São Bento do Sapucaí.

8. Fale-me sobre você

Nome completo.....

Idade... 23 anos sexo M F

Endereço

e-mail..... telefones.....

Atividade profissional... Administrador de Empresas

Escolaridade... 3ª grau concluído

Local de hospedagem em São Bento do Sapucaí... Casa de família

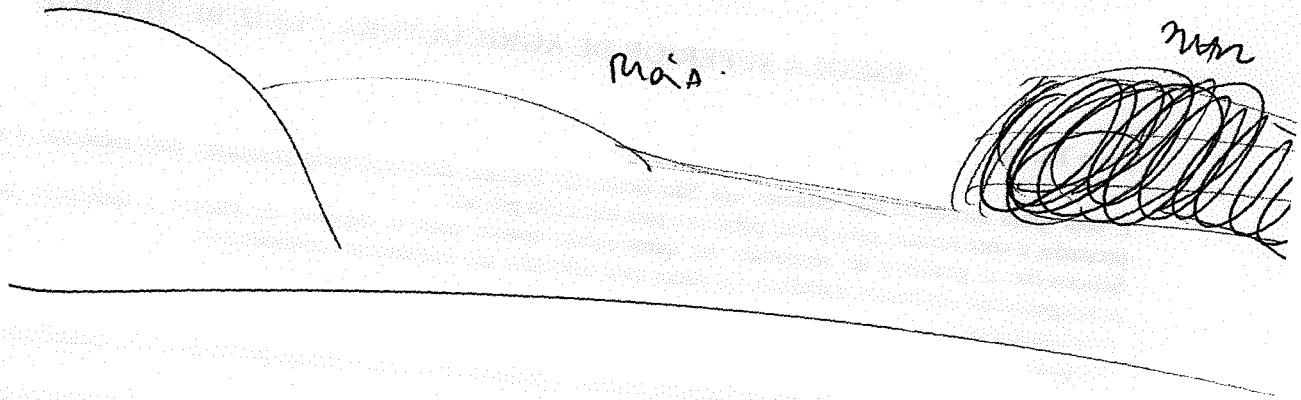
Maiores informações sobre essa pesquisa poderão ser obtidas com o pesquisador através do e-mail nsval@esalq.usp.br

LUGAR Profundo

montanha

mar

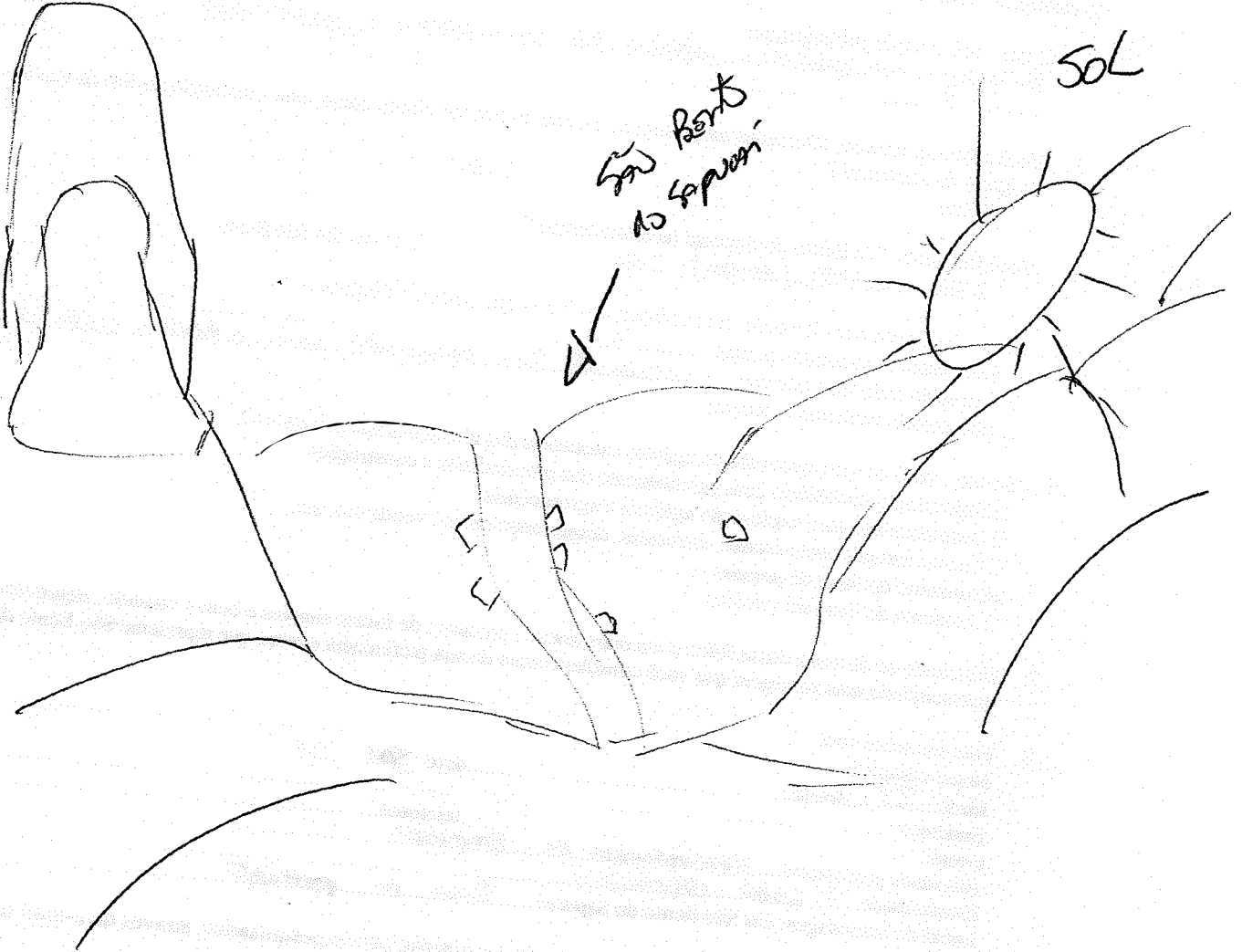
mar



Rebato
BAU

Sou Berto
do Sapuê

SOL





182



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

Caro Turista

É com grata satisfação que estamos em São Bento do Sapucaí desenvolvendo pesquisas para melhorar a qualidade dos serviços prestados a você turista, pelo poder público e pela iniciativa privada.

Solicito-lhe a gentileza de responder ao questionário abaixo com o máximo de clareza e dedicação para que possamos dar prosseguimento aos nossos trabalhos. Os dados aqui coletados são estritamente confidenciais.

Antecipadamente

Obrigado

1. Em ordem decrescente de sua preferencia pessoal (preferido nº1 para o menos preferido nº15). classifique as paisagens abaixo :

- | | | |
|---------------------------------|--|--|
| 1 Paisagens com mar | 5 paisagens com lagos | 2 paisagens com cachoeiras |
| 4 Paisagens com neve | 6 paisagens com matas fechadas | 15 paisagens com pastagens |
| 14 Paisagens com agricultura | 13 paisagens com reflorestamento | 3 paisagem com montanhas |
| 12 Paisagens com pessoas | 17 paisagens com animais | 10 paisagens urbanas com prédios altos |
| 9 Paisagens urbanas sem prédios | 8 paisagens urbanas com espaços livres e arborização | 7 paisagens com rios |

2. O que você entende por paisagem

IMAGEM DO AMBIENTE

3. Você costuma perceber alterações na paisagem, mesmo no seu cotidiano, como uma construção no fim da rua ou a mudança na cor da igreja do seu bairro ?

Sim

não

4. Você frequenta São Bento do Sapucaí há muito tempo ?

Sim, desde.....

não

1ª vez em São Bento

5. Se sim você percebeu alterações na paisagem dos locais que costuma frequentar ?

Sim, estão mais bonitas porque.....

Sim estão mais feias por que.....

Não percebi nenhuma mudança

6. Se sim, você imagina quais são os agentes causadores das alterações nas paisagens ?

Especulação imobiliária com parcelamento das propriedades e construções

Desmatamento para exploração agrícola e agropecuária

Causas naturais como erosão, enchentes, desmoronamentos, vendavais, etc.

Aumento do fluxo de pessoas

Aumento do fluxo de veículos

7. Utilizando-se do verso dessa folha e em outra anexa, procure, de forma simples e bem à vontade, desenvolver dois desenhos. Um representando uma paisagem que você considera como de sua preferência e outra que represente São Bento do Sapucaí.

8. Fale-me sobre você

Nome completo Adriana

Idade 29 sexo M F

Endereço.....

e-mail..... telefones.....

Atividade profissional CIR. DENTISTA

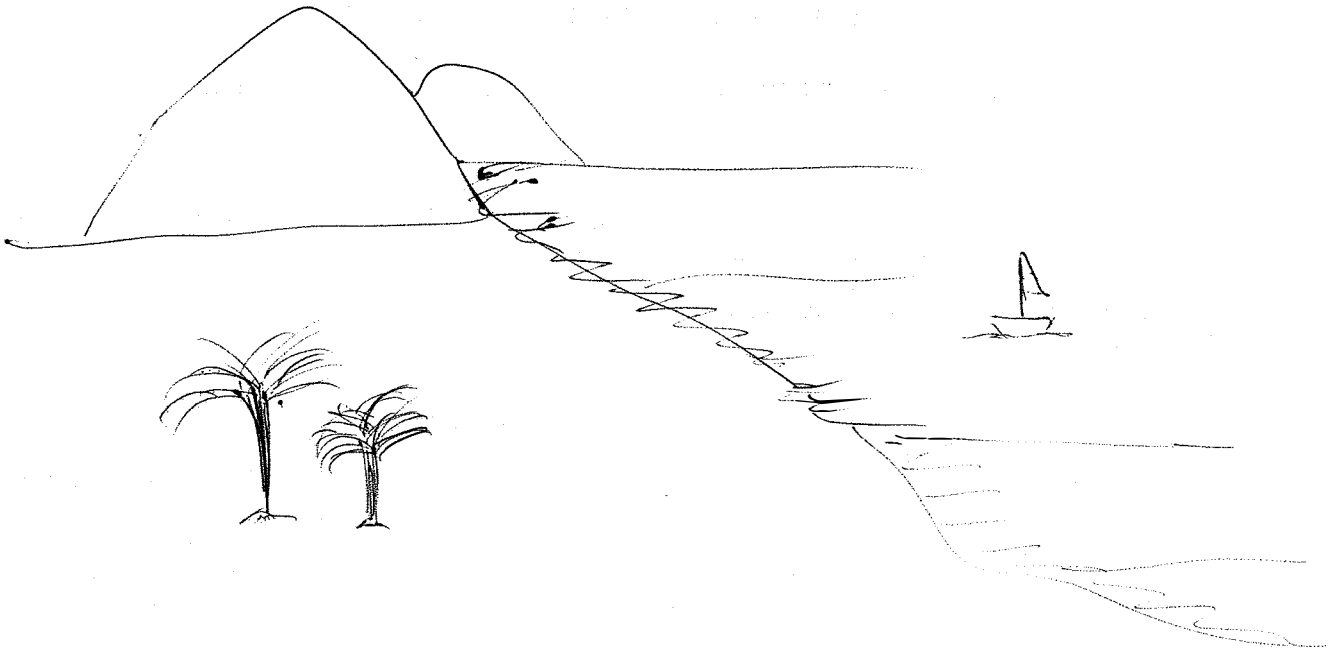
Escolaridade 3ª grau

Local de hospedagem em São Bento do Sapucaí Campes do Jordão

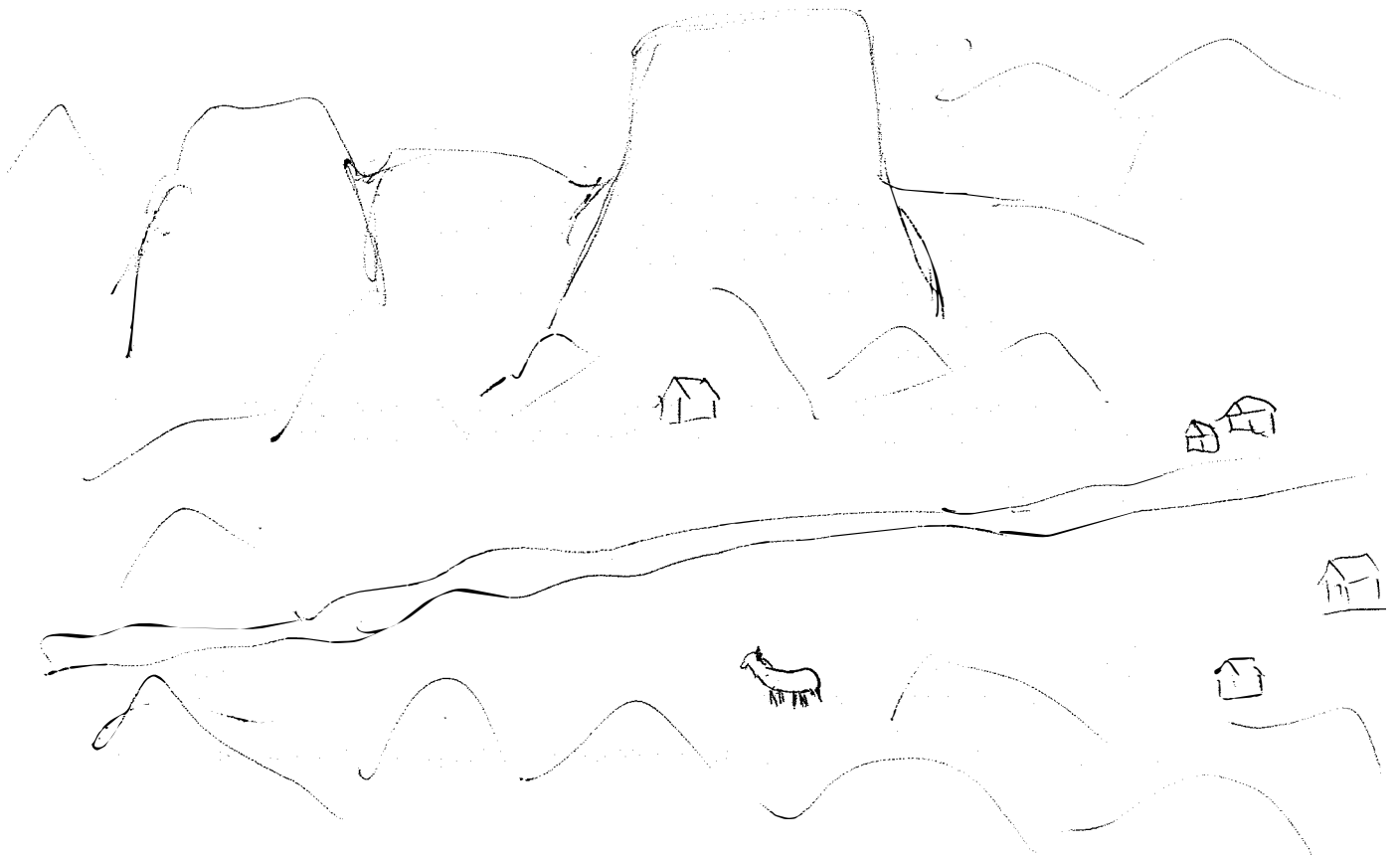
Maiores informações sobre essa pesquisa poderão ser obtidas com o pesquisador através do e-mail nval@esalq.usp.br

187

Lenine

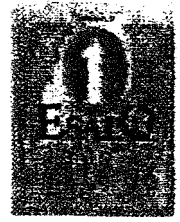


Sao Bento do Sapucaí





257



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

Caro Turista

É com grata satisfação que estamos em São Bento do Sapucaí desenvolvendo pesquisas para melhorar a qualidade dos serviços prestados a você turista . pelo poder público e pela iniciativa privada .

Solicito-lhe a gentileza de responder ao questionário abaixo com o máximo de clareza e dedicação para que possamos dar prosseguimento aos nossos trabalhos. Os dados aqui coletados são estritamente confidenciais.

Antecipadamente

Obrigado

1. Em ordem decrescente de sua preferencia pessoal (preferido nº1 para o menos preferido nº15). classifique as paisagens abaixo :

- 10 Paisagens com mar
- 10 Paisagens com neve
- 10 Paisagens com agricultura
- 10 Paisagens com pessoas
- 14 Paisagens urbanas sem prédios
- 5 paisagens com lagos
- 5 paisagens com matas fechadas
- 7 paisagens com reflorestamento
- 11 paisagens com animais
- 12 paisagens urbanas com espaços livres e arborização
- 2 paisagens com cachoeiras
- 9 paisagens com pastagens
- 4 paisagem com montanhas
- 15 paisagens urbanas com prédios altos
- 3 paisagens com rios

2. O que você entende por paisagem LUGAR COM RECURSOS NATURAIS
NÃO MODIFICADO PELO HOMEM

3. Você costuma perceber alterações na paisagem. mesmo no seu cotidiano. como uma construção no fim da rua ou a mudança na cor da igreja do seu bairro ?

- sim não

4. Você frequenta São Bento do Sapucaí há muito tempo ?
 Sim . desde 98 não 1ª vez em São Bento

5. Se sim você percebeu alterações na paisagem dos locais que costuma frequentar ?
 Sim , estão mais bonitas porque.....
 Sim estão mais feias por que.....
 Não percebi nenhuma mudança

6. Se sim , você imagina quais são os agentes causadores das alterações nas paisagens ?

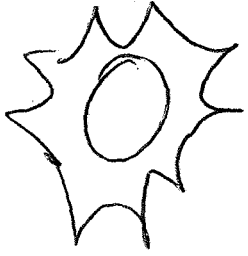
- Especulação imobiliária com parcelamento das propriedades e construções
- Desmatamento para exploração agrícola e agropecuária
- Causas naturais como erosão. enchentes, desmoronamentos , vendavais, etc.
- Aumento do fluxo de pessoas
- Aumento do fluxo de veículos

7. Utilizando-se do verso dessa folha e em outra anexa . procure , de forma simples e bem à vontade.. desenvolver dois desenhos. Um representando uma paisagem que você considera como de sua preferência e outra que represente São Bento do Sapucaí.

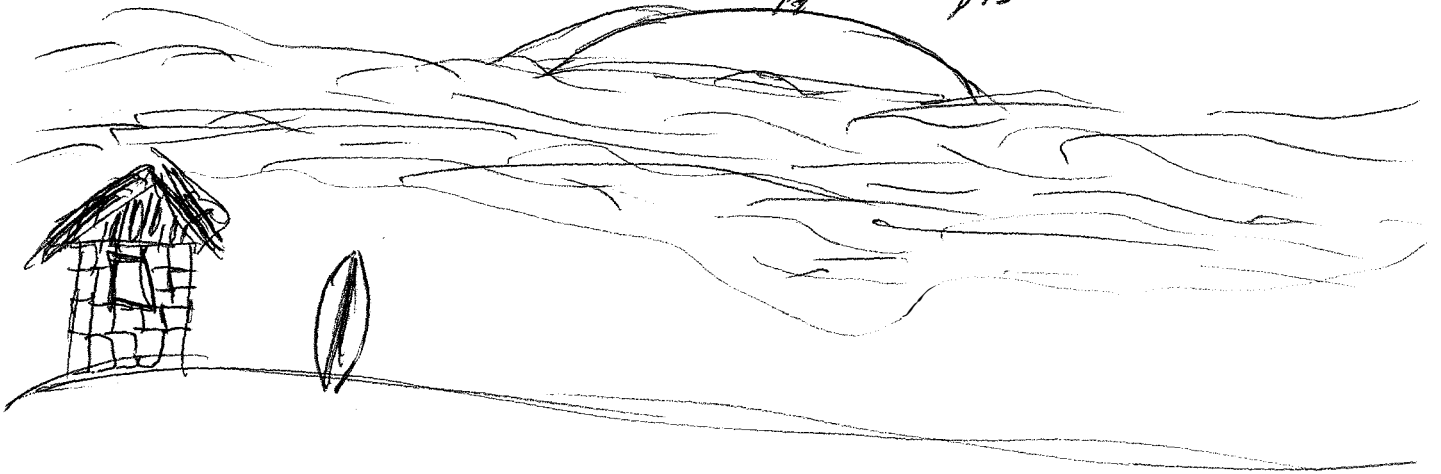
8. Fale-me sobre você
Nome completo.....
Idade 28 ANOS sexo M F
Endereço.....
e-mail..... telefones.....
Atividade profissional INFORMÁTICA
Escolaridade 2º GRAU
Local de hospedagem em São Bento do Sapucaí São ANTONIO DO PINHAL

Maiores informações sobre essa pesquisa poderão ser obtidas com o pesquisador através do e-mail nsval@esalq.usp.br

259



PRAIA
DESERVA



PEDRA
BAU





270



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

Caro Turista

É com grata satisfação que estamos em São Bento do Sapucaí desenvolvendo pesquisas para melhorar a qualidade dos serviços prestados a você turista, pelo poder público e pela iniciativa privada.

Solicito-lhe a gentileza de responder ao questionário abaixo com o máximo de clareza e dedicação para que possamos dar prosseguimento aos nossos trabalhos. Os dados aqui coletados são estritamente confidenciais.

Antecipadamente

Obrigado

1. Em ordem decrescente de sua preferencia pessoal (preferido nº1 para o menos preferido nº15), classifique as paisagens abaixo :

- | | | |
|---|--|---|
| 01 <input type="checkbox"/> Paisagens com mar | 05 <input type="checkbox"/> paisagens com lagos | 02 <input type="checkbox"/> paisagens com cachoeiras |
| 02 <input type="checkbox"/> Paisagens com neve | 06 <input type="checkbox"/> paisagens com matas fechadas | 10 <input type="checkbox"/> paisagens com pastagens |
| 03 <input type="checkbox"/> Paisagens com agricultura | 07 <input type="checkbox"/> paisagens com reflorestamento | 03 <input type="checkbox"/> paisagem com montanhas |
| 04 <input type="checkbox"/> Paisagens com pessoas | 08 <input type="checkbox"/> paisagens com animais | 15 <input type="checkbox"/> paisagens urbanas com prédios altos |
| 13 <input type="checkbox"/> Paisagens urbanas sem prédios | 12 <input type="checkbox"/> paisagens urbanas com espaços livres e arborização | 04 <input type="checkbox"/> paisagens com rios |

2. O que você entende por paisagem
ambiente com harmonia visual independente de qual seja

3. Você costuma perceber alterações na paisagem, mesmo no seu cotidiano, como uma construção no fim da rua ou a mudança na cor da igreja do seu bairro ?

Sim não

4. Você frequenta São Bento do Sapucaí há muito tempo ?

Sim, desde..... não *1ª vez em São Bento*

5. Se sim você percebeu alterações na paisagem dos locais que costuma frequentar ?

- Sim, estão mais bonitas porque.....
- Sim estão mais feias por que.....
- Não percebi nenhuma mudança

6. Se sim, você imagina quais são os agentes causadores das alterações nas paisagens ?

- Especulação imobiliária com parcelamento das propriedades e construções
- Desmatamento para exploração agrícola e agropecuária
- Causas naturais como erosão, enchentes, desmoronamentos, vendavais, etc.
- Aumento do fluxo de pessoas
- Aumento do fluxo de veículos

7. Utilizando-se do verso dessa folha e em outra anexa, procure, de forma simples e bem à vontade, desenvolver dois desenhos. Um representando uma paisagem que você considera como de sua preferência e outra que represente São Bento do Sapucaí.

8. Fale-me sobre você

Nome completo.....

Idade *24* sexo M F

Endereço.....

e-mail..... telefones.....

Atividade profissional *designer grafico*

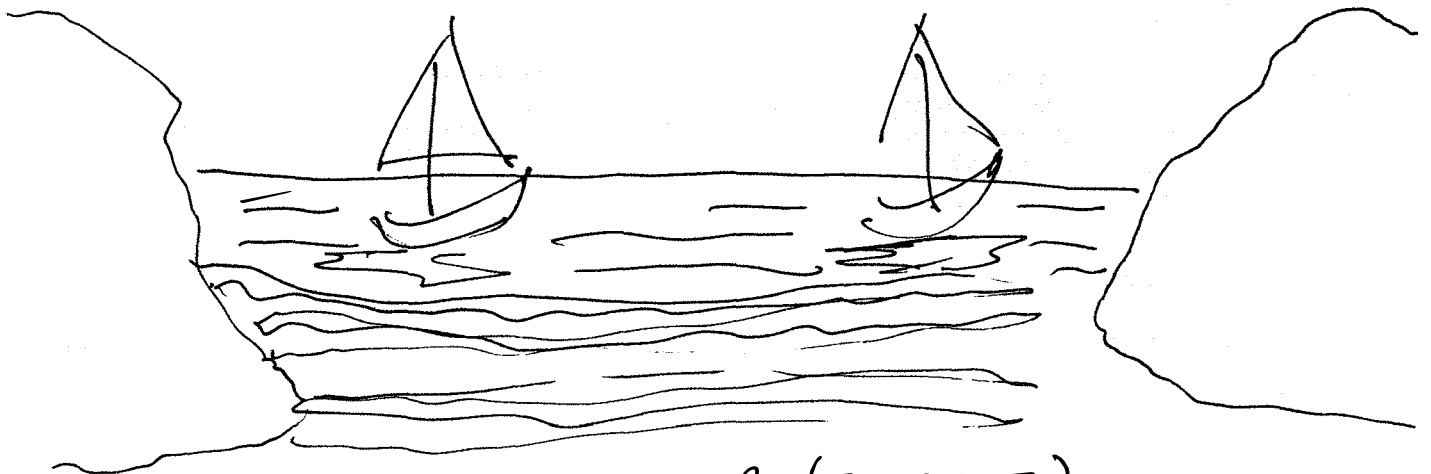
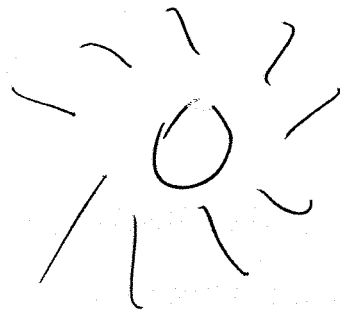
Escolaridade *3º completo*

Local de hospedagem em São Bento do Sapucaí *Campings / cachoeira do Amolo*

Maiores informações sobre essa pesquisa poderão ser obtidas com o pesquisador através do e-mail nsval@esalq.usp.br

11

270



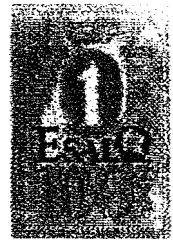
PAISAGEM PREFERIDA: MAR (DESERTO)



DUNA DO PAISAGEM ANA CHATA COM CARRUA



334



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

Caro Turista

É com grata satisfação que estamos em São Bento do Sapucaí desenvolvendo pesquisas para melhorar a qualidade dos serviços prestados a você turista, pelo poder público e pela iniciativa privada.

Solicito-lhe a gentileza de responder ao questionário abaixo com o máximo de clareza e dedicação para que possamos dar prosseguimento aos nossos trabalhos. Os dados aqui coletados são estritamente confidenciais.

Antecipadamente

Obrigado

1. Em ordem decrescente de sua preferência pessoal (preferido nº1 para o menos preferido nº15), classifique as paisagens abaixo:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Paisagens com mar | <input type="checkbox"/> paisagens com lagos | <input type="checkbox"/> paisagens com cachoeiras |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com neve | <input type="checkbox"/> paisagens com matas fechadas | <input type="checkbox"/> paisagens com pastagens |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com agricultura | <input type="checkbox"/> paisagens com reflorestamento | <input type="checkbox"/> paisagem com montanhas |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com pessoas | <input type="checkbox"/> paisagens com animais | <input type="checkbox"/> paisagens urbanas com prédios altos |
| <input type="checkbox"/> Paisagens urbanas sem prédios | <input type="checkbox"/> paisagens urbanas com espaços livres e arborização | <input type="checkbox"/> paisagens com rios |

2. O que você entende por paisagem
Qualquer cenário por onde nós possamos e podemos apreciar situações que ficam em nossa memória de forma bonita e positiva.

3. Você costuma perceber alterações na paisagem, mesmo no seu cotidiano, como uma construção no fim da rua ou a mudança na cor da igreja do seu bairro?
 Sim não

4. Você frequenta São Bento do Sapucaí há muito tempo?
 Sim, desde..... não 1ª vez em São Bento

5. Se sim você percebeu alterações na paisagem dos locais que costuma frequentar?
 Sim, estão mais bonitas porque existem mais construções.
 Sim estão mais feias por que.....
 Não percebi nenhuma mudança

6. Se sim, você imagina quais são os agentes causadores das alterações nas paisagens?
 Especulação imobiliária com parcelamento das propriedades e construções
 Desmatamento para exploração agrícola e agropecuária
 Causas naturais como erosão, enchentes, desmoronamentos, vendavais, etc.
 Aumento do fluxo de pessoas
 Aumento do fluxo de veículos

7. Utilizando-se do verso dessa folha e em outra anexa, procure, de forma simples e bem à vontade, desenvolver dois desenhos. Um representando uma paisagem que você considera como de sua preferência e outra que represente São Bento do Sapucaí.

8. Fale-me sobre você
Nome completo.....
Idade...28..... sexo M F
Endereço.....
e-mail..... telefones.....
Atividade profissional... Adm. Empresas.
Escolaridade... Superior completa
Local de hospedagem em São Bento do Sapucaí... Acomp. Rancho Alegre.

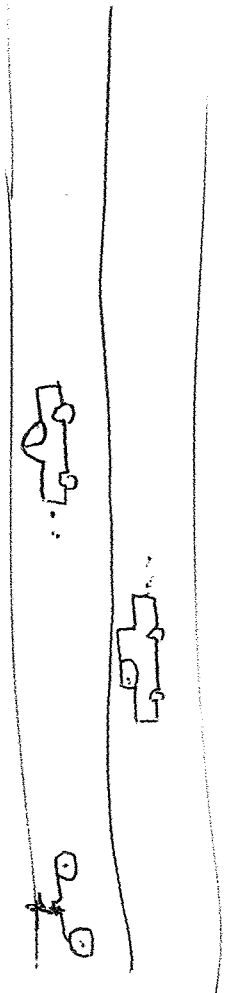
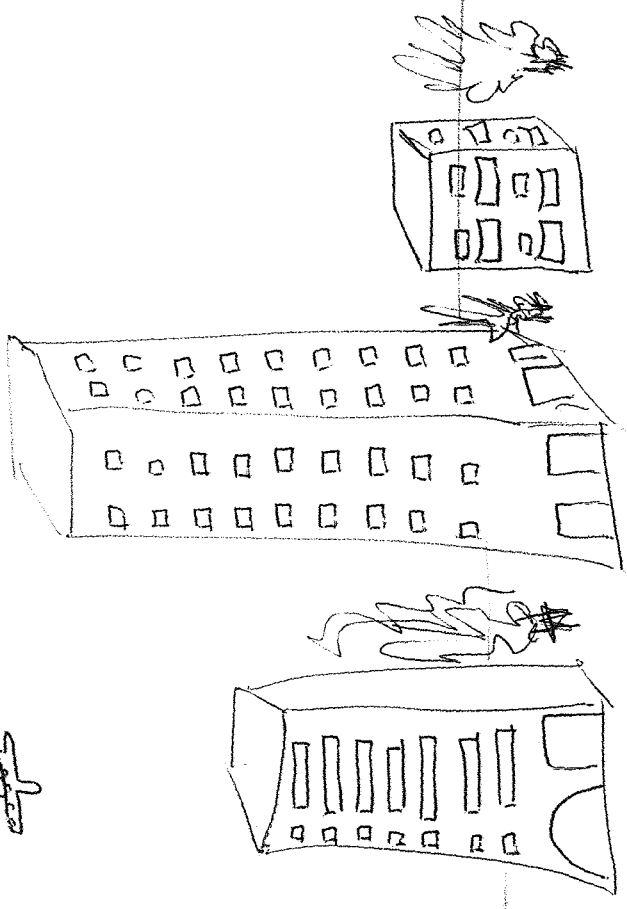
Maiores informações sobre essa pesquisa poderão ser obtidas com o pesquisador através do e-mail nsval@esalq.usp.br

334

São Bento Sopucon



Preferência





336



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

Caro Turista

É com grata satisfação que estamos em São Bento do Sapucaí desenvolvendo pesquisas para melhorar a qualidade dos serviços prestados a você turista, pelo poder público e pela iniciativa privada.

Solicito-lhe a gentileza de responder ao questionário abaixo com o máximo de clareza e dedicação para que possamos dar prosseguimento aos nossos trabalhos. Os dados aqui coletados são estritamente confidenciais.

Antecipadamente

Obrigado

1. Em ordem decrescente de sua preferência pessoal (preferido nº1 para o menos preferido nº15), classifique as paisagens abaixo:

- | | | |
|---|--|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com mar | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com lagos | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com cachoeiras |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com neve | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com matas fechadas | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com pastagens |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com agricultura | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com reflorestamento | <input checked="" type="checkbox"/> paisagem com montanhas |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com pessoas | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com animais | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens urbanas com prédios altos |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens urbanas sem prédios | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens urbanas com espaços livres e arborização | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com rios |

2. O que você entende por paisagem

Vista de algum lugar

3. Você costuma perceber alterações na paisagem, mesmo no seu cotidiano, como uma construção no fim da rua ou a mudança na cor da igreja do seu bairro?

- Sim não

4. Você frequenta São Bento do Sapucaí há muito tempo?

- Sim, desde..... não 1ª vez em São Bento

5. Se sim você percebeu alterações na paisagem dos locais que costuma frequentar?

- Sim, estão mais bonitas porque.....
 Sim estão mais feias por que.....
 Não percebi nenhuma mudança

6. Se sim, você imagina quais são os agentes causadores das alterações nas paisagens?

- Especulação imobiliária com parcelamento das propriedades e construções
 Desmatamento para exploração agrícola e agropecuária
 Causas naturais como erosão, enchentes, desmoronamentos, vendavais, etc.
 Aumento do fluxo de pessoas
 Aumento do fluxo de veículos

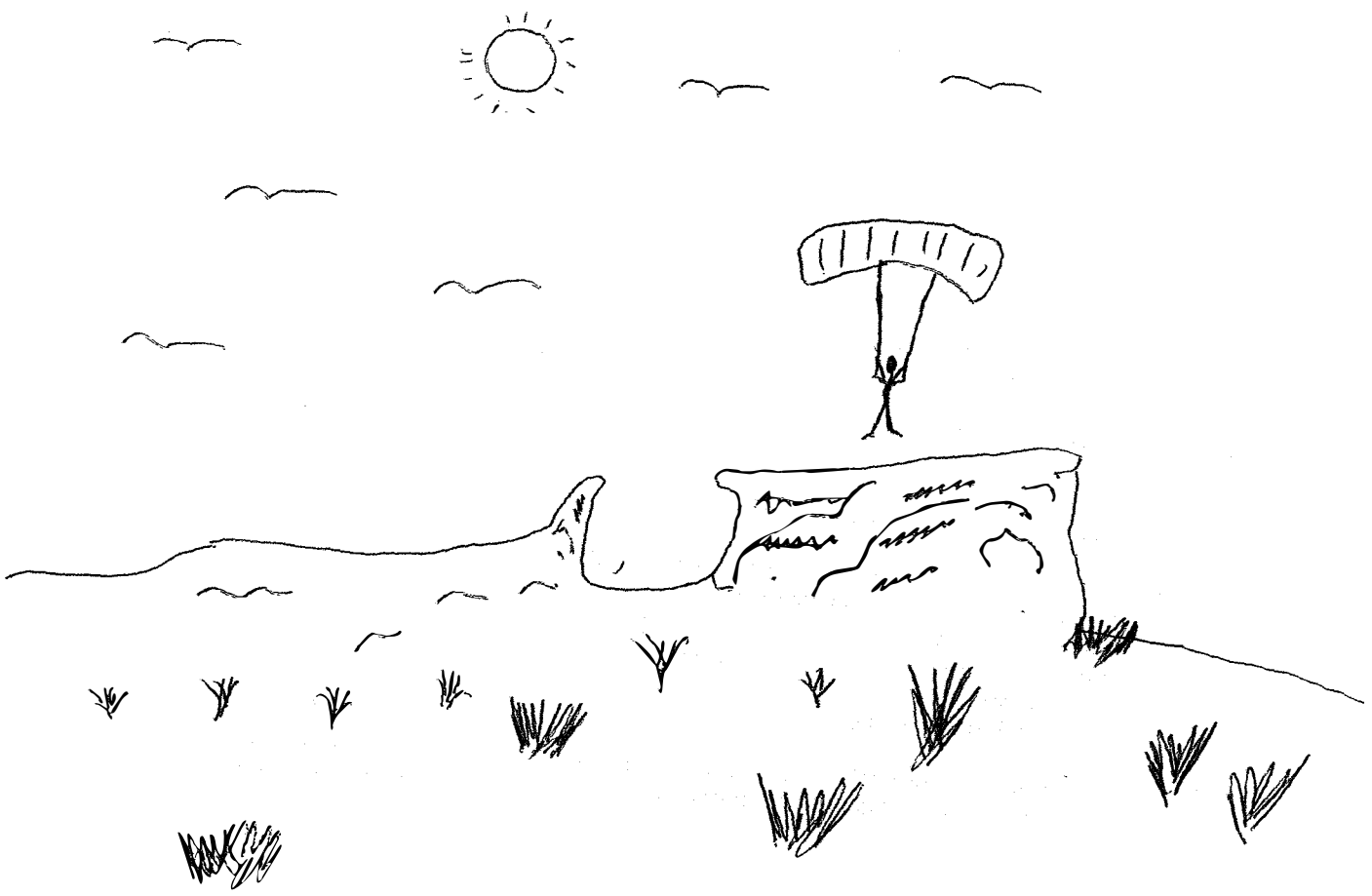
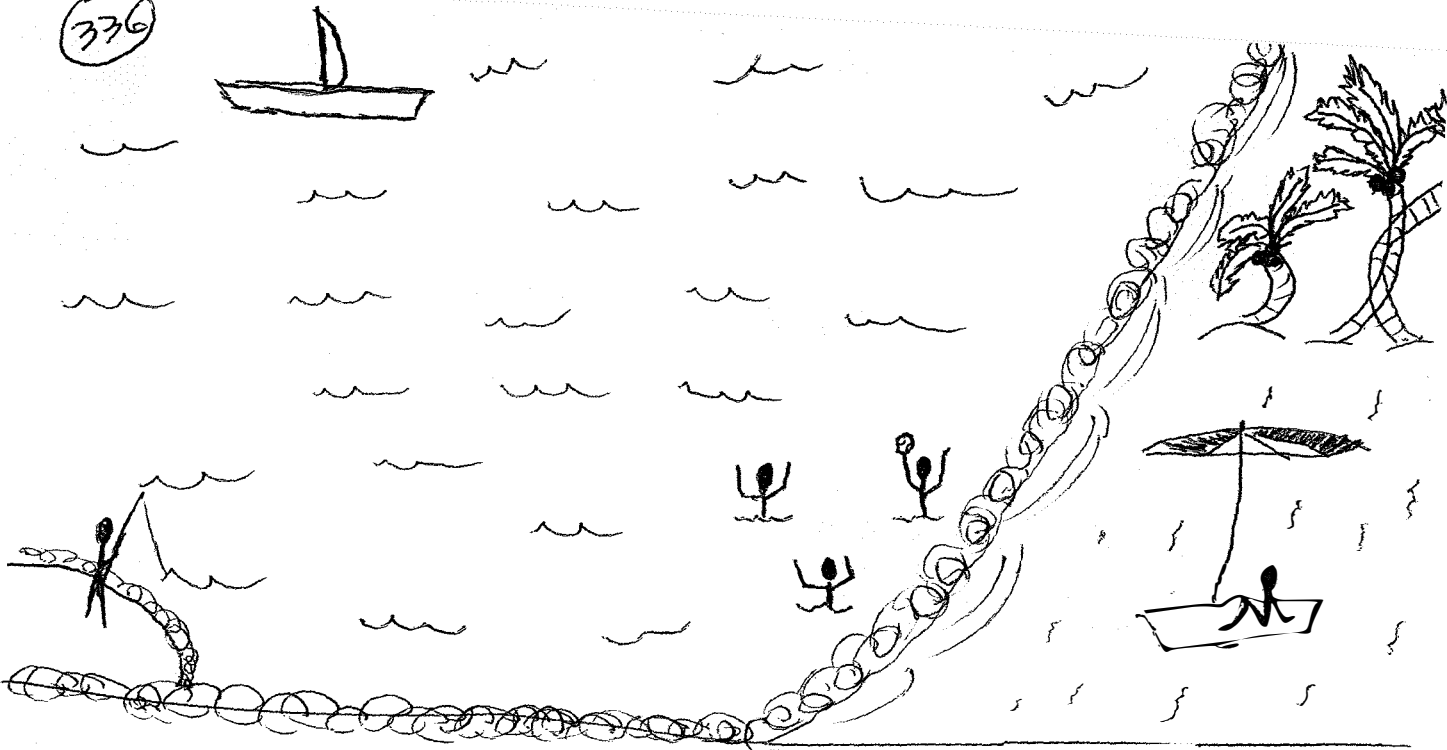
7. Utilizando-se do verso dessa folha e em outra anexa, procure, de forma simples e bem à vontade, desenvolver dois desenhos. Um representando uma paisagem que você considera como de sua preferência e outra que represente São Bento do Sapucaí.

8. Fale-me sobre você:

Nome completo.....
 Idade *24 anos* sexo M F
 Endereço..... *Vila Julieta - Berrê - RJ*
 e-mail..... telefones..... *(24)*
 Atividade profissional..... *Professora*
 Escolaridade..... *Superior completo*
 Local de hospedagem em São Bento do Sapucaí..... *Rancho Alegre*

Maiores informações sobre essa pesquisa poderão ser obtidas com o pesquisador através do e-mail nval@esalq.usp.br

336





998



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

Caro Estudante

É com grata satisfação que estamos em São Bento do Sapucaí desenvolvendo pesquisas para melhorar a qualidade dos serviços prestados a você ESTUDANTE, pelo poder público e pela iniciativa privada.

Solicito-lhe a gentileza de responder ao questionário abaixo com o máximo de clareza e dedicação para que possamos dar prosseguimento aos nossos trabalhos. Os dados aqui coletados são estritamente confidenciais.

Antecipadamente

Obrigado

1. Em ordem decrescente de sua preferência pessoal (preferido nº1 para o menos preferido nº15), classifique as paisagens abaixo:

- | | | |
|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> 1 Paisagens com mar | <input type="checkbox"/> 9 paisagens com lagos | <input type="checkbox"/> 2 paisagens com cachoeiras |
| <input type="checkbox"/> 5 Paisagens com neve | <input type="checkbox"/> 14 paisagens com matas fechadas | <input type="checkbox"/> 10 paisagens com pastagens |
| <input type="checkbox"/> 12 Paisagens com agricultura | <input type="checkbox"/> 13 paisagens com reflorestamento | <input type="checkbox"/> 3 paisagem com montanhas |
| <input type="checkbox"/> 6 Paisagens com pessoas | <input type="checkbox"/> 8 paisagens com animais | <input type="checkbox"/> 11 paisagens urbanas com prédios altos |
| <input type="checkbox"/> 15 Paisagens urbanas sem prédios | <input type="checkbox"/> 7 paisagens urbanas com espaços livres e arborização | <input type="checkbox"/> 4 paisagens com rios |

2. O que você entende por paisagem
Por a través da paisagem podemos perceber as características do local.

3. Você costuma perceber alterações na paisagem, mesmo no seu cotidiano, como uma construção no fim da rua ou a mudança na cor da igreja do seu bairro?
 Sim não

4. Você frequenta São Bento do Sapucaí há muito tempo?
 Sim, desde... 1997... não 1ª vez em São Bento

5. Se sim você percebeu alterações na paisagem dos locais que costuma frequentar?
 Sim, estão mais bonitas *por serem feitas com mais cuidado no local onde frequento*
 Sim estão mais feias por que
 Não percebi nenhuma mudança

6. Se sim, você imagina quais são os agentes causadores das alterações nas paisagens?
 Especulação imobiliária com parcelamento das propriedades e construções
 Desmatamento para exploração agrícola e agropecuária
 Causas naturais como erosão, enchentes, desmoronamentos, vendavais, etc.
 Aumento do fluxo de pessoas
 Aumento do fluxo de veículos

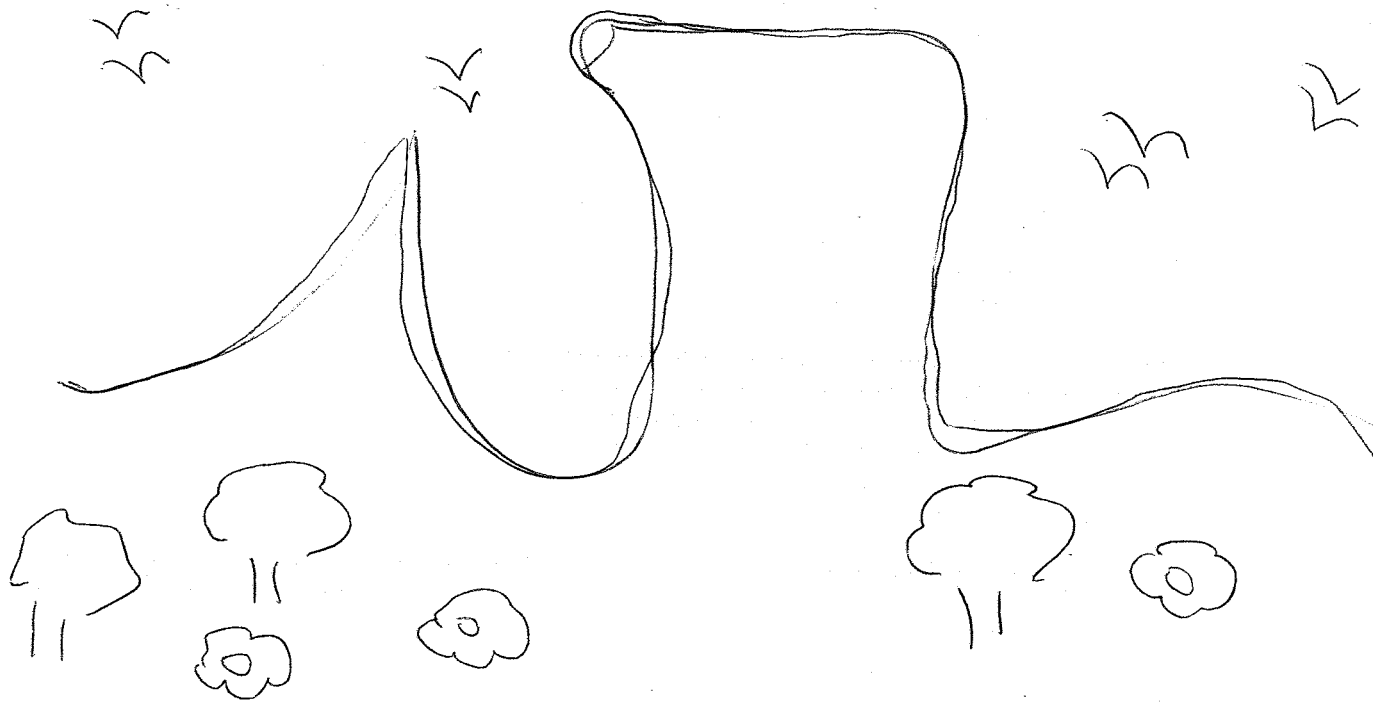
7. Utilizando-se do verso dessa folha e em outra anexa, procure, de forma simples e bem à vontade, desenvolver dois desenhos. Um representando uma paisagem que você considera como de sua preferência e outra que represente São Bento do Sapucaí. Não esqueça de dar um nome ao seu desenho.

8. Fale-me sobre você
Nome completo...
Idade: 21 anos... sexo M F
Endereço: Bairro de Santa-Galo...
e-mail... telefones...
Escolaridade: 3º colegial

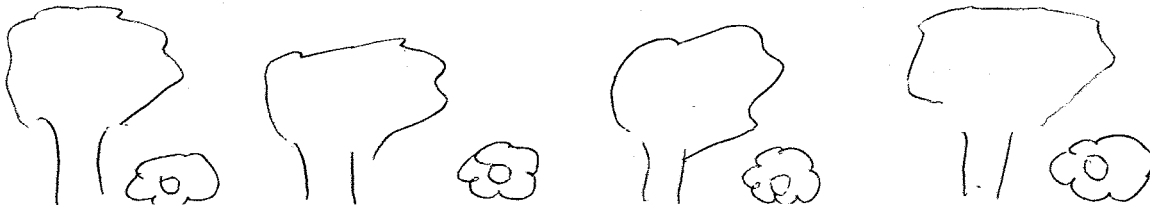
Maiores informações sobre essa pesquisa poderão ser obtidas com o pesquisador através do e-mail nsval@esalq.usp.br



paisagem com mar



São Bento do Sapucaí





1015



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

Caro Estudante

É com grata satisfação que estamos em São Bento do Sapucaí desenvolvendo pesquisas para melhorar a qualidade dos serviços prestados a você ESTUDANTE, pelo poder público e pela iniciativa privada.

Solicito-lhe a gentileza de responder ao questionário abaixo com o máximo de clareza e dedicação para que possamos dar prosseguimento aos nossos trabalhos. Os dados aqui coletados são estritamente confidenciais.

Antecipadamente

Obrigado

1. Em ordem decrescente de sua preferência pessoal (preferido nº1 para o menos preferido nº15), classifique as paisagens abaixo:

- | | | |
|---|--|---|
| <input type="checkbox"/> Paisagens com mar | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com lagos | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com cachoeiras |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com neve | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com matas fechadas | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com pastagens |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com agricultura | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com reflorestamento | <input checked="" type="checkbox"/> paisagem com montanhas |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com pessoas | <input type="checkbox"/> paisagens com animais | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens urbanas com prédios altos |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens urbanas sem prédios | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens urbanas com espaços livres e arborização | <input type="checkbox"/> paisagens com rios |

2. O que você entende por paisagem

tudo que me dá sensação de bem-estar

3. Você costuma perceber alterações na paisagem, mesmo no seu cotidiano, como uma construção no fim da rua ou a mudança na cor da igreja do seu bairro?

Sim

não

4. Você frequenta São Bento do Sapucaí há muito tempo?

Sim, desde 1990

não

1ª vez em São Bento

5. Se sim você percebeu alterações na paisagem dos locais que costuma frequentar?

Sim, estão mais bonitas porque *fizeram reformas nos lugares de acesso ao público*

Sim estão mais feias por que

Não percebi nenhuma mudança

6. Se sim, você imagina quais são os agentes causadores das alterações nas paisagens?

Especulação imobiliária com parcelamento das propriedades e construções

Desmatamento para exploração agrícola e agropecuária

Causas naturais como erosão, enchentes, desmoronamentos, vendavais, etc.

Aumento do fluxo de pessoas

Aumento do fluxo de veículos

7. Utilizando-se do verso dessa folha e em outra anexa, procure, de forma simples e bem à vontade, desenvolver dois desenhos. Um representando uma paisagem que você considera como de sua preferência e outra que represente São Bento do Sapucaí.

Não esqueça de dar um nome ao seu desenho.

8. Fale-me sobre você

Nome completo:

Idade: *15 anos*

sexo M F

Endereço

Bairro Campo de Santana São Bento do Sapucaí - SP

e-mail

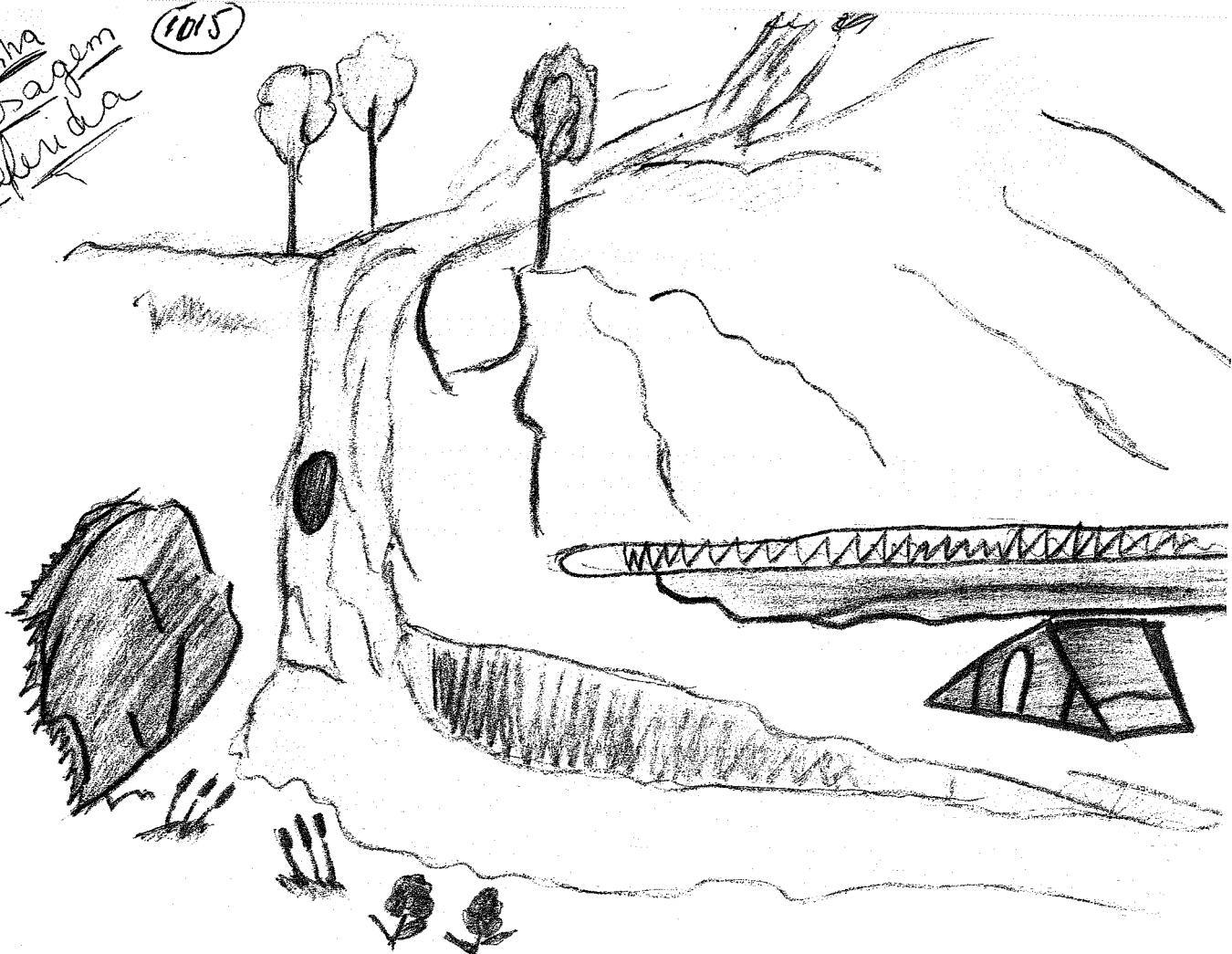
telefones

Escolaridade *1ª ano do ensino médio (cursando)*

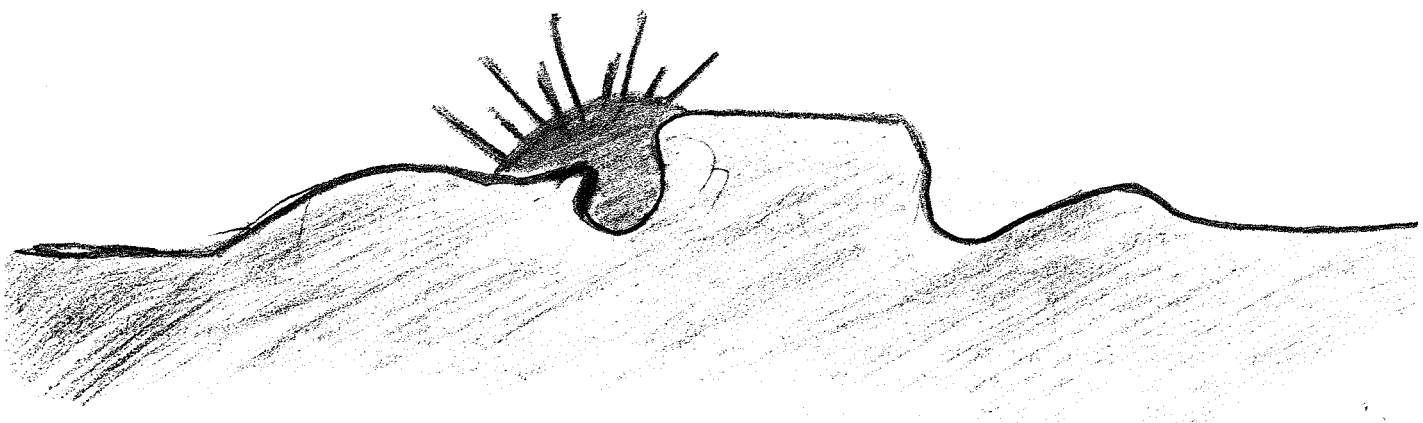
Maiores informações sobre essa pesquisa poderão ser obtidas com o pesquisador através do e-mail nsval@esalq.usp.br

minha
paisagem
preferida

(1015)



representa: São Bento do Sapucaí





1018



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

Caro Estudante

É com grata satisfação que estamos em São Bento do Sapucaí desenvolvendo pesquisas para melhorar a qualidade dos serviços prestados a você ESTUDANTE, pelo poder público e pela iniciativa privada.

Solicito-lhe a gentileza de responder ao questionário abaixo com o máximo de clareza e dedicação para que possamos dar prosseguimento aos nossos trabalhos. Os dados aqui coletados são estritamente confidenciais.

Antecipadamente

Obrigado

1. Em ordem decrescente de sua preferência pessoal (preferido nº1 para o menos preferido nº15), classifique as paisagens abaixo:

- | | | |
|--|--|---|
| 2 <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com mar | 3 <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com lagos | 10 paisagens com cachoeiras |
| 8 <input type="checkbox"/> Paisagens com neve | 7 <input type="checkbox"/> paisagens com matas fechadas | 10 <input type="checkbox"/> paisagens com pastagens |
| 13 <input type="checkbox"/> Paisagens com agricultura | 14 <input type="checkbox"/> paisagens com reflorestamento | 4 <input checked="" type="checkbox"/> paisagem com montanhas |
| 12 <input type="checkbox"/> Paisagens com pessoas | 6 <input type="checkbox"/> paisagens com animais | 15 <input type="checkbox"/> paisagens urbanas com prédios altos |
| 9 <input type="checkbox"/> Paisagens urbanas sem prédios | 11 <input type="checkbox"/> paisagens urbanas com espaços livres e arborização | 5 <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com rios |

2. O que você entende por paisagem

Paisagem para mim é rio, cachoeiras, montanhas, florestas, Lagos etc.

3. Você costuma perceber alterações na paisagem, mesmo no seu cotidiano, como uma construção no fim da rua ou a mudança na cor da igreja do seu bairro?

- Sim não

4. Você frequenta São Bento do Sapucaí há muito tempo?

- Sim, desde que nasceu não 1ª vez em São Bento

5. Se sim você percebeu alterações na paisagem dos locais que costuma frequentar?

- Sim, estão mais bonitas porque.....
 Sim estão mais feias por que.....
 Não percebi nenhuma mudança

6. Se sim, você imagina quais são os agentes causadores das alterações nas paisagens?

- Especulação imobiliária com parcelamento das propriedades e construções
 Desmatamento para exploração agrícola e agropecuária
 Causas naturais como erosão, enchentes, desmoronamentos, vendavais, etc.
 Aumento do fluxo de pessoas
 Aumento do fluxo de veículos

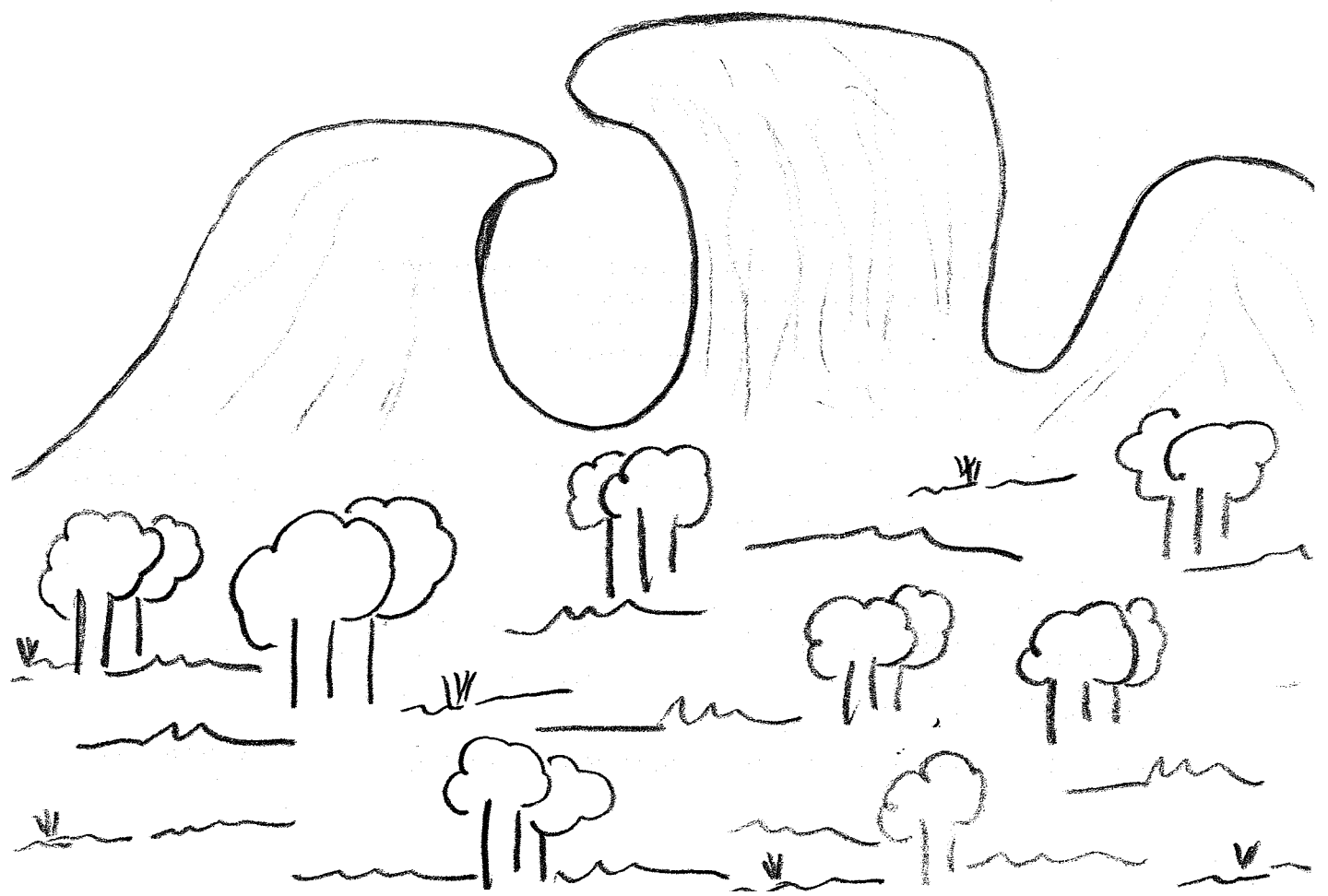
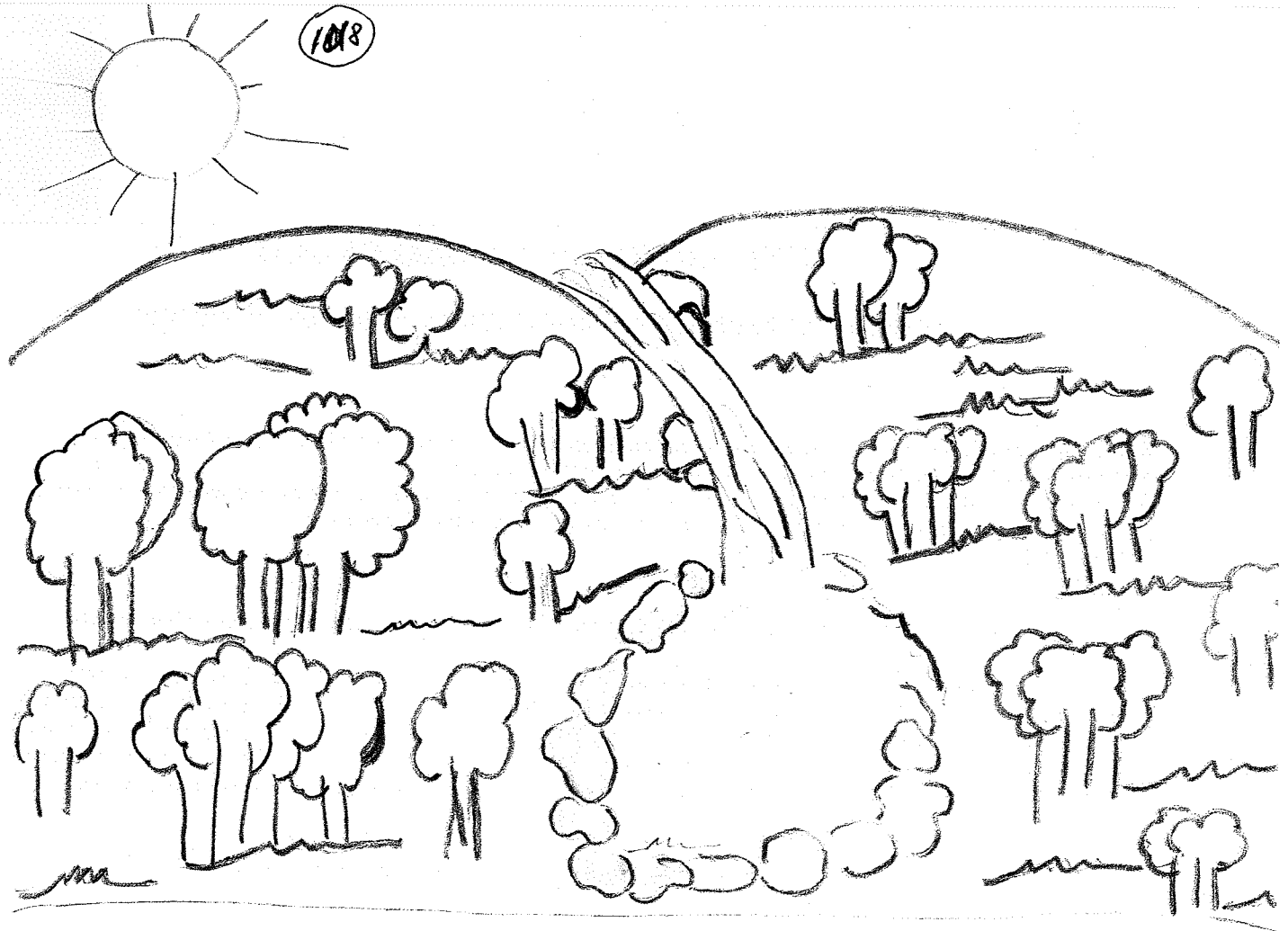
7. Utilizando-se do verso dessa folha e em outra anexa, procure, de forma simples e bem à vontade, desenvolver dois desenhos. Um representando uma paisagem que você considera como de sua preferência e outra que represente São Bento do Sapucaí. Não esqueça de dar um nome ao seu desenho.

8. Fale-me sobre você

Nome completo.....
Idade *15 anos* sexo M F
Endereço *Bairro da Orla*
e-mail..... telefones.....
Escolaridade *1º ano do ensino médio*

Maiores informações sobre essa pesquisa poderão ser obtidas com o pesquisador através do e-mail nsval@esalq.usp.br

1018





1055



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

Caro Estudante

É com grata satisfação que estamos em São Bento do Sapucaí desenvolvendo pesquisas para melhorar a qualidade dos serviços prestados a você ESTUDANTE, pelo poder público e pela iniciativa privada.

Solicito-lhe a gentileza de responder ao questionário abaixo com o máximo de clareza e dedicação para que possamos dar prosseguimento aos nossos trabalhos. Os dados aqui coletados são estritamente confidenciais.

Antecipadamente

Obrigado

1. Em ordem decrescente de sua preferencia pessoal (preferido nº1 para o menos preferido nº15), classifique as paisagens abaixo :

- | | | |
|---|--|---|
| <input type="checkbox"/> Paisagens com mar | <input type="checkbox"/> paisagens com lagos | <input type="checkbox"/> paisagens com cachoeiras |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com neve | <input type="checkbox"/> paisagens com matas fechadas | <input type="checkbox"/> paisagens com pastagens |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com agricultura | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com reflorestamento | <input type="checkbox"/> paisagem com montanhas |
| <input checked="" type="checkbox"/> Paisagens com pessoas | <input type="checkbox"/> paisagens com animais | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens urbanas com prédios altos |
| <input type="checkbox"/> Paisagens urbanas sem prédios | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens urbanas com espaços livres e arborização | <input checked="" type="checkbox"/> paisagens com rios |

2. O que você entende por paisagem
PAISAGEM É UMA DÁDIVA DE DEUS, UMA COISA PURA, NATURAL, NÃO AQUELAS QUE OS HOMENS DESMATAM DEPOIS REPLANTAM.

3. Você costuma perceber alterações na paisagem, mesmo no seu cotidiano, como uma construção no fim da rua ou a mudança na cor da igreja do seu bairro ?
 Sim não

4. Você frequenta São Bento do Sapucaí há muito tempo ?
 Sim, desde *DE CRIANÇA* não 1ª vez em São Bento

5. Se sim você percebeu alterações na paisagem dos locais que costuma frequentar ?
 Sim, estão mais bonitas porque.....
 Sim estão mais feias por que... *FORAM DESMATADAS.*
 Não percebi nenhuma mudança

6. Se sim, você imagina quais são os agentes causadores das alterações nas paisagens ?
 Especulação imobiliária com parcelamento das propriedades e construções
 Desmatamento para exploração agrícola e agropecuária
 Causas naturais como erosão, enchentes, desmoronamentos, vendavais, etc.
 Aumento do fluxo de pessoas
 Aumento do fluxo de veículos

7. Utilizando-se do verso dessa folha e em outra anexa, procure, de forma simples e bem à vontade, desenvolver dois desenhos. Um representando uma paisagem que você considera como de sua preferência e outra que represente São Bento do Sapucaí. Não esqueça de dar um nome ao seu desenho.

8. Fale-me sobre você
Nome completo.....
Idade *22 ANOS* sexo M F
Endereço.....
e-mail..... telefones *(0xx)..... CELULAR.....*
Escolaridade *ENSINO MÉDIO* ~~UNIVERSITÁRIO~~ *1º ANO*

Maiores informações sobre essa pesquisa poderão ser obtidas com o pesquisador através do e-mail nval@esalq.usp.br

PAISAGEM PREFERIDA

1055



CACHOEIRA DO
SERRANO
PREF.

REP. S.B.S



REPRESENTAÇÃO DE S. BENTO



2071 1068



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

Caro Estudante

É com grata satisfação que estamos em São Bento do Sapucaí desenvolvendo pesquisas para melhorar a qualidade dos serviços prestados a você ESTUDANTE, pelo poder público e pela iniciativa privada.

Solicito-lhe a gentileza de responder ao questionário abaixo com o máximo de clareza e dedicação para que possamos dar prosseguimento aos nossos trabalhos. Os dados aqui coletados são estritamente confidenciais.

Antecipadamente

Obrigado

1. Em ordem decrescente de sua preferencia pessoal (preferido nº1 para o menos preferido nº15), classifique as paisagens abaixo :

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Paisagens com mar | <input type="checkbox"/> paisagens com lagos | <input type="checkbox"/> paisagens com cachoeiras |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com neve | <input type="checkbox"/> paisagens com matas fechadas | <input type="checkbox"/> paisagens com pastagens |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com agricultura | <input type="checkbox"/> paisagens com reflorestamento | <input type="checkbox"/> paisagem com montanhas |
| <input type="checkbox"/> Paisagens com pessoas | <input type="checkbox"/> paisagens com animais | <input type="checkbox"/> paisagens urbanas com prédios altos |
| <input type="checkbox"/> Paisagens urbanas sem prédios | <input type="checkbox"/> paisagens urbanas com espaços livres e arborização | <input type="checkbox"/> paisagens com rios |

2. O que você entende por paisagem

..... CARACTERÍSTICA DE UM LUGAR.....

3. Você costuma perceber alterações na paisagem, mesmo no seu cotidiano, como uma construção no fim da rua ou a mudança na cor da igreja do seu bairro ?

- Sim não

4. Você frequenta São Bento do Sapucaí há muito tempo ?

- Sim, desde 1990..... não 1ª vez em São Bento

5. Se sim você percebeu alterações na paisagem dos locais que costuma frequentar ?

- Sim, estão mais bonitas porque.....
 Sim estão mais feias por que..... o rio está poluído.....
 Não percebi nenhuma mudança

6. Se sim, você imagina quais são os agentes causadores das alterações nas paisagens ?

- Especulação imobiliária com parcelamento das propriedades e construções
 Desmatamento para exploração agrícola e agropecuária
 Causas naturais como erosão, enchentes, desmoronamentos, vendavais, etc.
 Aumento do fluxo de pessoas
 Aumento do fluxo de veículos

7. Utilizando-se do verso dessa folha e em outra anexa, procure, de forma simples e bem à vontade, desenvolver dois desenhos. Um representando uma paisagem que você considera como de sua preferência e outra que represente São Bento do Sapucaí. Não esqueça de dar um nome ao seu desenho.

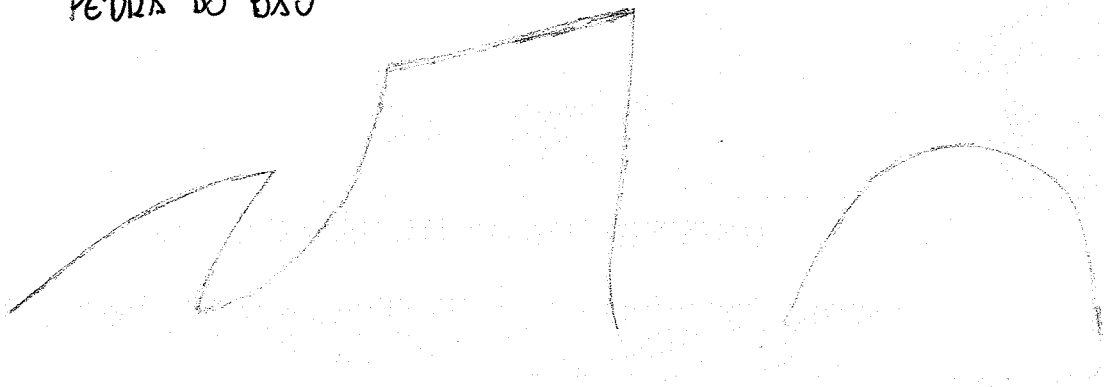
8. Fale-me sobre você

Nome completo.....
 Idade..... 14 ANOS..... sexo M F
 Endereço..... CAMPO MONTENHO.....
 e-mail.....
 Escolaridade..... 7º ANO ENSINO MÉDIO.....

Maiores informações sobre essa pesquisa poderão ser obtidas com o pesquisador através do e-mail nsval@esalq.usp.br

1068

PEDRA DO BASO



A Praia.

